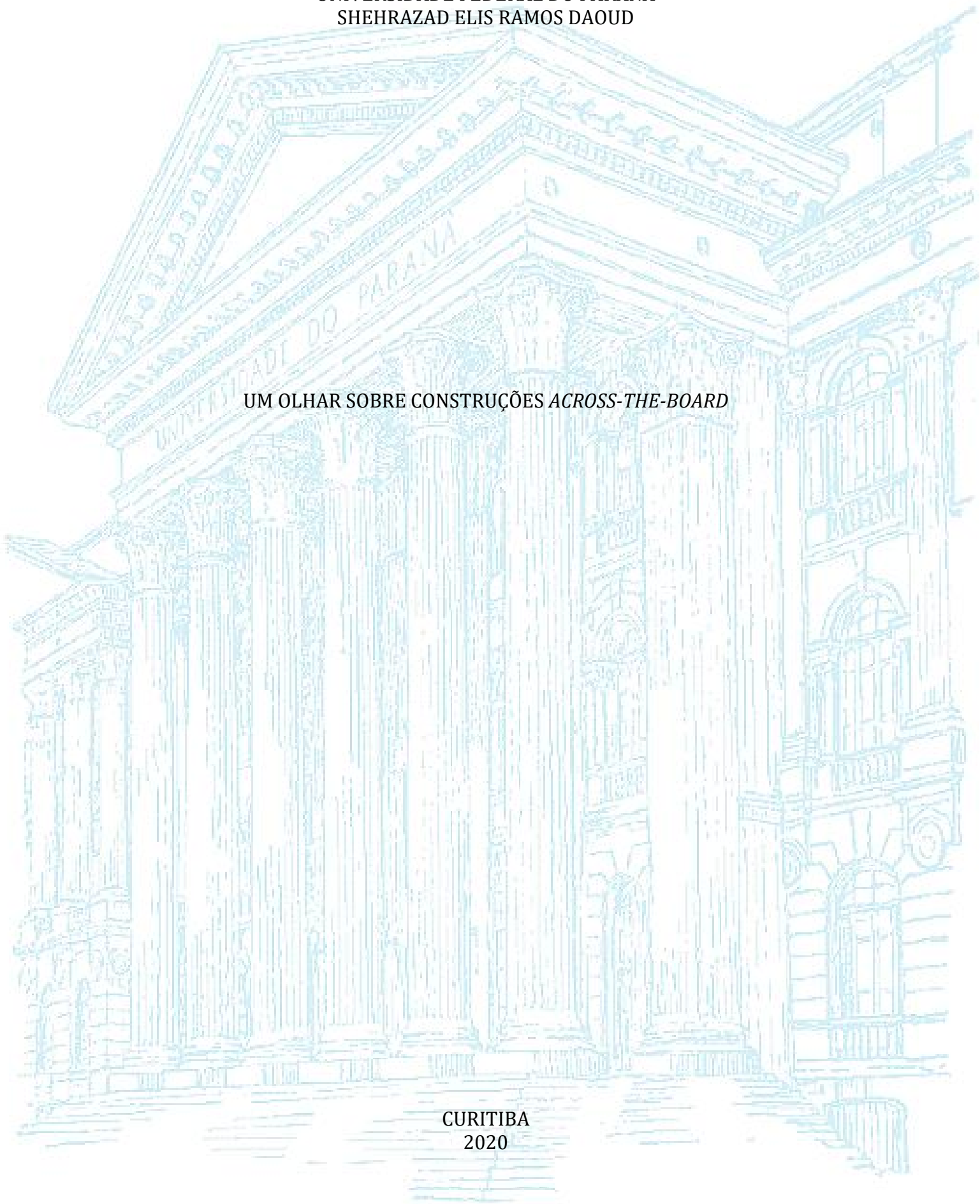


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SHEHRAZAD ELIS RAMOS DAOUD

UM OLHAR SOBRE CONSTRUÇÕES *ACROSS-THE-BOARD*

CURITIBA
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SHEHRAZAD ELIS RAMOS DAOUD

UM OLHAR SOBRE CONSTRUÇÕES *ACROSS-THE-BOARD*

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Guimarães Miranda

CURITIBA
2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Daoud, Shehrazad Elis Ramos

Um olhar sobre construções across-the-board. / Shehrazad Elis Ramos
Daoud. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Maximiliano Guimarães Miranda

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Linguística. I. Guimarães,
Maximiliano, 1972-. II. Título.

CDD – 469.05

ATA Nº976

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS

No dia vinte e oito de fevereiro de dois mil e vinte às 08:30 horas, na sala 1013, Rua General Carneiro, 460 - Ed. D. Pedro I - 10º andar, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **SHEHRAZAD ELIS RAMOS DAOUD**, intitulada: **Um olhar sobre construções *across-the-board***, sob orientação do Prof. Dr. MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná em LETRAS, foi constituída pelos seguintes Membros: MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), ANDREA KNOPFLE (PROFESSOR PESQUISADOR), ANDREW IRA NEVINS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 28 de Fevereiro de 2020.



MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



ANDREA KNOPFLE

Avaliador Externo (PROFESSOR PESQUISADOR)



ANDREW IRA NEVINS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **SHEHRAZAD ELIS RAMOS DAUD** intitulada: **Um olhar sobre construções *across-the-board***, sob orientação do Prof. Dr. MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Fevereiro de 2020.



MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



ANDREA KNOPFLE

Avaliador Externo (PROFESSOR PESQUISADOR)



ANDREW IRA NEVINS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor orientador, Maximiliano Guimarães, pela oportunidade e confiança, pelo apoio e, principalmente, pela dedicação e paciência. Agradeço *imensamente* pela contribuição à minha formação.

Aos membros da banca examinadora, Andrea Knöpfle e Andrew Nevins, pela disposição, atenção, sugestões e comentários. Agradeço também e igualmente à banca suplente, Maria Cristina Figueiredo Silva.

À banca de qualificação, Andrea Knöpfle e Marcelo Sibaldo, pela leitura atenta e pelas importantes recomendações.

Às professoras do Programa, Maria José Foltran, Maria Cristina Figueiredo Silva, Lígia Negri, Patrícia Rodrigues e Teresa Wachowicz, por estarem presentes na minha formação e pela contribuição para o meu trabalho.

Às professoras Andrea Knöpfle e Luana de Conto pelo incentivo.

Aos colegas e amigos do curso, pelo trabalho juntos e pela amizade. Especialmente, Alana Berton, Andressa D'Ávila, Jéssica Beatriz de Almeida, Maria Gabriel, Suzi Ferraz e Thais Deschamps. À Thais agradeço também pelas discussões sobre este trabalho e por toda a ajuda com o texto e traduções.

Aos informantes que participaram do experimento.

À secretaria do Programa, em especial à secretária Thais Mannala, por toda a ajuda e atenção.

À coordenação do Programa, pelo apoio e compreensão.

À Capes, pelo apoio financeiro.

Àqueles que, mesmo não envolvidos diretamente com minha pesquisa, foram essenciais para seu desenvolvimento. Agradeço à minha família pelo amor e apoio incondicionais.

Ao Matheus, por tudo.



JORGE CHAM ©THE STANFORD DAILY

phd.stanford.edu/comics

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de investigação as construções com dependências *across-the-board* (ATB). Dentre os vários tipos de construções ATB, este estudo se ocupa especificamente daquelas que envolvem interrogativas com extração ATB de sintagmas WH em coordenações. Essas estruturas são caracterizadas, de modo geral, pela existência de um único elemento WH frontado que é associado simultaneamente a mais de uma lacuna, como em *Quantos livros a Maria comprou _ e o Paulo vendeu _*? Nesse tipo de dado, mais de uma lacuna parece depender de um mesmo antecedente para ser licenciada, em configurações que constituem uma exceção à restrição sobre estruturas coordenadas (*Coordinate Structure Constraint* – Ross (1967)), que, em geral, impede extração a partir de domínios de coordenação, como exemplificado pela inaceitabilidade de dados como **Quantos livros a Maria comprou _ e Paulo vendeu São Bernardo* e **Quantos livros Maria comprou São Bernardo e Paulo vendeu _*. O objetivo deste trabalho é contribuir para a análise do fenômeno partindo da observação de algumas de suas propriedades e da discussão de alguns tratamentos já propostos na literatura, tanto para as construções ATB quanto para a estrutura sintagmática da coordenação. A partir desses tratamentos prévios, assumo, restringindo a discussão a dados de coordenação com dois elementos coordenados, que a coordenação envolve uma estrutura sintática assimétrica, em que há uma relação de c-comando estabelecida (assimetricamente) do primeiro termo coordenado em relação ao segundo. Além disso, adoto a análise de Citko (2005) para um subconjunto dos dados em análise, que trato aqui como *construções ATB verdadeiras*. Nessa proposta, um único elemento WH é frontado, sendo compartilhado paralelamente entre os diferentes sintagmas coordenados. Por se tratar de um único sintagma WH sendo compartilhado, há a previsão de que (i) a interpretação das lacunas corresponda a um único elemento (i.e., prevê-se uma 'leitura de identidade'), e que (ii) não haja assimetrias nos efeitos de reconstrução. Apesar de essas predições estarem em acordo com uma parcela significativa dos dados, há ocorrências em que (i) e (ii) não se aplicam, e.g. *Quantos livros Maria comprou _ hoje e Pedro vai escrever _ amanhã?* em que uma leitura de não identidade é possível e *Qual foto de si mesmo_i Pedro_i revelou _ e Maria emoldurou _*? em contraste com **Qual foto de si mesmo_i Maria revelou _ e Pedro_i emoldurou _*, em que há assimetria no efeito de reconstrução. Tendo em vista a divisão da base empírica em relação à (não) apresentação das propriedades (i) e (ii), a hipótese assumida neste trabalho estabelece que construções **sem** as propriedades (i) e (ii) não teriam, genuinamente, uma relação de dependência ATB, constituindo, assim, instâncias de *falso-ATB*. Assumindo que sintagmas de qualquer categoria podem ser coordenados, casos de ATB verdadeiro seriam derivados, grosso modo, a partir da coordenação de sintagmas entre TP e VP. Já a derivação de estruturas de falso-ATB envolveria a coordenação de CPs e se daria de modo distinto das construções ATB verdadeiras: ao invés de um único elemento WH ser compartilhado por várias posições, cada lacuna estaria associada a uma cadeia de movimento WH distinta, havendo elipse dos elementos WH não iniciais. Dessa forma, as diferentes propriedades observadas nos dados em estudo seriam resultantes de ambiguidade estrutural que, por sua vez, seria reflexo das várias possibilidades de coordenação disponíveis.

Palavras-chave: Extrações *across-the-board*. Coordenação. Interrogativas WH. Falso-ATB.

ABSTRACT

This thesis investigates across-the-board constructions (ATB), with a particular focus on ATB extraction of Wh-phrases in coordinated interrogative clauses. These constructions generally consist of a single fronted Wh-phrase that is simultaneously associated to more than one gap, e.g. *Quantos livros a Maria comprou _ e o Paulo vendeu _ ?* ['How many books did Mary buy _ and Paul sell _?']. In these data, multiple gaps seem to depend on the same antecedent to be licensed, a configuration that is an exception to the Coordinate Structure Constraint (Ross 1967). This constraint bars extraction from coordination domains, as instantiated by the unacceptability of data such as * *Quantos livros a Maria comprou _ e Paulo vendeu São Bernardo* [* How many books did Mary buy _ and Paulo sell Of Mice and Men'] and * *Quantos livros Maria comprou São Bernardo e Paulo vendeu _* [* How many books did Mary buy Of Mice and Men and Paul sell _']. This thesis contributes to the analysis of this phenomenon by describing some of its properties and discussing some previous proposals in the literature, both for ATB constructions and for the structure of coordination. Based on these proposals, and restricting the discussion to coordination of two elements, I assume coordination involves an asymmetric syntactic structure in which a(n asymmetric) c-command relation holds between the two conjuncts, the first one c-commanding the second. I follow Citko (2005) for the analysis of a subset of the data, which I call *true ATB constructions*. This proposal suggests that a single Wh-phrase is fronted, which is shared by the conjuncts (Parallel Merge). As there is only one shared Wh-phrase, there is the prediction (i) that interpretation of the gaps corresponds to a single element ('single identity reading'), and (ii) that there are no asymmetries in reconstruction effects. Although a significant portion of the data conforms to these predictions, there are cases in which (i) and (ii) do not apply, e.g. *Quantos livros Maria comprou _ hoje e Pedro vai escrever _ amanhã?* ['How many books did Maria buy _ today and Pedro will write _ tomorrow?'], in which a non-identity reading is possible; and *Qual foto de si mesmo_i Pedro_i revelou _ e Maria emoldurou _ ?* ['Which photo of himself did Pedro_i develop _ and Maria frame _ ?'] (in contrast to * *Qual foto de si mesmo_i Maria revelou _ e Pedro_i emoldurou _* [* What photo of himself did Maria develop _ and Pedro_i frame _?']), in which there is asymmetry in the reconstruction effects. In view of the division in the data regarding the presence of properties (i) and (ii), I assume the hypothesis that constructions without the properties (i) and (ii) do not display a genuine ATB dependency relationship, thus constituting instances of *false-ATB*. Assuming that phrases of any category can be coordinated, cases of true ATB would be derived, roughly speaking, from the coordination of phrases between TP and VP. Derivation of false-ATB constructions would in turn involve coordination of CPs and follow a different path: instead of a single Wh-phrase that is shared by multiple gaps, each gap is linked to a distinct Wh-movement chain, and the non-initial Wh-phrases are deleted (ellipsis). Therefore, the distinct set of properties observed in the data would result from a structural ambiguity, which in turn would reflect different coordination possibilities.

Keywords: ATB extractions. Coordination. Wh interrogative clauses. False-ATB.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	QUESTÕES INICIAIS: ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A ESTRUTURA DA COORDENAÇÃO.....	14
2.1	EVIDÊNCIA PARA HIERARQUIA NA COORDENAÇÃO	15
2.2	DISCUTINDO ALGUMAS DAS PROPOSTAS DE ESTRUTURAS HIERARQUIZADAS	20
2.2.1	Estruturas de <i>especificador e complemento</i>	20
2.2.2	Estruturas derivadas por meio de adjunção.....	28
2.3	ESTRUTURA ADOTADA NESTE ESTUDO	32
2.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	40
3	CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO	42
3.1	RESTRIÇÃO SOBRE ESTRUTURAS COORDENADAS (CSC).....	42
3.2	DEPENDÊNCIAS ACROSS-THE-BOARD.....	47
3.3	CONSTRUÇÕES ATB: ALGUMAS DIREÇÕES ANALÍTICAS	48
3.3.1	Extração simétrica	49
3.3.2	Extração assimétrica	54
3.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	59
4	ESTENDENDO A DISCUSSÃO	61
4.1	APRESENTAÇÃO DA HIPÓTESE.....	61
4.2	LEITURAS ATB E NÃO-ATB: UM EXPERIMENTO PILOTO.....	63
4.2.1	Materiais e procedimento de aplicação	64
4.2.2	Resultados e discussão.....	71
4.3	ASPECTOS DA PROPOSTA E DISCUSSÃO DE EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS	77
4.3.1	Grupo A: Construções ATB verdadeiras	77
4.3.1.1	Características e previsões	77
4.3.1.2	Leituras ATB e não-ATB.....	78
4.3.1.3	(As)simetrias nos efeitos de reconstrução.....	80
4.3.2	Grupo B: casos de falso-ATB	82
4.3.2.1	Características e previsões	82
4.3.2.2	Mais algumas questões empíricas.....	85
4.3.2.3	(As)simetrias nos efeitos de reconstrução.....	88
4.4	SÍNTESE DO CAPÍTULO	90
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
	REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta dissertação corresponde à ocorrência de extração *across-the-board* (ATB) de constituintes WH em coordenações. Esse tipo de configuração está relacionada a um conjunto de outros fenômenos aparentados envolvendo dependências ATB em estruturas coordenadas, que foram originalmente apresentados por Ross (1967) como situações de exceção à restrição sobre estruturas coordenadas (CSC – *Coordinate Structure Constraint*), e que vêm sendo objeto de estudo desde então (e.g. Willians (1978); Postal (1993); Hornstein e Nunes (2002); Citko (2005); Bruening e Al Khalaf (2017); Georgi (2019); entre outros). Resumidamente, ATB corresponde a uma série de fenômenos caracterizados pelo estabelecimento de uma relação de dependência *de um para vários* em estruturas coordenadas. Neste trabalho, interessam dados envolvendo frenteamento de sintagmas WH, como em (I):

(I) Qual funcionário o Pedro contratou _ e a Maria demitiu _ ?

Em termos meramente observacionais,ⁱ o que (I) apresenta é a extração simultânea de [*qual funcionário*] a partir dos dois termos coordenados. Dito de outra forma, o sintagma [*qual funcionário*] é simultaneamente interpretado como objeto de *contratou* e de *demitiu*. Além disso, a leitura mais saliente (senão a única disponível) é a de que se trata do mesmo indivíduo em ambas as situações descritas pela sentença. Dados como esses configuram uma exceção à restrição sobre estruturas coordenadas (CSC (cf. cap. 3)), relacionada à inaceitabilidade dos dados a seguir e ao estatuto de ilha geralmente atribuído às coordenações.

(II) * Qual funcionário o Pedro contratou a Flávia e a Maria demitiu _ ?

(III) * Qual funcionário o Pedro contratou _ e a Maria demitiu a Flávia?

As extrações dos objetos de *demitiu* em (II) e de *contratou* em (III) são proibidas, como previsto a partir da CSC, que estabelece a impossibilidade de se extrair componentes (a partir) de estruturas coordenadas. No entanto, quando a extração

ⁱ Cf. Chomsky (1964, cap. 2) para uma discussão sobre os níveis de adequação linguística *observacional* (descrição dos achados empíricos), *descritivo* (descrição do sistema gerador que subjaz aos dados linguísticos, i.e., descrição da competência) e *explicativo* (descrição/explicação do processo de aquisição).

ocorre *across-the-board*, isto é, de modo ‘simultâneo’ a todos os termos coordenados, como em (I), a CSC não se aplica.

A necessidade de que as operações envolvendo coordenações sejam aplicadas *across-the-board* leva a se propor, em algumas análises, que as estruturas coordenadas estejam sujeitas a algum tipo de paralelismo estrutural (e.g. Hornstein e Nunes (2002)). Quando elementos relacionados à Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981) são incluídos nos dados, algumas ocorrências parecem reforçar o paralelismo entre os termos coordenados:

- (IV) a. * Whose_i mother did we talk to and he_i never visit?
b. * Whose_i mother did he_i never visit and we talk to?

(CITKO 2005, p. 492)

A agramaticalidade dos dados em (IV) indica que o sintagma WH frontado foi reconstruído em ambos os termos coordenados.ⁱⁱ No entanto, o cenário é mais intrincado do que pode parecer à primeira vista. Primeiramente, se (IV) parece apresentar evidência de efeitos de reconstrução simétricos, (V), a seguir, exhibe uma assimetria entre o primeiro e o segundo termos coordenados:

- (V) a. * Which picture of John_i did he_i like _ and Mary dislike _ ?
b. Which picture of John_i did Mary like _ and he_i dislike _ ?

(CITKO, 2005, p. 494)

Além disso, é possível encontrar ocorrências que exibem uma leitura de não identidade (i.e., em que cada lacuna pode ser interpretada como um objeto ou indivíduo distinto):ⁱⁱⁱ

- (VI) Quantas páginas o Paulo leu _ ontem e a Maria vai escrever _ amanhã?

O contraste entre dados como (IV) e (V), de um lado, e a possibilidade de uma leitura de não identidade em dados como (VI), de outro, constituem o ponto de partida

ⁱⁱ Para os propósitos deste trabalho, são analisados dados envolvendo dois termos coordenados. Porém, cabe observar, desde já, que o fenômeno em questão não está restrito a coordenações com mais de dois termos coordenados, ainda que dados de ATB envolvendo três ou mais termos coordenados não estejam incluídos no escopo desta pesquisa em sua fase atual.

ⁱⁱⁱ Também em função do recorte adotado para a pesquisa em sua etapa atual não será abordada a (im)possibilidade de as lacunas corresponderem a diferentes posições argumentais.

da hipótese em investigação neste trabalho. Em síntese, proponho que dados com as propriedades de (V-VI) possuem uma estrutura subjacente distinta daquela dos dados (I) (com uma leitura de identidade) e (IV), e que apenas estes últimos constituem ocorrências verdadeiras de ATB, havendo uma única cadeia de movimento construída por meio de compartilhamento de estruturas, conforme a proposta de Citko (2005). Dados como (V-VI), apesar de semelhantes na superfície (em algumas línguas), seriam formados por duas cadeias WH separadas em coordenações de CPs, o que estaria relacionado às assimetrias de reconstrução e de leitura que podem emergir nesse tipo de construção.

Como ficará claro ao longo do texto, trata-se de uma hipótese tentativa, que toma como caminho analítico a interação entre assunções a respeito da estrutura de coordenação (como as categorias que podem ser coordenadas, por exemplo), buscando derivar parte dos resultados empíricos associados ao fenômeno, e que poderá vir a ser mais bem elaborada e testada em trabalhos futuros.

Para o desenvolvimento da análise, se faz necessário, primeiramente, estabelecer qual a estrutura de coordenação que se assume no trabalho. Com base em questões empíricas e teóricas, assumo que a coordenação é assimétrica e hierárquica, tendo como núcleo o coordenador (conjunção de coordenação). Também assumo que a primeira parte da coordenação é adjungida à unidade formada pelo coordenador e a segunda parte da coordenação (levando-se em conta coordenações de dois elementos). Essa estrutura, associada a um mecanismo de adjunção sensível à distinção entre *categoria* e *segmento de categoria* (MAY, 1985; CHOMSKY, 1986), daria um estatuto especial à primeira parte da coordenação, que poderia, ainda, funcionar de maneira análoga a um especificador.

Uma vez estabelecida a estrutura da coordenação, a discussão se encaminha para a caracterização das construções com extração ATB de sintagmas WH, que é feita a partir da definição da CSC e da apresentação de propostas de análise disponíveis na literatura. Em seguida, a hipótese em investigação neste trabalho é apresentada e discutida.

A partir do que foi adiantado acima, considero que *construções ATB verdadeiras* se opõem a ocorrências de *falso-ATB*, pois somente no primeiro caso haveria, genuinamente, o fracionamento *across-the-board* de um constituinte WH a partir de estruturas coordenadas. Para tratar os dados de ATB verdadeiro, adoto a análise via

Merge paralelo proposta por Citko (2005). Uma vez que coordenações de CPs não permitiriam a formação de construções ATB verdadeiras, assumo que interrogativas WH formadas a partir da coordenação de CPs e de operações de elipse seriam possíveis, mas teriam propriedades distintas das construções ATB verdadeiras, instanciando estruturas de falso-ATB.

Uma vez assumida essa possibilidade, procuro discutir algumas de suas previsões. Para suportar essa discussão, um experimento piloto realizado no âmbito deste trabalho tem seus resultados expostos e avaliados como parte do capítulo referente à proposta de análise. Adiantando em linhas gerais, o objetivo do experimento foi checar a emergência de leituras de não identidade em dados similares a (VI), o que foi atestado nos resultados obtidos.

A organização do trabalho é a seguinte: no capítulo a seguir são discutidas questões sobre a estrutura sintagmática da coordenação. No capítulo 3, a CSC é apresentada em maior detalhe, juntamente com uma caracterização das estruturas com extração ATB. Nesse mesmo capítulo também são brevemente discutidos alguns tratamentos encontrados na literatura para o fenômeno em análise. No capítulo 4 apresento hipótese deste estudo, bem como os resultados do experimento piloto e discussão de questões empíricas relacionadas à proposta. No capítulo 5 são apresentadas as considerações finais deste estudo.

2 QUESTÕES INICIAIS: ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A ESTRUTURA DA COORDENAÇÃO

Conforme apresentado na introdução, o fenômeno de que se ocupa esta pesquisa está relacionado às estruturas de coordenação, razão pela qual sua organização sintática será brevemente discutida neste capítulo.¹ Tal discussão parte das propriedades que devem estar presentes na estrutura adotada, dado o impacto que ela poderá ter na análise dos dados de dependências *across-the-board* em coordenações com interrogativas WH. Em síntese, serão apresentadas evidências em favor das seguintes propriedades: (i) existência de c-comando assimétrico entre as partes da coordenação; (ii) relação de maior proximidade sintática entre a conjunção de coordenação e a segunda parte da coordenação.

Dentre as possíveis estruturas que permitem derivar (i) e (ii), serão revisadas propostas estrutura de especificador-complemento e de adjunção. A configuração que será assumida combina características desses dois tipos de propostas, assumindo que a conjunção de coordenação corresponde ao núcleo do sintagma coordenativo, que toma

¹ Para os propósitos deste trabalho, as ocorrências de coordenação analisadas se restringem àquelas envolvendo dois termos coordenados, ainda que coordenações de mais elementos sejam igualmente possíveis, dado que uma das características desse tipo de construção é a possibilidade de se incluir estruturas de coordenação dentro de coordenações maiores:

- (i) a. Maria comprou *canetas e lápis (e borrachas (e cadernos))*.
b. Maria comprou *canetas, lápis, borrachas e cadernos*.

Em português, é possível que os elementos coordenados, a partir do segundo, sejam introduzidos pelo coordenador (ia), ainda que não haja obrigatoriedade da presença do coordenador em cada termo coordenado, à exceção do último (ib). Além disso, nos exemplos acima, o primeiro item coordenado não é introduzido por coordenador, aspecto que diferencia esse par do dado (ii). A possibilidade de encaixamento de estruturas de coordenação em coordenações maiores se torna mais flagrante quando são observados dados em que o coordenador introduz necessariamente cada um dos itens coordenados, algo que acontece em algumas construções de línguas como japonês. Em (ii), por exemplo o coordenador ‘-mo’ ocorre em cada um dos termos coordenados, obrigatoriamente (cf. Morita (2018, p. 23)):

- (ii) John-mo Ken-mo Mary-mo (tatakatta.) (Japonês)
John-e Ken-e Mary-e (lutaram)
‘John, Ken, e Mary (lutaram (respectivamente))’
(MORITA, 2018, p. 29)

Mesmo que seja possível considerar a atribuição de um estatuto diferente para o primeiro coordenador no dado (ii) (cf. n. 10), o conjunto (i-ii) apresenta o encaixamento de uma estrutura coordenada em outra para formar uma unidade maior (que é tomada como complemento verbal em (i) e como sujeito em (ii)), evidenciando a ausência de um número limite de elementos coordenados nessas construções, ainda que neste trabalho, como apontado acima, sejam consideradas apenas ocorrências envolvendo dois elementos coordenados.

um dos termos coordenados como complemento, formando uma projeção máxima que recebe como adjunto outro termo coordenado.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: a seção 2.1 apresenta evidências da relação de hierarquia entre os elementos da coordenação. Na seção 2.2 são revisadas algumas das configurações de coordenação capazes de garantir as relações de hierarquia caracterizadas em 2.1. A geometria adotada neste trabalho é apresentada e discutida em 2.3. A última seção apresenta uma síntese do capítulo.

2.1 EVIDÊNCIA PARA HIERARQUIA NA COORDENAÇÃO

A forma básica da coordenação consiste em dois ou mais **termos coordenados** (partes da coordenação),² geralmente ligados por um **coordenador** (i.e., uma conjunção de coordenação, como *e*, *ou* e *mas*). Na esteira de Haspelmath (2004), pode-se afirmar, grosso modo, que uma construção [X Y] corresponderia a uma coordenação nos casos em que ambas as partes X e Y têm o mesmo estatuto, isto é, nos casos em que nenhuma delas fosse claramente mais saliente ou importante do que a outra estruturalmente.

Esse esboço de definição busca refletir a observação de que algumas das ocorrências típicas de coordenação parecem, à primeira vista, não exibir quaisquer relações hierárquicas entre seus elementos, como em “Maria comprou *canetas e lápis*”. Nesse dado, é a coordenação que permite a inclusão de mais de um elemento como complemento de *comprar* (em contraste com “* Maria comprou *canetas lápis*”),³

² Elementos que, normalmente, são do mesmo tipo categorial, ainda que coordenações envolvendo categorias diferentes sejam possíveis se os termos coordenados compartilharem certas propriedades:

(ia) casa [[^{AP} antiga] e [^{PP} de madeira]]; (ib) casa [[^{AP} antiga]; (ic) casa [^{PP} de madeira]].

Em (ia), ainda que os elementos coordenados sejam de categorias distintas, uma propriedade relevante que ambos compartilham é a possibilidade de serem relacionados separadamente com o nome, como demonstram (ib) e (ic). Isso indica que, apesar de serem sintagmas de categorias distintas, eles são similares no que se refere à relação que mantêm com o elemento com o qual a coordenação se combina (porém, cf. 2.3). Convém observar, também, que mesmo quando a coordenação envolve elementos de uma mesma categoria é necessário que haja algum tipo de compatibilidade entre os termos coordenados e a relação que estes mantêm com o elemento com que a coordenação se combina:

(iia) escola [^{AP} impressionista]; (iib) escola [^{AP} azul]; (iic) * escola [[^{AP} impressionista] e [^{AP} azul]]; (iic') * escola [[^{AP} azul] e [^{AP} impressionista]].

Se, por um lado, (i) exemplifica a possibilidade de elementos de categorias distintas serem coordenados, (ii) permite inferir que a identidade categorial dos termos coordenados, apesar de muito relevante, não é suficiente para assegurar a boa formação da coordenação.

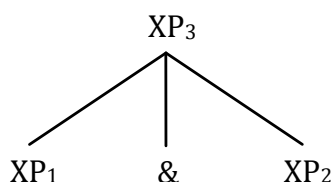
³ A impossibilidade de dados como esse serem aceitos e receberem uma interpretação de coordenação (tornando necessária a presença do coordenador) foi apontada por Kayne (1994, p. 11-12). Aqui cabem

indicando que a coordenação de algum modo combina os diferentes termos coordenados, permitindo que o resultado dessa combinação funcione como um “complemento único” para o núcleo.

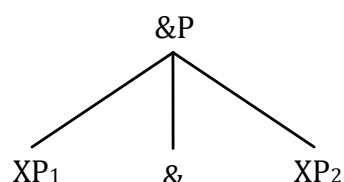
Dito de outro modo, no exemplo acima, a coordenação permite a formação de um único complemento verbal a partir da combinação de *canetas* e *lápis*. Dessa forma, cada um dos termos coordenados (i.e., *canetas* e *lápis*) corresponde, igualmente, a um item comprado por *Maria*, diferentemente do que ocorre em um dado como “*Maria comprou canetas vermelhas*”. Neste último caso, *vermelhas* não corresponde a um item comprado por *Maria*, e sim a uma propriedade dos objetos comprados. Além disso, a inversão da ordem linear neste último caso parece não ser possível (“* *Maria comprou vermelhas canetas*”), ao passo em que uma mudança na ordem dos termos coordenados não parece causar alterações de significado nem de aceitabilidade no dado de coordenação em questão (“*Maria comprou lápis e canetas*”).⁴

Tendo em vista apenas esse tipo de ocorrência e suas propriedades imediatamente observáveis, é possível levar em consideração uma descrição para os complexos coordenados na qual seus elementos estariam todos em um mesmo nível sintático, em uma estrutura achatada,⁵ como exemplificado em (1) e (1’):

(1)



(1’)



duas observações. Primeiramente, essa impossibilidade não se confunde com a chamada ‘coordenação assindética’, a qual se define, grosso modo, por não ter o coordenador pronunciado (o que não implica a inexistência desse núcleo), contando com outros recursos (e.g. pausas) para marcar a relação coordenativa. Além disso, a impossibilidade observada por Kayne não está restrita a elementos nominais, conforme: “* *Maria comprou canetas comprou lápis*”.

⁴ No entanto, cabe adiantar aqui que isso nem sempre é verdadeiro. Há uma série de exemplos em que mudanças na ordem dos elementos coordenados podem, sim, ter impacto na leitura e/ou na aceitabilidade dos dados. Essa propriedade está na base de algo que Johannessen (1998) analisou como *Unbalanced Coordination* (UC). A autora define UC exatamente como casos de coordenação em que a inversão não é possível: “Unbalanced coordination: [X & Y] vs. * [Y & X]” (JOHANNESSEN 1998, p. 8).

⁵ Para isso, seria preciso estabelecer uma estrutura sintagmática em que não se limita o número possível de ramificações, dado que a estrutura de coordenação teria tantas mais ramificações quanto maior fosse o número de termos coordenados, sendo, por isso, multiplamente ramificada. Isso poderia tornar as estruturas (1) e (1’) problemáticas de saída, pois, nesse caso, a coordenação escaparia do padrão tradicionalmente assumido de ramificação binária, que ganhou espaço, especialmente, a partir do trabalho de Kayne (1984). À parte das questões teóricas relacionadas à adoção de estruturas achatadas, procurarei apresentar, a seguir, alguns dados empíricos que evidenciam a existência de hierarquia entre os elementos da coordenação, algo que aponta uma inadequação empírica de (1) e (1’).

Nas configurações acima não há hierarquia entre os elementos que compõem a coordenação. O que difere essas duas estruturas é o rótulo do constituinte, uma vez que em (1) o rótulo do complexo de coordenação é do mesmo tipo categorial dos termos coordenados (XP) ao passo que em (1') o complexo coordenado é categorizado como a projeção máxima da conjunção de coordenação (&P).⁶

Para além de possíveis implicações teóricas que podem ser trazidas por estruturas como (1) e (1') – como a necessidade de se permitir estruturas com um número ilimitado de ramificações, por exemplo (o que, por sua vez, tem implicações mais gerais em termos de economia), há previsões que podem ser testadas para a obtenção de evidência empírica favorável ou contrária a esse tipo de descrição.

Duas previsões importantes que as estruturas em (1) e (1') fazem são que (i) todos os seus elementos (coordenador e termos coordenados) estabelecem uma relação simétrica de c-comando uns com os outros e que (ii) não há uma relação de maior proximidade entre o coordenador e quaisquer dos termos coordenados. Tendo em vista essas previsões, retomarei a seguir alguns dos argumentos apresentados na literatura para se descartar estruturas como (1) ou (1') em favor de um modelo de coordenação assimétrico hierarquizado.

Talvez um dos exemplos mais representativos de assimetria nas coordenações, o comportamento dos termos coordenados com relação aos princípios da Teoria da Ligação parece estar em desacordo com a previsão em (i):

- (2) a. John_i's dog and he_i/him_i went for a walk.
b. * He_i and John_i's dog went for a walk

(MUNN 1993, p. 16)

- (3) a. O cachorro de João_i e ele_i.
b. * Ele_i e o cachorro de João_i

O contraste de gramaticalidade exibido em (2) e em (3) depõe contra a previsão (i), desafiando as configurações em (1) e (1'). Como apontado por Munn (1993), estruturas achatadas preveem, equivocadamente, que não somente em (2b) mas também em (2a) haveria violação do Princípio C da Teoria de Ligação (TL), dado que em ambos os casos a expressão referencial *John* seria c-comandada por um pronome

⁶ Há na literatura uma série de rótulos para o sintagma coordenativo, e.g. &P, BP (*Boolean Phrase*), CoordP, CoP, etc. Neste trabalho, adoto como convenção a forma &P.

coindexado (*he/him*).⁷ Dessa forma, a aceitabilidade de (2a) é inesperada quando se tem por base estruturas do tipo (1) e (1'). Do mesmo modo, a aceitabilidade de (3a) contraria as previsões de (1) e (1'), uma vez que tanto em (3a) quanto em (3b) o pronome *ele* c-comandaria a expressão referencial *João*. No entanto, esse parece ser o caso apenas para (3b).

A previsão (ii) acima também parece ser invalidada a partir de evidência empírica. Conforme apontado por Ross (1967, p. 162-165), ao se separar uma coordenação em duas sentenças como nos exemplos a seguir, o coordenador acompanha o segundo termo coordenado, e não o primeiro:

(4) *John left, and he didn't even say goodbye.*

- a. John left. And he didn't even say goodbye.
- b. * John left and. He didn't even say goodbye.

(ROSS 1967, p. 163)

O contraste entre (4a) e (4b) evidencia que o coordenador estabelece uma relação mais próxima com um dos termos coordenados. A separação da coordenação indicada em (4a) não corresponde apenas a um recurso notacional, uma vez que é possível que haja uma pausa característica de final de sentença entre uma construção e outra. Além disso, é possível que cada uma das sentenças em (4a) constitua um enunciado de dois falantes diferentes. Da mesma forma, os dados em (5) a seguir apontam para a possibilidade de se formar enunciados a partir da combinação de coordenador e segundo termo coordenado, o que não parece poder ser feito por meio da combinação

⁷ Mais precisamente, o autor afirma que haveria c-comando mútuo entre *John* e *he/him* em (2a) e em (2b). No entanto, apesar de concordar que uma configuração achatada como (1/1') prevê a agramaticalidade causada por violação do Princípio C em ambos os dados de (2), não me parece ser o caso de que *he* e *John* estabeleceriam c-comando mútuo, devido à estrutura fina do sintagma nominal *John's dog*, em que *John* estaria mais profundamente encaixado como especificador de D ('s), e seria incapaz de c-comandar *he* nos exemplos em questão. Dessa forma, considero ser preciso fazer um ajuste nesse ponto da discussão feita pelo autor, motivo pelo qual argumento, aqui, que em uma estrutura achatada como (1) ou (1') *he* c-comandaria *John* em ambos os dados (2a) e (2b), de modo a provocar uma violação do Princípio C da teoria da ligação. Assim, as configurações (1) e (1') acabariam prevendo a agramaticalidade de (2a), o que não se confirma empiricamente. Por outro lado, ainda em relação a esses dados em (2), é preciso reconhecer que, mesmo não sendo o caso da proposta de Munn, poderia ser levantada a possibilidade de que a posição de especificador fosse tomada como um adjunto ao sintagma determinante, na esteira de Kayne (1994). Isso, associado a um formalismo de adjunção que faça distinção entre categoria e segmento de categoria (cf. May (1985) e Chomsky (1986)), algo assumido nesta dissertação (cf. 2.3), permitiria assumir que em (2) *John* e o pronome *he/him* de fato estabeleceriam c-comando mútuo em uma configuração como (1) ou (1'). Essa questão não se coloca diretamente para os dados do PB em (3), uma vez que, independentemente das assunções feitas a respeito da posição de especificador, *João* não poderia c-comandar *ele* em (3) por estar mais profundamente encaixado dentro do PP. De qualquer maneira, o contraste em (2) e em (3) depõe contra o tipo de estrutura em (1) e (1').

de primeiro termo coordenado e coordenador, conforme (6):⁸

- (5) a. Mas é cada um que aparece!
b. E até agora nada de chegarem.
- (6) a. * É cada um que aparece mas
b. * Até agora nada de chegarem e

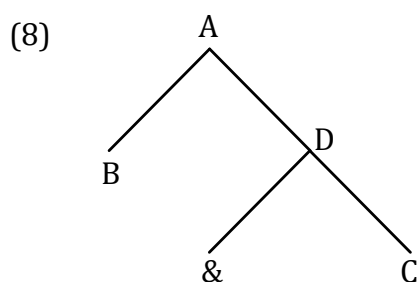
Dados envolvendo extraposição⁹ de partes da coordenação também reforçam a existência de uma relação mais próxima entre coordenador e segundo termo coordenado:

- (7) a. John bought a book yesterday, and a newspaper.
b. *John bought a newspaper yesterday a book and
c. * John bought a book and yesterday, a newspaper

(MUNN 1993, p. 15)

A partir dos dados acima é possível observar que a extraposição de parte da coordenação é possível quando o elemento extraposto inclui o coordenador e o segundo termo coordenado, como em (7a). No entanto, a extraposição do primeiro termo coordenado com o coordenador, como em (7b), resulta em agramaticalidade, assim como a extraposição do segundo termo coordenado sem o coordenador, como em (7c).

Os dados (4-7) dão mostras de que algumas operações podem ter como alvo a combinação do coordenador com o segundo termo coordenado, algo que não é capturado pelas estruturas em (1) e (1'), em que não há qualquer relação de subconstituência. Em síntese, esses dados se somam àqueles em (2-3) como evidência para se adotar uma estrutura de coordenação que estabeleça uma relação assimétrica entre seus elementos, de modo que o sintagma de coordenação seja formado pelo primeiro termo coordenado em combinação com uma unidade composta pelo coordenador e o segundo termo coordenado, algo próximo à estrutura esboçada em (8):



⁸ Agradeço à banca de qualificação por apontar essa questão.

⁹ Trato aqui de *extraposição* enquanto efeito observado nos dados em (7), sem comprometimento com uma análise para o fenômeno.

Há na literatura (e.g. Johannessen (1998), te Velde (2005), Zhang (2010)) uma série de outros argumentos para se defender uma estrutura sintática hierarquizada e assimétrica para a coordenação, além de diferentes propostas para sua implementação, algumas das quais serão retomadas na seção a seguir. Como apontado acima (cf. n. 1), levarei em conta dados de coordenação envolvendo dois termos coordenados, ainda que coordenações com mais elementos sejam igualmente possíveis (e.g. “Maria comprou canetas, lápis e cadernos”).

2.2 DISCUTINDO ALGUMAS DAS PROPOSTAS DE ESTRUTURAS HIERARQUIZADAS

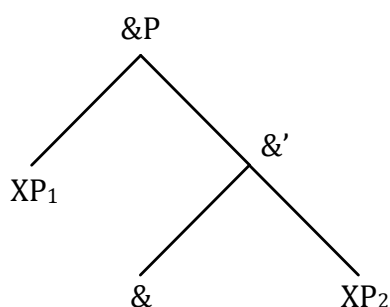
Propostas de estruturas de coordenação que desenvolvem algo no sentido de (8), estabelecendo uma relação de assimetria entre seus elementos, têm sido amplamente adotadas mediante evidência empírica. De acordo com Weisser (2015, p. 57), tais propostas podem ser divididas, grosso modo, em dois grupos: aquelas em que os termos coordenados estabelecem uma relação de especificador e complemento com o coordenador, por um lado, e análises em que a coordenação é derivada por meios de adjunção, por outro. A seguir, são abordados esses dois tipos de propostas.

2.2.1 Estruturas de *especificador e complemento*

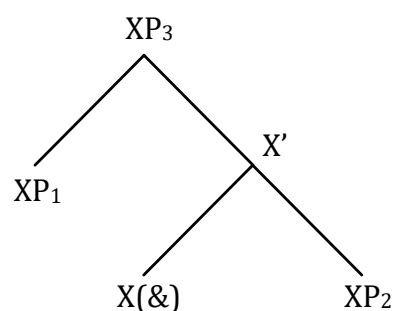
Em linhas gerais, estruturas de especificador e complemento assumem que o primeiro termo coordenado (*termo coordenado externo*) atua como especificador, ao passo que o segundo termo coordenado (*termo coordenado interno*) opera como complemento no sintagma coordenativo, havendo variação, entre as propostas, em relação às propriedades assumidas para o núcleo do sintagma, bem como em relação ao rótulo atribuído ao constituinte.¹⁰

¹⁰ No entanto, cf. Rothstein (1991) para uma análise em que o núcleo & seleciona um par de constituintes como complemento. Nessa configuração, a posição de especificador do sintagma coordenativo seria projetada nos casos de conjunções coordenativas complexas, como em [both [John and Mary]] ou [either [John or Mary]] (ROTHSTEIN, 1991, p. 103). Similarmente, Oshima e Kotani (2008) assumem que a posição de especificador do sintagma coordenativo é preenchida pelo coordenador. Nesta última análise, no entanto, não são elementos correlativos como *both* e *either* que ocupam a posição de especificador do sintagma, mas sim o núcleo & ao ser movido (por cópia) a partir de sua posição de núcleo. Para uma síntese das diferenças entre elementos como *both* e *either* e os coordenadores regulares, ver de Vries (2005). Uma discussão mais extensiva é feita por Johannessen (2005). Como analisar esse tipo de ocorrência, no entanto, está fora do escopo deste trabalho.

(9)



(9')



Assim como em (1) e (1'), o que difere (9) e (9') é o rótulo assumido para o sintagma coordenativo. Por um lado, é possível considerar que a conjunção de coordenação projeta sua própria categoria, como em (9), e que esse sintagma pode ser selecionado para ocupar as mesmas posições em que os itens sendo coordenados ocorrem (e.g. Johannessen (1998)). Por outro, pode-se assumir, como em (9'), que o sintagma coordenativo tem um núcleo neutro em relação à sua natureza categorial, de forma que sua projeção assume uma forma equivalente à dos elementos que estão sendo coordenados (e.g. Zhang (2010)). Este tipo de estrutura apresentaria a vantagem imediata de não demandar assunções adicionais sobre a forma como ocorreria a seleção dos sintagmas coordenativos, enquanto aquele teria a vantagem de acomodar o fato de que a coordenação como um todo pode apresentar propriedades que não estão presentes nos termos coordenados isoladamente, como nos casos em que a coordenação envolve sintagmas nominais singulares e tem como resultado uma leitura plural:

- (10) a. Mary_[sg] is happy
 b. Peter_[sg] is happy
 c. [Mary and Peter]_[pl] are happy

(JOHANNESSEN 1998, p. 60-61)

Um dos desafios enfrentados pela estrutura em (9) está relacionado à sua seleção. Isso porque, de modo geral, a distribuição dos sintagmas coordenados coincide com a distribuição dos elementos sendo coordenados, o que, no caso da estrutura em (9), exigiria que a projeção &P pudesse ocupar as mesmas posições potencialmente ocupadas por projeções de X. Numa tentativa de solucionar essa questão e dar conta da distribuição das coordenações, Johannessen (1998) assume que o núcleo coordenativo

é subespecificado e estabelece uma relação de concordância com seu especificador, o que permitiria sua especificação e projeção adequadas.

Já em relação à estrutura (9'), uma vez que se descarte, de saída (por questões de economia), a possibilidade de que haja no léxico um núcleo coordenativo específico para cada categoria sintática (i.e., um núcleo coordenativo "N", "V", "P", etc.), seria preciso definir como o sintagma coordenativo como um todo seria devidamente categorizado. De modo análogo à proposta de Johannessen (1998), Zhang (2010) assume que coordenadores do tipo *e* não possuem traços categoriais intrínsecos, de forma que, para serem projetados adequadamente, precisariam obter suas propriedades categoriais a partir de seu argumento externo (termo coordenado externo), o que permitiria a determinação categorial do complexo coordenado como um todo.

No entanto, diferentemente da proposta de Johannessen (1998), Zhang (2010) assume que a obtenção das propriedades categoriais pelo núcleo se daria via percolação de traços. Além disso, para dar conta da compatibilidade entre termo coordenado externo e termo coordenado interno dentro dessa proposta, a autora propõe o Requerimento de Paralelismo Relativizado (RPR). O RPR consiste num filtro para coordenações que estabelece que elementos coordenados precisam manter uma relação coerente de semelhança em termos de natureza semântica (e não de categoria sintática) para serem bem-formados.¹¹

Outra proposta que desenvolve algo semelhante ao esquema em (9') é feita por Te Velde (2005). Assim como Zhang, o autor assume que o complexo de coordenação tem o mesmo rótulo da categoria sendo coordenada. Para o autor, no entanto, o coordenador seria um item lexical defectivo que não projetaria. Nessa proposta, um constituinte formado por coordenador e termo coordenado interno seria mergido com o termo coordenado externo, em uma estrutura que, à parte de importantes especificidades derivacionais, se assemelha à geometria de (9').

¹¹ Assim, a categoria do complexo coordenado seria idêntica à do TCE, mas não necessariamente idêntica à do TCI. Essa questão pode não parecer imediatamente relevante tendo em vista que normalmente a coordenação envolve categorias iguais (algo que está colocado nas representações aqui apresentadas, com o objetivo de simplificar a exposição). Porém, como adiantado na nota 2 acima, há casos em que sintagmas de categorias distintas podem ser coordenados se compartilharem certas propriedades (e.g. casa [[^{AP} antiga] e [^{PP} de madeira]]). Nesse sentido, para se adotar uma estrutura similar a (9'), mas que também pretenda dar conta dessa possibilidade, é preciso estabelecer qual dos termos coordenados deve ser levando em conta para a determinação da categoria do sintagma coordenativo, algo que Zhang (2010) faz por meio da combinação de percolação de traços e RPR.

Em análises como essas, as propriedades da coordenação observadas na seção 2.1 e sintetizadas em (8) são garantidas: o primeiro termo coordenado c-comanda o segundo, que está em uma posição mais profundamente encaixada como complemento do coordenador (núcleo do sintagma coordenativo). Além disso, em estruturas como (9) e (9'), a combinação de coordenador e segundo termo coordenado (que, a partir deste ponto, chamarei somente de TCI – termo coordenado interno, em oposição ao TCE – termo coordenado externo, que corresponde ao primeiro termo coordenado) forma uma unidade que tem o TCE como irmão e que constitui um nível intermediário da projeção. Essa propriedade de (9) e (9') pode ajudar a acomodar o contraste a seguir:

- (11) a. The rain stopped and they finished the second game.
b. *And they finished the second game the rain stopped.

(ZHANG 2010, p. 19)

Dados como (11) exemplificam a primeira parte da restrição sobre estruturas coordenadas (CSC – *Coordinate Structure Constraint*), uma limitação sobre movimentos proposta em Ross (1967), que será discutida em maior detalhe no próximo capítulo. Por ora, é suficiente apontar que a CSC se divide em duas partes, que estabelecem, grosso modo, que às estruturas coordenadas se impõe a proibição de mover para fora de seu domínio tanto (i) um dos termos coordenados, conforme (11b), quanto (ii) qualquer elemento contido em um de seus termos coordenados. Uma vez que seja assumido que operações de movimento não podem ter como alvo níveis intermediários,¹² atribuir o nível intermediário à unidade formada pelo coordenador e o TCI pode facilitar o atendimento da condição em (i), prevendo, adequadamente, a agramaticalidade de dados como (11b). Essa estrutura também poderia facilitar a análise de (4-7) acima, no que se refere à unidade formada pelo coordenador e o TCI, a depender de outras

¹² Isso é assumido por Zhang (2010, p.22) e está relacionado a uma condição de uniformidade proposta em Chomsky (1995, p. 253), que determina que os diferentes elementos de uma cadeia precisam ser uniformes no que se refere a seu nível de projeção. Uma vez considerado que os níveis de projeção são estabelecidos relacionamente, uma operação de movimento que tenha uma projeção intermediária como alvo não formaria uma cadeia uniforme, dado que o constituinte na posição final do movimento consistiria numa projeção máxima. Trata-se de uma assunção feita no sentido de proibir que operações de movimento envolvam elementos em nível intermediário, porém, é possível derivar essa condição a partir de meios independentes, como demonstra Nunes (1998).

assunções em relação às possibilidades de operação relacionadas a níveis de projeção intermediários e à análise da extraposição em coordenações.¹³

Quanto aos elementos que podem ser selecionados como argumentos em estruturas como (9) e (9'), algo geralmente assumido é a possibilidade de sintagmas de quaisquer tipos serem coordenados, isto é, de modo geral, assume-se que não há restrições quanto à categoria dos termos coordenados (que, no entanto, precisam manter alguma afinidade categorial entre si).¹⁴

Uma vez aceita essa hipótese e ainda tendo em vista a questão dos níveis de projeção na coordenação, algo que se coloca é se elementos menores do que sintagmas (e.g. palavras e partes de palavras) também podem ser tomados como termos coordenados. A partir de dados como (12), Zhang (2010), propõe que a coordenação pode envolver elementos menores do que o sintagma, em oposição a uma análise em que algo como (12b) subjaz (12a). Isso porque, conforme a autora aponta, (12a) não permite recuperar a interpretação de (12b) quanto ao número total de melodias contabilizado nas situações descritas (i.e. 16 melodias em (12a) e 32 em (12b)).

- (12) a. Hobbs whistled and hummed a total of 16 tunes.
b. Hobbs whistled a total of 16 tunes and hummed a total of 16 tunes.

(ZHANG 2010, p. 36)

¹³ Zhang (2010) assume que dados de extraposição em coordenações, como (7), por exemplo, são reflexos de processos de elipse, não de movimento. Por outro lado, Munn (1993, p. 15) utiliza a possibilidade de extraposição do segundo termo coordenado com a conjunção coordenativa como evidência de que a combinação desses elementos não pode compor um nível intermediário, o que leva o autor a assumir que eles formam um sintagma à parte do primeiro termo coordenado. Ainda que os dados em (7) possam ser inconclusivos para se decidir entre um nível intermediário ou máximo para a unidade formada pelo coordenador e o TCI, o contraste em (7) reforça a evidência de assimetria entre TCE e TCI.

¹⁴ Desse modo, uma coordenação de sintagmas nominais, por exemplo, teria esses constituintes gerados na base e coordenados diretamente (*Small Conjunct Hypothesis*). Há, porém, propostas que consideram que apenas CPs poderiam ser coordenados (e.g. Wilder (1994)), e que um mecanismo de elipse seria responsável pelos resultados de superfície (*Large Conjunct Hypothesis*). Alguns dos principais desafios enfrentados por este último tipo de análise estão relacionados a questões de interpretação:

(a) Pedro comprou e vendeu cinco carros; (b) Pedro comprou cinco carros e vendeu cinco carros; (c) Pedro comprou ~~cinco carros~~ e ~~Pedro~~ vendeu cinco carros.

Caso o apagamento indicado em (c) seja responsável por (a), é preciso um recurso adicional para explicar a diferença de interpretação entre (a) e (b) no que se refere ao número de carros e de operações envolvidas na situação descrita. Meu ponto aqui é apenas apresentar uma pequena mostra das evidências apontadas na literatura para defender que a coordenação de CPs, em conjunto com mecanismos de elipse, não pode responder por **todas** as ocorrências de coordenação, sendo necessário que a coordenação possa envolver sintagmas de outras categorias (e.g. VPs, NPs, PPs), o que não significa que uma combinação entre coordenação de CPs e mecanismos de elipse precise ser completamente rejeitada. Na esteira de trabalhos como Hartmann (2000), assumo que ambos os mecanismos coexistem.

Da observação de que (12a) e (12b) são distintas em suas possibilidades de interpretação não se segue, necessariamente, que a coordenação em (12a) envolve elementos menores do que o sintagma. Ainda que essa seja uma possibilidade válida, é igualmente possível argumentar que o que se tem em dados como esse é a coordenação de sintagmas verbais que compartilhariam um único argumento interno em uma estrutura de multidominância (cf. 3.3.1).

Similarmente, te Velde argumenta, com base em dados como (13a-b), que elementos não sintagmáticos poderiam ser coordenados:

- (13) a. I haven't seen or heard of him since
b. ?? I haven't seen of him nor have I heard of him

(TE VELDE 2005, p. 115)

Segundo o autor, na configuração em questão *seen or heard* formariam uma unidade semântica, cuja leitura não poderia ser capturada por algo como (13b). Os dados a seguir parecem apontar na mesma direção:

- (14) a. Pedro gosta de sair e pescar

(int. relevante *há uma coisa de que Pedro gosta, que é sair e pescar*;
int. adicional *há duas coisas de que Pedro gosta, que são sair e pescar*)

b. Pedro gosta de sair e de pescar
(apenas está disponível a int. *há duas coisas de que Pedro gosta, que são sair e pescar*)

A sutil ambiguidade que emerge em dados como (14a), em que tanto se pode ter uma leitura em que ele gosta de duas atividades (de *sair* e de *pescar*), como (14b), quanto de uma atividade complexa, que é composta por *sair* e *pescar*, sugere que esses itens verbais ((não) sintagmas) podem ser diretamente coordenados.

Convém observar, no entanto, que existe certa fragilidade em relação a este último ponto enquanto argumento para a coordenação de elementos menores do que o sintagma, dado que o mesmo tipo de leitura (de uma eventualidade complexa) também está disponível em dados como (15), em que um dos termos coordenados é a unidade formada por um verbo já com seu argumento interno:

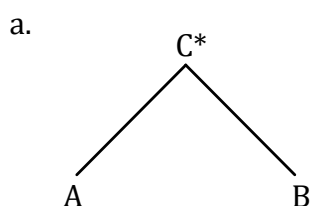
- (15) a. Pedro gosta de pegar o carro e sair
b. Pedro gosta de sair e pegar o carro

A presença do complemento de *pegar* em (15) poderia demandar suposições adicionais a respeito da forma como uma coordenação dos verbos ocorreria nesses casos. Ainda que as propriedades de dados como (12-15) possam sugerir a existência de coordenação de elementos menores que o sintagma, a evidência não parece ser conclusiva, de modo que considerarei que a coordenação sempre toma sintagmas como termos coordenados. Caso isso venha a se mostrar incorreto, no entanto, a discussão aqui proposta pode ser ajustada, dado que a (im)possibilidade de coordenações envolvendo elementos menores do que o sintagma não constitui um ponto central da análise.

Assumindo que os termos coordenados sempre são sintagmas completos, volto a atenção para uma proposta que adota uma geometria similar a (9), mas que se distancia das anteriores por estabelecer relações distintas entre seus elementos, desenvolvida em De Vries (2004). O autor defende que há três formas básicas de assimetrias na gramática. A primeira delas seria a assimetria entre nódulos mãe e filho (i.e., *dominância*). A segunda, a relação de seleção entre nódulos irmãos (i.e., *precedência*). Já a terceira seria uma relação alternativa à dominância, a que o autor chama de “behindance”.

Este último tipo de relação representaria as relações paratáticas. Em seu modelo, a relação de *behindance* seria obtida a partir de um novo tipo de *Merge* (referido como *b-Merge*) e teria como um de seus resultados o bloqueio da relação de c-comando entre elementos contidos em ‘diferentes planos’ de representação, o que é indicado pelo * no diagrama a seguir, adaptado de De Vries (2004, p. 11):

(16) **RELAÇÃO DE BEHINDANCE**



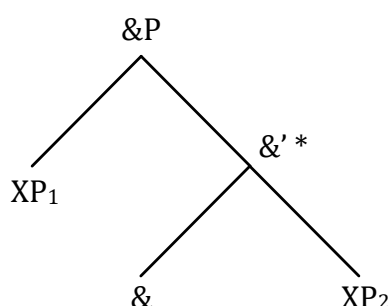
b. Em (16a):

A precede B
A está behind C
B está behind C

(DE VRIES, 2004, p.11 (adaptado))

Em seu modelo, De Vries trata a coordenação como um tipo de parataxe, em conjunto com apostos e conteúdos parentéticos e em oposição à relação hipotática observada na subordinação. Ao afirmar que a parataxe (em oposição à hipotaxe) faz o “ranqueamento” equipolente de constituintes, o autor defende que as relações paratáticas não pressupõem o mesmo tipo de hierarquia sintática das relações hipotáticas, o que se traduziria na relação de *behindance*. No caso das coordenações, a combinação de coordenador e TCI, ao invés de ser imediatamente *dominada* por uma projeção intermediária &' (como em (9)), estaria *behind* &':

(17) a. Estrutura de coordenação



b. Relações de c-comando entre termos coordenados

XP₁ c-comanda **&'**, mas não c-comanda nem **&** nem **XP₂**
& c-comanda **XP₂**

(DE VRIES, 2004, p.12-13 (adaptado))

O custo desse modelo é o bloqueio da relação de c-comando entre o TCE e os elementos que compõem a unidade formada por coordenador e TCI o que, para além de dificultar a análise de dados como aqueles em (2-3) (para os quais o autor traz alguns possíveis contraexemplos, a partir do trabalho anterior de Progovac (1998)¹⁵), limita

¹⁵ Os exemplos envolvem, por exemplo, o (não) licenciamento de itens de polaridade negativa em dados como em:

(ia) * *He chased nobody and/or any dogs* ; (ib) *He chased nobody and no dogs* (PROGOVAC 1998, p. 3).

Em (ia), apesar de *nobody* em princípio poder licenciar *any dogs* o dado é agramatical, sendo necessário o uso de dois elementos negativos, como em (ib) em um contexto em que, em princípio, não seria próprio para uma eventual concordância negativa. A questão do licenciamento de itens de polaridade nas coordenações está fora do alcance deste texto. No entanto, alguns dados análogos do PB indicam que a conclusão de ausência de c-comando entre os elementos da coordenação a partir de (ia-b) é precipitada. Há argumentos (cf. Daoud (2017)) para se tratar o coordenador *nem* como um elemento de concordância

fortemente as possibilidades de análise das dependências *across-the-board* de que trata este trabalho. Isso porque não haveria c-comando entre o sintagma WH frontado e as lacunas nos TCIs, de forma que essa parece ser a menos plausível entre as estruturas aqui apresentadas.

Desse modo, a despeito das possíveis vantagens dessa análise enquanto tratamento unificado para coordenação, aposição e conteúdos parentéticos, uma vez que sua adoção dificultaria a cobertura empírica de dados como aqueles discutidos na seção 2.1, a proposta de De Vries (2004) não será adotada nesta pesquisa. Ainda assim, sua inclusão nesta seção se deve ao fato de se tratar de um modelo de estrutura especificador-complemento em que não se tem as relações de c-comando habituais, e, exatamente por tais relações terem implicações diretas para as análises possíveis para o objeto deste estudo, não seria conveniente deixar de mencioná-lo.

2.2.2 Estruturas derivadas por meio de adjunção

As propostas que analisam a coordenação por meio de adjunção também assumem, de modo geral, que o núcleo do sintagma coordenativo é o coordenador. Nessas análises, o TCI é selecionado pelo coordenador, e a combinação de ambos forma uma projeção &P. O papel do mecanismo de adjunção é realizar a integração de &P e TCE, sendo que um dos principais pontos de variação entre esse tipo de proposta diz respeito aos detalhes desse mecanismo.

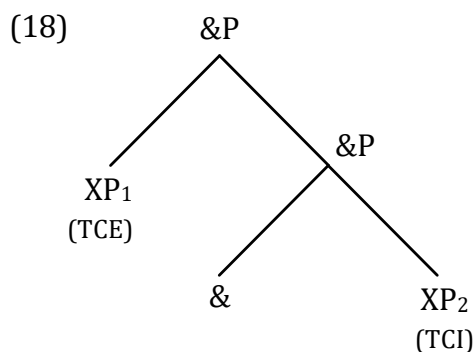
Há, por exemplo, a possibilidade de se assumir que o TCE é adjungido ao &P, como proposto por Kayne (1994). A geometria dessa análise é semelhante àquela em (9): o rótulo do constituinte seria coordenativo e o TCI seria o complemento do coordenador, enquanto o TCE é considerado como especificador:

negativa (que, para o propósito imediato, se equipara aos itens de polaridade negativa, ainda que não se trate exatamente do mesmo fenômeno), que exige um elemento negativo que o licencie, conforme (ii):

(iia) A Maria não saiu nem o João voltou; (iib) * A Maria saiu nem o João voltou

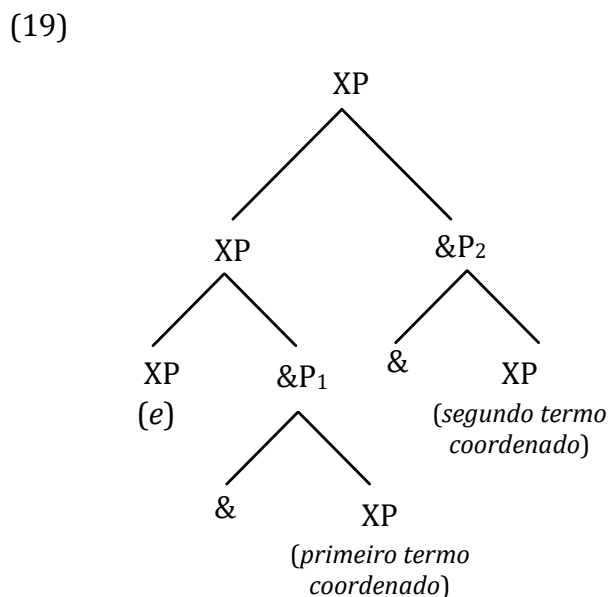
Esse licenciamento deixa de ser possível se o elemento formado pelo coordenador e TCI for invisível, não apenas para o TCE, mas para todo o restante da sentença, como propõe De Vries. Cabe, por fim, observar que não parece adequado tentar derivar o contraste em (ii) a partir de uma análise que considere *nem* como uma conjunção coordenativa complexa (*nem...nem*) cujo primeiro elemento sofreu elisão (o que não invalidaria uma análise como a de De Vries por sugerir que a estrutura subjacente a (ii) na verdade não é uma coordenação tradicional), conforme (iii):

(iia) * A Maria não nem saiu nem o João voltou; (iib) * A Maria nem não saiu nem o João voltou; (iic) * Nem a Maria não saiu nem o João voltou



O que faz com que a proposta do autor se diferencie da estrutura em (9) é o estatuto atribuído aos especificadores: no modelo de Kayne (1994), os especificadores são tratados como adjuntos. Dessa forma, no caso da coordenação, o especificador (TCE) é adjungido à unidade formada por coordenador e TCI, o que faz com que essa análise também se caracterize como uma estrutura especificador-complemento. Em 2.2.3 serão abordadas algumas propriedades desse tipo de configuração, que é a forma adotada para a coordenação no presente estudo (que, no entanto, não adota o estatuto de adjunto para os especificadores).

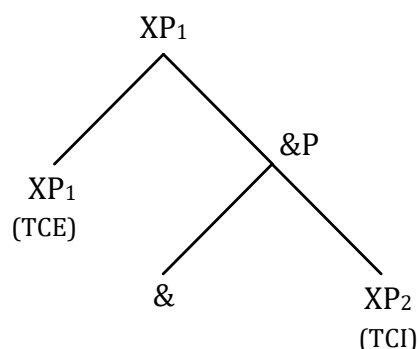
Outro tipo de análise que deriva a coordenação por meios de adjunção é feita por Progovac (1998, 2000), que propõe que cada um dos termos coordenados teria sua própria projeção &P, formando adjuntos de um núcleo normalmente correspondente a uma categoria vazia (mas que, por exemplo, poderia ser realizada como pronomes em construções como “eles, o Pedro e a Maria”), o que impediria o c-comando entre TCE e TCI (cf. n 15 acima).



(PROGOVAC 2000, p. 90 (adaptado))

Fernández-Salgueiro (2008), que trata especificamente da coordenação de TPs, assume que o &P é adjungido ao vP incluído no TCE (numa tentativa de garantir que, nas coordenações de TP, o especificador do TCE c-comande o TCI). De modo similar, uma das análises de coordenação por meio de adjunção que pode ser considerada dentre as mais “canônicas” assume que o &P é adjungido ao TCE (e.g. Munn (1993)).

(20)



Na análise de Munn, o sintagma coordenativo completo (i.e., incluindo TCE) seria da mesma categoria do TCE. O autor apresenta argumentos em favor de uma estrutura binária para a coordenação (alguns dos quais foram retomados na seção 2.1), defendendo que coordenação e adjunção correspondem ao mesmo fenômeno. Para ele, a coordenação seria a adjunção de um sintagma coordenativo, formado pelo coordenador e o TCI, ao constituinte formado pelo TCE.

Em linhas gerais, esse tipo de proposta procura, por um lado, evitar atribuir para a coordenação uma estrutura especial (e.g. (1) e (1')) e, por outro, dar conta das semelhanças encontradas entre adjunções e coordenações, dado que as fronteiras entre essas construções nem sempre são claras. Um ponto de semelhança entre adjunções e coordenações tem relação direta com o tema deste trabalho. Trata-se da semelhança entre as extrações ATB, nas coordenações (e.g. (21)), e das chamadas lacunas parasitas (PG), em adjunções (e.g. (22)).

- (21) a. [Quem] você contratou _ e o João entrevistou _?
 b. * [Quem] você contratou o Pedro e o João entrevistou _?
 c. * [Quem] você contratou _ e o João entrevistou o Pedro?

- (22) a. [Quem] você contratou _ porque o João entrevistou _?
 b. * [Quem] você contratou o Pedro porque o João entrevistou _?
 c. [Quem] você contratou _ porque o João entrevistou o Pedro?

O paralelismo entre (21) e (22) pode ser usado como evidência para uma estrutura de adjunção para a coordenação. Sob essa perspectiva, Munn (1993) utiliza a semelhança entre os fenômenos como argumento de que as extrações ATB devem ser tratadas em termos de PG, como será discutido no próximo capítulo. Há, porém, um contraste relevante entre os dados (21c) e (22c). Enquanto o primeiro é uma ocorrência agramatical, constituindo uma violação à segunda parte da CSC, o segundo corresponde a uma ocorrência aceitável. A primeira parte da CSC também parece não se aplicar às adjunções:

- (23) a. A Flávia voltou porque a Maria pediu
b. Porque a Maria pediu, a Flávia voltou

Diferentemente do que ocorre em (23), os exemplos (11) acima e (24) a seguir exemplificam a impossibilidade de fronteamento de um termo coordenado de modo isolado.

- (24) a. A Flávia voltou e a Maria saiu
b. *E a Maria saiu, a Flávia voltou

O contraste de aceitabilidade entre (23b) e (24b) constitui uma importante diferença entre estruturas comumente analisadas como adjunção e as coordenações, o que pode desafiar estruturas como (20). No entanto, há situações em que o fronteamento do adjunto não é possível. Apesar da semelhança de sentido, constituintes introduzidos por *pois*, como em (25), diferentemente daqueles introduzidos por *porque*, parecem não poder ser fronteados. A mesma restrição ocorre com a forma reduzida de *porque* – *que*, em (26):¹⁶

- (25) a. A Maria foi dormir pois estava cansada
b. *Pois estava cansada, a Maria foi dormir
- (26) a. A Maria foi dormir que estava cansada
b. *Que estava cansada, a Maria foi dormir

Fernández-Salgueiro (2008) aponta a existência do mesmo tipo de restrição no espanhol:

¹⁶ As ocorrências de adjunção desta seção são assim categorizadas em acordo com a literatura aqui utilizada para discussão. Ainda assim, cabe observar que nas gramáticas tradicionais do português (e.g. Cunha e Cintra (1984)) orações introduzidas por *porque*, *que*, etc. além da classificação de oração subordinada (adverbial causal), também podem receber uma classificação de oração coordenada (sindética explicativa), dependendo de sua leitura.

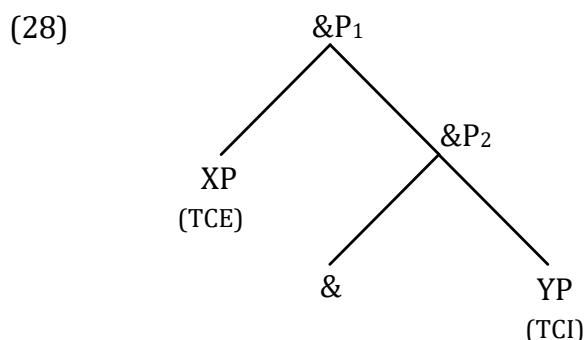
- (27) a. Es porque estoy cansado que me voy
b.* Es que estoy cansado que me voy

(FERNÁNDEZ-SALGUEIRO, 2008, p. 25)

Levando-se em consideração exemplos como (25-27), a agramaticalidade de dados como (11b), (21c) e (24b) pode não ser suficiente para se descartar uma estrutura de adjunção para a coordenação, dado que outros fatores podem estar relacionados à distribuição dessas construções. Tendo isso em vista, na seção a seguir, é discutida a estrutura que será adotada neste estudo.

2.3 ESTRUTURA ADOTADA NESTE ESTUDO

Como adiantado na seção anterior, a proposta configuração de coordenação adotada neste trabalho faz uso de uma estrutura de adjunção em que o TCE que é adjungido ao &P (28 (=18)):



A adoção da estrutura (28) pretende dar conta das assimetrias entre os elementos da coordenação que foram discutidas na seção 2.1 e, ao mesmo tempo, preservar propriedades das estruturas (9), (9') e (20). Em sua geometria, (28) se assemelha à proposta por Kayne (1994), com a diferença de que aqui neste estudo não se assume um sistema em que especificadores são adjuntos, de modo que o TCE corresponde a um especificador. Ainda assim, esse constituinte tem um estatuto “especial” na estrutura pelo seu potencial de estar envolvido, simultaneamente, em duas relações locais.¹⁷ Antecipando em poucas palavras, exatamente por se tratar de um adjunto, o TCE em (28) seria dominado imediatamente pelo mesmo nóculo a dominar imediatamente o &P, comandando assimetricamente não apenas o TCI, mas todo o &P.

¹⁷ Tal potencial não se restringe a dados de coordenação, tendo sido explorado em análises de outros fenômenos, e.g., predicação (cf. Carreira (2015)), orações relativas (cf. Gavioli-Prestes (2016)), resultativas (cf. Knöpfle (2014)).

Para obter esse resultado, é preciso, primeiramente, um sistema que faça distinção entre *categoria* e *segmento de categoria* (cf. May (1985),¹⁸ Chomsky (1986)), permitindo que as relações fundamentais de *dominância* e de *c-comando* sejam definidas de maneira sensível à natureza dos nódulos. Assumida essa distinção, em um processo de adjunção, a categoria recebendo o adjunto é segmentada, formando um novo nódulo a cada nova adjunção. Desse modo, como aponta May, o efeito estrutural da adjunção é criar projeções multisegmentadas.¹⁹ No caso da configuração (28), portanto, &P₂ e &P₁ são dois segmentos da mesma categoria. Apesar de serem dois membros de uma mesma projeção, a relação que cada um desses segmentos mantém com o TCE é distinta: apenas o segmento &P₁ domina o adjunto, o que nos leva à definição de dominância proposta por Chomsky (1986, p. 7):²⁰

(29) **DOMINÂNCIA**

α is dominated by β only if it is dominated by every segment of β

(CHOMSKY, 1986, p. 7)

A definição (29) opõe *dominância* (por categoria) à *dominância por segmento de categoria*, estabelecendo que a relação de dominância propriamente dita corresponde somente à dominância por categoria, o que no caso de estruturas com categorias multisegmentadas significa, simplificadamente, ser dominado por todo e cada segmento dessa categoria. Ainda que “dominância por segmento de categoria” não se caracterize como dominância no sentido de (29), é possível observar que o TCE está, em alguma medida, “incluído” na projeção &P, uma vez que é dominado por um de seus segmentos (&P₁). Dito de outro modo, conforme a definição a seguir, o &P não *exclui* o TCE:

(30) **EXCLUSÃO**

α excludes β if no segment of α dominates β .

(CHOMSKY, 1986, p. 9)

¹⁸ Essa terminologia (i.e., *segmento de categoria*) foi introduzida por Chomsky (1986), equivalendo ao que May (1985) chamou de *membros de uma projeção* (cf. May (1985, p. 56-57)).

¹⁹ “[...] the structural effect of (Chomsky)-adjunction is to create multimembered projections” (MAY, 1985, p. 56).

²⁰ À primeira vista, a definição de dominância em (29) pode parecer problemática em termos de circularidade, porém, cf. Chomsky (1990).

As relações de dominância e de exclusão, tais como definidas em (29) e (30) estão na base da formalização de c-comando proposta em Kayne (1994) e adotada neste trabalho:

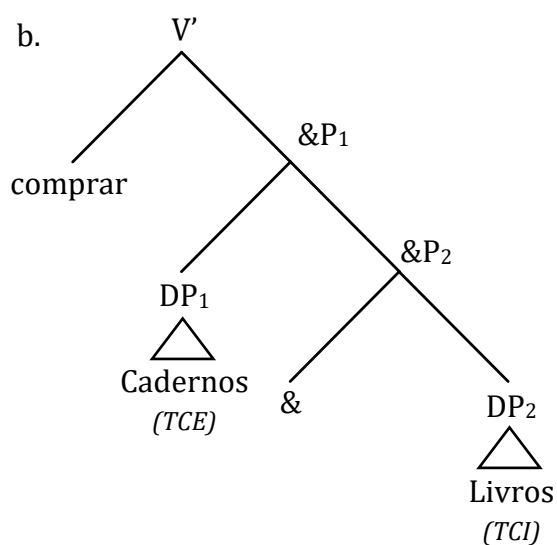
(31) **C-COMANDO**

X c-commands Y iff X and Y are categories and X excludes Y and every category that dominates X dominates Y.

(KAYNE, 1994, p. 16)

Conforme aponta o autor, essa definição retira os segmentos de categoria do cálculo de c-comando, isto é, a relação de c-comando é restringida a categorias. Os resultados obtidos por meio de (28-31) são ilustrados a partir do dado (32a) e a representação diagramada dos aspectos relevantes para a discussão (32b):

(32) a. Maria vai comprar cadernos e livros



Assumidas as definições (29-31), no dado acima o &P não domina o DP₁, de modo que tanto o &P quanto o DP₁ são dominados imediatamente por V'. Já o DP₂, por outro lado, é dominado imediatamente pelo &P. A partir dessa configuração, temos o seguinte: (i) o núcleo verbal está em uma relação de c-comando mútuo com o sintagma &P; (ii) o núcleo verbal está em uma relação de c-comando mútuo com o DP₁; (iii) o DP₁ c-comanda assimetricamente o &P e tudo que &P domina.

Uma vez que o núcleo verbal e o &P estabelecem uma relação de c-comando mútuo (i), há o estabelecimento de uma relação de irmandade entre esses dois nódulos, algo esperado numa relação núcleo-complemento típica. No entanto, essa não é a única

relação de irmandade envolvendo o núcleo verbal, pois o DP_1 também está em uma relação de c-comando mútuo com esse núcleo (ii), o que também permite que entre esses dois elementos haja uma relação núcleo-complemento típica (i.e., tem-se uma potencial relação local entre DP_1 e o núcleo verbal).²¹

Ocorre que o DP_1 não é excluído pelo &P, uma vez que é dominado por um de seus segmentos. A “não exclusão” se traduz na noção de *continência* (33) estabelecida por Chomsky (1995):

(33) CONTINÊNCIA

The category α contains β if some segment of α dominates β

(CHOMSKY, 1995, p. 177)

A partir dessa noção, são estabelecidas as definições de *domínio de α* e *domínio mínimo de S*, sendo este último o mais importante aqui por se tratar do domínio relevante para o cômputo das relações locais.

(34) DOMÍNIO DE α ($D(\alpha)$)

Take the *domain* of a head α to be the set of nodes contained in $\text{Max}(\alpha)$ that are distinct from and do not contain α .

(CHOMSKY, 1995, p. 178)

(35) DOMÍNIO MÍNIMO DE S (=conjunto de categorias)

Take $\text{Min}(S)$ (minimal S) to be the smallest subset K of S such that for any $\gamma \in S$, some $\beta \in K$ reflexively dominates γ .

(CHOMSKY, 1995, p. 178)

²¹ Essas propriedades podem vir a contribuir para uma análise da atribuição de papel temático a constituintes coordenados. Um dos desafios enfrentados na análise da coordenação (independentemente da adoção de estruturas como (28)) é definir como ocorre a atribuição de papel temático a constituintes coordenados, como DP_1 e DP_2 em (32b), uma vez que dois (ou mais elementos – em coordenações com mais de dois termos coordenados) parecem “ocupar” o mesmo espaço como complemento, dependendo de um mesmo papel temático. Partindo do exemplo (32), um possível caminho de análise seria considerar, com base na propriedade (i), que &P recebe papel temático do núcleo verbal (podendo “transmitir” aos termos coordenados DP_1 e DP_2). Outra possibilidade seria admitir, a partir da propriedade em (ii), que DP_1 em (32b) receberia papel temático do núcleo verbal de maneira canônica, isto é, do mesmo modo como ocorreria se o complemento verbal em (32) não fosse coordenado. Assim, a relação de c-comando prevista pela configuração adotada neste estudo poderia contribuir para a definição da atribuição de papel temático para o TCE, como DP_1 em (32b), ainda que essa possível contribuição não se estenda para o TCI (como DP_2 (32b)) sem que sejam feitas suposições adicionais sobre a relação entre o núcleo e projeção de coordenação e sobre a teoria temática. Essa questão está além do escopo deste trabalho e fica em aberto para ser investigada em uma nova etapa desta pesquisa.

Em (32), o DP_1 faz parte dos domínios do núcleo verbal e do núcleo coordenativo, pois, por um lado, não contém nenhum desses núcleos e, por outro, está contido por categorias de ambos. Além disso, o sintagma DP_1 faz parte tanto do domínio mínimo do núcleo verbal quanto do núcleo coordenativo: DP_1 pertence tanto ao $D(V)$ quanto ao $D(\&)$ ao mesmo tempo em que $DP_1(\gamma)$ é a categoria (β) que domina DP_1 reflexivamente. Dessa forma, o DP_1 está localmente relacionado aos dois núcleos relevantes, pertencendo ao domínio interno (grosso modo, posição de complemento) do núcleo verbal e ao domínio de checagem (grosso modo, posição de especificador ou adjunto) do coordenador (CHOMSKY, 1995, p. 178).

Em síntese, a configuração (28) apresenta uma estrutura que reflete a hierarquia entre os elementos que compõem a coordenação, mantendo a relação de maior proximidade estrutural do coordenador e o TCI. A vantagem apresentada por essa estrutura é o potencial de o TCE estar envolvido em duas relações locais distintas, unindo diferentes qualidades das estruturas (9), (9') e (20).

A questão relativa à seleção da coordenação (i.e., a distribuição dos sintagmas coordenativos) pode ser considerada da seguinte forma: como discutido acima, o DP_1 é elemento integrante da coordenação, mas, ao mesmo tempo, estabelece uma relação local de irmandade com um núcleo externo a ela. Tomando o exemplo (32), tem-se que o DP_1 é irmão do núcleo verbal (dado que entre eles há c-comando mútuo), podendo satisfazer os critérios de seleção deste em uma relação núcleo-complemento típica. Ao mesmo tempo, o DP_1 figura no domínio de checagem do complexo de coordenação, o que permitiria que se relacionasse ao núcleo & de modo semelhante a um especificador.

A possibilidade de o TCE em (28) estabelecer uma relação local com dois núcleos distintos faz com que o núcleo ao qual a coordenação está diretamente vinculada seja capaz de ter como argumento o próprio TCE. Essa propriedade pode responder por alguns dados adicionais de assimetria entre TCE e TCI (para além daqueles discutidos em 2.1), nos quais apenas o TCE parece ser levado em consideração para efeitos de seleção. Essa questão pode ser ilustrada a partir do conjunto (36): ²²

²² (36) é composto por dados apresentados e discutidos em diferentes trabalhos filiados à Gramática Gerativo-Transformacional (e.g. Progovac (1998, p. 4); Hartmann (2000, p. 25); Zhang (2010, p. 50)). Porém, o contraste entre esse tipo de ocorrência foi inicialmente apontado por Sag et al. (1985, p. 165).

- (36) a. You can depend on my assistance and that he will be on time.
 b. *You can depend on that he will be on time.
 c. *You can depend on that he will be on time and my assistance.

(ZHANG, 2010, p. 50)

Zhang argumenta, a partir de dados como (36), que o TCE é o elemento que desempenha o papel mais relevante para a distribuição do sintagma de coordenação, pois seria o único termo coordenado que, obrigatoriamente, precisaria satisfazer critérios seletivos do elemento ao qual a coordenação é vinculada. Assim como acontece em outros exemplos de assimetria na coordenação, os termos coordenados de (36a) não podem ser invertidos. Desse modo, os dados (36) constituem evidência empírica em favor de (28).

Além disso, diferenças comportamentais entre orações coordenadas em línguas V2 (e.g., holandês, alemão) reforçam que a relação que cada um dos termos coordenados mantém com elementos externos ao complexo coordenado é distinta. Como aponta De Vries (2004), a coordenação de orações em línguas V2 exibe verbo na segunda posição em ambos os termos coordenados:

- (37) Karel keek televisie en Joop las de krant. (Holandês)
 Karel assistiu televisão e Joop leu o jornal
 'Karel assistiu televisão e Joop leu o jornal'

(DE VRIES, 2004, p. 2)

No entanto, como aponta te Velde (2005), o TCE pode exibir verbo-final (como ocorre em estruturas subordinadas) na presença de um complementizador:

- (38) Wenn das Wetter schön ist, und wir gehen zusammen in die Berge, dann... (Alemão)
 Se o tempo bom estiver e nós formos juntos em as montanhas, então...
 'Se o tempo estiver bom e nós formos juntos para as montanhas, então ...'

(TE VELDE, 2005, p. 22)

Se assumirmos que o complementizador *wenn* não faz parte da coordenação, é possível considerar o TCE como irmão do núcleo complementizador, como em uma configuração de subordinação, o que teria como resultado o verbo na posição final no primeiro termo coordenado, mas não no segundo. Dessa forma, (38) também constitui evidência em favor de (28).

Outra assimetria que também pode estar relacionada às propriedades de (28) diz respeito ao comportamento dos termos coordenados no estabelecimento de relações de concordância. Em certas variedades do árabe, por exemplo, a ordem estabelecida entre sujeito e verbo tem reflexos para a relação de concordância estabelecida entre esses elementos (cf. Mohhamad (1989), Aoun, Benmamoun e Sportiche (1994), Johannessen (1998), Munn (2000), entre outros).

(39) a. zalame w-walad ʔaju (Árabe Palestino)
homem e-menino vieram-MASC

b. ʔaja zalame w-walad
veio-MASC homem e-menino

‘um homem e um menino vieram’

(MOHAMMAD, 1989, p. 15)

O par (39) evidencia que para o estabelecimento da relação de concordância entre sujeito e verbo há a possibilidade de se levar em conta a coordenação como um todo (39a) ou apenas o TCE (39b). Em (39a), a relação de concordância resulta em uma forma verbal em *terceira pessoa do plural masculino*, sendo que a concordância de número plural é computada a partir de dois elementos singulares (i.e., a coordenação como um todo apresenta número distinto de cada um dos termos coordenados). Em (39b), a relação de concordância resulta em uma forma verbal em *terceira pessoa singular masculino*, o que é compatível com as características do TCE e do TCI tomados isoladamente, o que não permite estabelecer qual dos dois (TCE ou TCI) estabelece concordância com o elemento verbal.

Uma vez que a concordância sujeito-verbo no árabe inclui traços de gênero, e tendo em vista que em conjuntos formados por *masculino* e *feminino* a forma masculina se sobrepõe, (40) a seguir permite estabelecer que o termo coordenado relevante em (40b) (e, provavelmente, também em (39b)) é o TCE.

(40) a. al-bent-u w-al-walad-u jaaʔaa (Árabe Padrão Moderno)
a-menina-NOM e-o-menino-NOM vieram-MASC

b. jaaʔat al-bent-u wa-l-walad-u
 veio-FEM a-menina-NOM e-o-menino-NOM

‘a menina e o menino vieram’

(MOHAMMAD, 1989, p. 112)

O dado (40a) apresenta o mesmo comportamento de (39a), tomando o &P completo para a relação de concordância. Já o dado (40b) exhibe concordância entre verbo e TCE, apenas, o que é possível de estabelecer a partir da forma verbal, que é de *terceira pessoa singular feminino*, incompatível, portanto, com o TCI (*terceira pessoa singular masculino*).

Algo apontado na literatura citada é que, observacionalmente, o fator que desencadeia as duas formas de concordância tanto no par em (39) quanto no par em (40) parece ser a ordem de superfície: configurações de ordem que têm sujeito pré-verbal tendem a apresentar concordância com a coordenação completa, ao passo em que configurações de ordem que têm sujeito pós-verbal exibem concordância entre verbo e TCE apenas.²³

A apresentação de (39) e (40) objetiva apenas demonstrar que tanto o &P completo quanto o TCE podem estar disponíveis para estabelecer a relação de concordância com o verbo, o que também pode favorecer a configuração (28). Por outro lado, não fica estabelecido, levando-se em conta apenas a configuração aqui assumida, o que causaria a ‘alternância’ entre se considerar o TCE ou o &P completo para a relação de concordância, exatamente por ambos estarem igualmente próximos estruturalmente do núcleo relevante. Dessa forma, a depender do modo como os dados (39-40) são considerados, podem não constituir evidência em favor de (28), ao contrário, podem ser considerados evidência no sentido oposto. Como tratar a relação entre ordem superficial e concordância é, no entanto, algo que ultrapassa os limites deste trabalho.²⁴

²³Mohammad (1989, p. 114-116) aponta que o mesmo padrão de concordância pode ser observado com verbos transitivos.

²⁴Especialmente por se tratar de uma questão muito mais intrincada que envolve outras propriedades não discutidas neste texto. Há, por exemplo, casos em que a relação de concordância é estabelecida entre os elementos linearmente mais próximos tanto na ordem *sujeito verbo* (SV) quanto na ordem *verbo sujeito* (VS). Isso é demonstrado experimentalmente por Willer Gold et al. (2018), ainda que, conforme os autores argumentam, os resultados do estudo sirvam como evidência de que há uma relação hierárquica entre os dois constituintes.

2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Com base na discussão apresentada ao longo deste capítulo, é possível estabelecer que os elementos envolvidos nas coordenações fazem parte de uma estrutura hierárquica assimétrica, uma vez que a evidência empírica aponta a inadequação de estruturas achatadas para a coordenação (2.1). Tendo isso em vista, tanto configurações como (20) quanto aquelas em (9) e (9') capturam propriedades relevantes da coordenação, como as relações de c-comando estabelecidas entre seus elementos e a sua relação de constituição.

As propostas de sintagma coordenativo (&P) em que TCE e TCI são argumentos do núcleo & têm potencial para, por exemplo, acomodar – com relativa facilidade, a impossibilidade de extração do termo coordenado interno (11b, 24b). Já o tratamento das coordenações por meio de adjunção em estruturas como (20), por exemplo, pode facilitar a descrição de (4-7) acima, tendo em vista a independência estrutural da unidade formada pelo coordenador e o TCI, além de também fornecer recursos estruturais para se analisar de modo unificado dois fenômenos com características semelhantes – extrações ATB e PG (2.3).

Essas propriedades de (9), (9') e (20) são capturadas pela estrutura adotada neste trabalho. Uma vez que as relações de c-comando são restritas a categorias (31), o segmento que domina imediatamente o & e o TCI em (28), isto é, o segmento &P₂, se equipara a uma projeção de nível intermediário, o que pode ser utilizado como recurso para que a extração dessa parte da coordenação seja impedida. Ao mesmo tempo, é possível a formação de construções como (4a) e (5) na ausência de TCE. Além disso, semelhanças entre estruturas de coordenação e de adjunção (2.3) deixam de ser inesperadas a partir da adoção de (28).

Ainda que a estrutura (28) venha a se mostrar inadequada por fatores não analisados neste trabalho, há fortes argumentos em favor de uma estrutura que estabeleça uma relação assimétrica entre os termos coordenados, bem como da existência de c-comando assimétrico de TCE sobre TCI, e essas são propriedades mais relevantes para discussão nos capítulos a seguir. Nesse sentido, antes de ser dependente da estrutura (28), a análise das dependências ATB de que se ocupa esta pesquisa demanda uma estrutura em que sejam estabelecidas relações de c-comando assimétrico entre TCE e TCI e, principalmente, entre elementos da oração matriz e TCE/TCI.

Tais características estão presentes tanto em estruturas como (9) e (9') quanto em (20) e (28), de forma que a adoção de (28) se dá por razões independentes exploradas neste capítulo. No capítulo a seguir é feita uma caracterização do fenômeno que constitui o objeto de estudo deste trabalho, a partir da discussão da restrição sobre estruturas coordenadas (CSC). Além disso, algumas propostas de análise para dependências ATB serão retomadas e discutidas. O capítulo 4, na sequência, estende a discussão sobre o fenômeno.

3 CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO

Neste capítulo será feita uma caracterização e discussão do fenômeno das dependências *across-the-board* em orações coordenadas (ATB), que corresponde ao objeto de estudo desta pesquisa. As configurações ATB constituem uma exceção à impossibilidade de extração de elementos (a partir) de estruturas coordenadas ((CSC) Ross (1967)), razão pela qual a descrição do fenômeno feita neste capítulo parte de uma breve discussão a respeito da CSC (seção 3.1). Além disso, ainda na seção 3.1, dados de exceção à CSC que não correspondem a configurações ATB são apresentados, o que tem por objetivo delimitar o tipo de ocorrência que faz parte do escopo deste trabalho.

Ainda com o objetivo de estabelecer essa delimitação, serão apresentados diferentes tipos de configurações ATB, dentre as quais é de interesse deste estudo aquelas que constituem interrogativas WH (seção 3.2). Já na seção 3.3, algumas das direções analíticas encontradas na literatura são apresentadas e discutidas. As análises aqui revisadas estão divididas em dois grupos. O primeiro deles é composto por propostas que tratam todos os termos coordenados de maneira equivalente para o mecanismo de movimento (e.g. Citko (2005)). O outro é formado por propostas que assumem mecanismos de movimento que distinguem termos coordenados internos e externos (e.g. Munn (1993)). Uma síntese do capítulo é feita na seção 3.4.

3.1 RESTRIÇÃO SOBRE ESTRUTURAS COORDENADAS (CSC)

As construções que envolvem dependências *across-the-board* (que, a partir deste ponto, chamarei de construções ATB) estão diretamente relacionadas à restrição sobre estruturas coordenadas (CSC – *Coordinate Structure Constraint*), apresentada em Ross (1967) como uma regra de limitação sobre movimentos: ²⁵

(41) In a coordinate structure, no conjunct may be moved, nor may any element contained in a conjunct be moved out of that conjunct.

(ROSS, 1967, p. 161)

²⁵ Tomada, também, como um teste para estruturas de coordenação (cf. Ross (1967, p. 170-174)).

Apesar de a formulação original constituir a uma restrição sobre operações de movimento, neste trabalho, a CSC é tomada essencialmente como uma observação dos efeitos em (42-43), e não enquanto quaisquer mecanismos subjacentes a esses efeitos.

NO CONJUNCT MAY BE MOVED | Parte I ²⁶

- (42) a. O Pedro saiu e a Maria voltou.
b. * E a Maria voltou, o Pedro saiu _
- (43) a. A Maria comprou um livro e um caderno.
b. * E um caderno, a maria comprou um livro _

NOR MAY ANY ELEMENT CONTAINED IN A CONJUNCT BE MOVED OUT OF THAT CONJUNCT | Parte II

- (44) a. * Quem o Pedro contratou _ e a Maria demitiu o João
b. * Quem o Pedro contratou o João e a Maria demitiu _

A CSC confere estatuto de ilha sintática às coordenações, de modo que, como se observa por meio dos dados acima, extrações feitas a partir de seu domínio dão origem a construções agramaticais. Há, no entanto, casos em que a CSC é violada sem que isso resulte em agramaticalidade, conforme também notado por Ross (1967). Um deles diz respeito ao objeto de estudo deste trabalho e será discutido em 3.2. Outro – que será apresentado nesta seção com o objetivo de distingui-lo da base empírica relevante – envolve um tipo de construção que recebe diferentes nomes na literatura, como *pseudocoordenação* (e.g. De Vos (2005, 2009)), *falsa coordenação* (e.g. Colaço e Gonçalves (2016)), ou *coordenação assimétrica semanticamente* ²⁷ (e.g. Weisser (2015)).

Grosso modo, essas construções (que chamarei de *pseudocoordenações*, apenas para facilitar a exposição) se caracterizam pela apresentação de uma leitura de evento único (ainda que se trate de um evento complexo), em contraste com o padrão geral dos demais dados de coordenação oracional, em que cada termo coordenado envolve um

²⁶ A divisão da CSC em duas partes não se dá apenas por razões de exposição. Há trabalhos que argumentam que elas devem ser analisadas de maneira separada (ao menos em parte), uma vez que a sensibilidade de algumas línguas a cada uma das partes da CSC seria distinta. Cf., por exemplo, Bošković (2018) e Oda (2017).

²⁷ Como vimos no capítulo anterior, coordenações regulares exibem assimetrias sintáticas. Nesse sentido, o que está em jogo nos dados desta seção são assimetrias de natureza interpretativa entre os termos coordenados. Uma discussão sobre os padrões desse tipo de construção pode ser encontrada em Lakoff (1986).

evento distinto (ainda que os diferentes eventos possam ser relacionados), o que deve ficar mais claro a partir dos exemplos a seguir:^{28, 29}

- (45) a. O Pedro vai pegar e acender a vela (Pseudocoordenação)
 b. * O Pedro vai acender a vela e pegar
- (46) c. O Pedro vai pegar o fósforo e acender a vela (Coordenação oracional)
 d. O Pedro vai acender a vela e pegar o fósforo

Em (45), *pegar* tem seu sentido esvaziado, e os dois termos coordenados descrevem um único evento. Isso é evidenciado pela agramaticalidade de (45b), em que se tenta, sem sucesso, bloquear a leitura de um único evento através da inversão dos termos coordenados. A comparação com (46) reforça essa diferença. Dessa forma, os termos coordenados nas coordenações oracionais mantêm uma relação distinta do que ocorre nos dados de pseudocoordenação, que como adiantado acima, correspondem a um dos casos em que a CSC parece ser violada, como exemplifica (47):

- (47) a. Which dress has she gone and ruined now?

(ROSS, 1967, p. 170)

Em (47), *which dress* corresponde a uma lacuna no segundo termo coordenado sem que isso torne o dado agramatical. O inverso, quando a extração se dá a partir do primeiro termo coordenado, também parece ser possível:

- (48) What can you drink and not end up with a hangover the next morning?

(GOLDSMITH, 1985, p. 4)

Uma observação adicional sobre esse tipo de construção é o fato de que parte da coordenação pode ser considerada como correlata (ao menos na forma como é interpretada) a algum tipo de subordinação adverbial, conforme o par a seguir, em que

²⁸ A caracterização de pseudocoordenações a partir de sua leitura serve como um meio para identificar essas construções intuitivamente. Esse tipo de ocorrência, porém, apresenta um padrão relativamente heterogêneo, podendo ser subdividida a partir de diferentes testes (cf. De Vos (2009) e Weisser (2015)). Para os propósitos deste trabalho, no entanto, tal subdivisão não se faz necessária.

²⁹ A leitura relevante para (45) é análoga a “o Pedro vai acender a vela”, isto é, trata-se de uma leitura em que “pegar” tem seu sentido esvaziado, não correspondendo a “pegar (em) algo”. Existe a possibilidade, no entanto, de as construções (45a) e (45b) estarem associadas a uma leitura em que “a vela” é complemento de “pegar” e de “acender”, de modo similar a (12). Com esta última leitura uma variante de (45b) seria aceitável: “o Pedro vai acender e pegar a vela”.

uma das leituras possíveis de (a), em que o segundo termo coordenado codifica finalidade, pode ser obtida por meio de (b):

- (49) a. I went to the store and bought some whisky.
b. I went to the store to buy some whisky.

(ROSS, 1967, p. 168-169)

Ainda como apontado originalmente por Ross, porém, os contextos sintáticos em que esse tipo de violação à CSC pode ocorrer são notadamente restritos. As restrições podem envolver, por exemplo, questões aspectuais, como em (50a), em que a formação do segundo termo coordenado a partir de um predicado estativo (e/ou a do primeiro a partir de um verbo de posse) tornam o dado inaceitável, ou, ainda, questões relacionadas à combinação de diferentes formas de tempos verbais, como em (50b).

- (50) a. * The tall nurse who Tony has a Fiat and yearns for is cruel to him
b. * The excellent whisky which I went to the store and have bought was very costly

(ROSS, 1967, p. 168-169)

Similarmente, a presença de um sujeito distinto no segundo termo coordenado (51a-b), assim como a inversão dos termos coordenados (51c), também pode impedir a extração:

- (51) a. Here's the whisky which I went to the store and bought.
b. * Here's the whisky which I went to the store and Mike bought.

(ROSS, 1967, p. 168)

- c. * Here's the whiskey that John bought and went to town.

(WEISSER, 2015, p. 176)

Entre os dados acima, os casos em que a tentativa de extração a partir de um dos termos coordenados falha são exatamente aqueles nos quais há alguma propriedade incompatível com a configuração de pseudocoordenação, como por exemplo sujeitos distintos em cada termo coordenado (51b).³⁰ Nesse sentido, os dados negativos (50a),

³⁰ A necessidade de as partes da pseudocoordenação exibirem formas verbais compatíveis em tempo/modo, além da impossibilidade de haver um sujeito distinto para cada termo coordenado são algumas das características centrais dessas construções, para além da leitura de um único evento que elas introduzem. Uma caracterização muito mais detalhada é fornecida pelos autores citados no início desta seção. Cf.

(50b), (51b) e (51c) não correspondem a estruturas de pseudocoordenação, de modo que o tipo de violação à CSC em questão nesta seção (em que há a extração a partir de somente uma das partes da coordenação) parece estar restrito às estruturas de pseudocoordenação, cuja análise ultrapassa o escopo deste trabalho. É interessante observar, porém, que as características das pseudocoordenações sugerem que essas construções têm uma estrutura distinta das demais coordenações.

A necessidade de os termos coordenados apresentarem propriedades como tempo e modo compatíveis leva De Vos (2009) a assumir que as pseudocoordenações são coordenações verbais em níveis mais baixos (e.g. VP), o que também responderia pela impossibilidade de haver sujeitos distintos relacionados a cada parte da pseudocoordenação. O que marcaria a distinção entre coordenação e pseudocoordenação, além da altura da coordenação, seria a definição de quais elementos estão incluídos na pseudocoordenação. Isso porque não é o caso que toda coordenação verbal em nível baixo irá exibir propriedades de pseudocoordenação e permitir a extração a partir de um único termo coordenado. Simplificadamente, junto a outras propriedades mais gerais sobre a gramática assumida pelo autor, De Vos assume que os complementos verbais, nas pseudocoordenações, estaria fora do complexo coordenado, o que permitiria o movimento a partir de pseudocoordenações.

Já Weisser (2015), em uma análise que busca dar conta da semelhança – no âmbito interpretativo – entre pseudocoordenação e adjunção, assume que a estrutura desse tipo de dado é formada por uma combinação de coordenação e subordinação. Para isso, um dos termos coordenados seria gerado como adjunto de algum elemento pertencente ao outro termo coordenado (fazendo parte, dessa forma, do outro termo coordenado da pseudocoordenação). Posteriormente, o termo coordenado adjunto seria movido para a posição de especificador do sintagma coordenativo, o que lhe conferiria um estatuto ‘dual’.³¹

Assumindo que a análise das pseudocoordenações é distinta das coordenações regulares, os casos de violação à CSC em que há extração de elementos a partir de

especialmente De Vos (2005) para uma caracterização dos subtipos de pseudocoordenação e suas propriedades, e Colaço e Gonçalves (2016) para um conjunto de dados do português europeu que evidenciam tais propriedades.

³¹ Essa análise é semelhante ao tratamento que Weisser (2013) apresenta para construções como *‘you drink one more can of beer and I’m leaving’* (WEISSER, 2013, p. 303).

somente um dos termos coordenados é algo que ultrapassa o escopo deste trabalho, de modo que dados como os apresentados nesta seção não estão incluídos na análise.

3.2 DEPENDÊNCIAS ACROSS-THE-BOARD

Um tipo mais abrangente de exceção à CSC corresponde às dependências ATB. Se para os exemplos de violação “bem-sucedida” à CSC acima há uma série de restrições a respeito das propriedades dos termos coordenados e das relações que eles mantêm entre si, nos casos de ATB a extração pode ocorrer de forma praticamente irrestrita em conjunções oracionais, desde que a extração se aplique a todos os termos coordenados igualmente, isto é, para operações realizadas *across-the-board*, a CSC não se aplica (cf. Ross (1967, p. 174-175)).

Os casos de operações ATB originalmente apresentados por Ross são aqueles que envolvem as operações *Relative Clause Formation* (que gera dados como (52)) e *Conjunction Reduction* (que forma (53b) a partir de (53a), por exemplo).

RELATIVE CLAUSE FORMATION

(52) Students who fail the final exam or who do not do the reading will be executed.

(ROSS, 1967, p. 177).

CONJUNCTION REDUCTION

(53) a. Sally might be pregnant, and everyone believes Sheila definitely is pregnant.
b. Sally might be, and everyone believes Sheila definitely is, pregnant.

(ROSS, 1967, p. 175).

A partir de sua análise, outros fenômenos passaram a ser descritos como construções ATB, como topicalização e formação de interrogativas WH em coordenações, por exemplo.

TOPICALIZAÇÃO

(54) a. * O livro, a Maria adora _ e o Paulo detesta Dom Casmurro
b. * O livro, a Maria adora Dom Casmurro e o Paulo detesta _
c. O livro, a Maria adora _ e o Paulo detesta _.

FORMAÇÃO DE INTERROGATIVAS WH

- (55) a. * Quem o Pedro encontrou a Ana e a Maria viu _
 b. * Quem o Pedro encontrou _ e a Maria viu a Ana
 c. Quem o Pedro encontrou _ e a Maria viu _ ?

Conforme adiantado na introdução, dentre os vários tipos de construções ATB, é de interesse deste estudo especificamente aquele que, como no último caso acima, envolve extração *across-the-board* de sintagmas WH em interrogativas, inicialmente analisado em Williams (1978) e que pode ser considerado como uma das ocorrências típicas do fenômeno. Tomemos como ponto de partida (55). Como previsto a partir da CSC, (55a-b) são dados agramaticais. Já a construção em (55c) é aceitável dado que o elemento frontado *quem* está associado a uma lacuna na posição de objeto em cada um dos termos coordenados. A questão que se coloca é como relacionar um único sintagma WH visível a mais de uma lacuna dependente em casos como (55), em que a ausência de c-comando entre as posições das lacunas inviabiliza um tratamento a partir da ciclicidade da operação de movimento (isso porque as lacunas estão posições profundamente encaixadas em cada um dos termos coordenados).

Conforme apontam Boeckx (2012) e De Vries (2015), a literatura apresenta diversas perspectivas sobre a natureza e a análise das construções ATB. São objeto de discussão, por um lado, as propriedades inerentes ao fenômeno e, por outro, o tipo de análise mais apropriado para os dados, levando em conta tais propriedades. Na seção a seguir, são apresentados alguns dos caminhos para a análise de construções ATB presentes na literatura.

3.3 CONSTRUÇÕES ATB: ALGUMAS DIREÇÕES ANALÍTICAS

Os diferentes tratamentos para o fenômeno podem ser, grosso modo, divididos em dois grupos. Há, por um lado, propostas que consideram que a operação de movimento se aplica simetricamente aos termos coordenados (i.e., consideram que não há distinção entre os termos coordenados no que se refere ao processo que gera as lacunas) e, por outro, análises que consideram que um efeito de extração ATB é derivado por meio de uma combinação de extração a partir do TCE e movimento de um outro elemento (e.g. operador nulo) internamente ao TCI. Na exposição a seguir, chamo o primeiro tipo de *extração simétrica* e o segundo de *extração assimétrica*.

3.3.1 Extração simétrica

Tendo em vista que dados como (55c) contêm um único sintagma WH fronteado que é relacionado a mais de uma lacuna, um modo de observar o fenômeno é considerar que as construções ATB são resultantes de uma espécie de movimento bifurcado, em que o sintagma WH extraído de cada termo coordenado seria, de algum modo, fundido em um único elemento, ou então que as diferentes cadeias formadas por cada uma das extrações é que passariam por algum processo de fusão. Um esboço pré-teórico dessa possibilidade é ilustrado em (56), adaptado de De Vries (2015, p. 12, ex. 47):

(56) Quem o Pedro encontrou _ e a Maria viu _



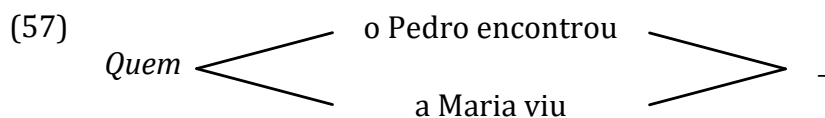
A análise originalmente apresentada por Williams (1978) formaliza a ideia por trás de (56) a partir de um tratamento que envolve fatoração³² dos elementos da coordenação. Antes de haver movimento do sintagma WH, as partes correlatas de cada termo coordenado (e.g. *o Pedro encontrou* e *a Maria viu* em (55c)) seriam “agrupadas” em um fator. Assim, um dos fatores incluiria todos e apenas os sintagmas WH de cada um dos termos coordenados. A operação de movimento colocaria uma única cópia do sintagma WH em sua posição fronteada e apagaria por completo o conteúdo do fator correspondente às demais ocorrências do sintagma (cf. Williams, 1978, p. 32).³³

Uma adaptação desse raciocínio pode ser feita a partir do uso de algum tipo de compartilhamento de estrutura (*structure sharing*), em que um constituinte teria mais de um nóculo mãe, sendo, nesse sentido, ‘compartilhado’. Nesse caso, apenas um sintagma WH é movido, e esse sintagma é compartilhado por todos os termos coordenados.³⁴

³² O autor propõe uma definição particular de fator, cuja formalização pode ser encontrada em Williams (1978, p. 32) e que tem como previsão que “if one conjunct is split by a factor line, all must be split, and further, that if the conjuncts are split, then the left conjunct brackets must all belong to the same factor” (WILLIAMS, 1978, p. 32).

³³ Uma outra análise em que se formaliza uma operação de fusão é proposta por Hein e Murphy (2016). Nessa proposta, grosso modo, a intersecção de conjuntos de traços dos elementos movidos formaria um novo objeto sintático.

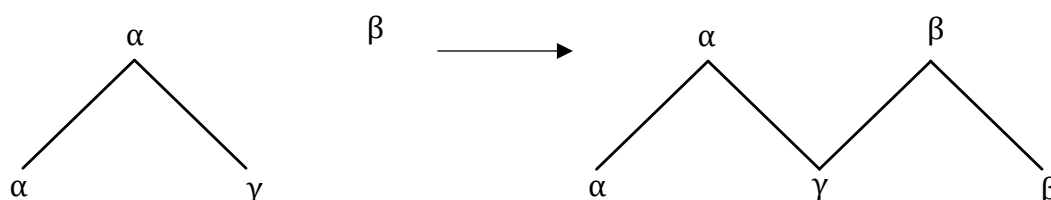
³⁴ Esse tipo de tratamento remete à proposta de Goodall (1987) (cujos detalhes escapam da alçada deste trabalho) e está presente em uma família de análises minimalistas, como a de Citko (2005), que é apresentada na sequência, deixando mais claro o que se pretende apontar com o diagrama em (57).



(DE VRIES 2015, p.13, ex. 49 (adaptado))

Implementando uma derivação nesses termos, Citko (2005) defende um terceiro tipo de *Merge*: *Merge paralelo*, que criaria estruturas simétricas e de multidominância.³⁵ Essas estruturas se tornariam antissimétricas no curso da derivação, algo que tem impacto na forma como a linearização se dá em seu modelo. O Merge paralelo como proposto pela autora combina propriedades do Merge externo (por operar sobre dois objetos distintos) e do Merge interno (por tomar para a operação uma subparte de um dos objetos).³⁶ Não se trata, no entanto, de um novo tipo de *operação*, e sim da categorização das ocorrências de Merge em que são encontradas essas propriedades (a operação sobre dois objetos distintos e a tomada de uma subparte de um desses objetos).³⁷

(58) Merge paralelo (CITKO, 2005, p. 476)



O tratamento de Citko (2005) permite que um único sintagma WH seja mergido³⁸ com elementos em cada um dos termos coordenados: após ser mergido externamente

³⁵ O termo 'multidominância' por si só poderia ser tomado como definidor de uma relação entre um constituinte e os nódulos que o dominam (imediatamente ou não). Como apontado acima, porém, o compartilhamento de estruturas se caracteriza pela existência de um constituinte com mais de um nódulo mãe, isto é, o que é relevante para essa relação é a *dominância imediata*, ou seja, o constituinte em questão ter mais de um nódulo mãe.

³⁶ A autora assume os tipos de Merge *interno* e *externo* a partir de Chomsky (2001), que estabelece que para dois elementos *a* e *p* a serem mergidos, "under external Merge, *a* and *p* are separate objects; under internal Merge, one is part of the other, and Merge yields the property of "displacement," which is ubiquitous in language and must be captured in some manner in any theory." (CHOMSKY, 2001, p. 8)

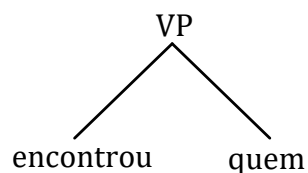
³⁷ Como aponta a autora, as ocorrências de Merge paralelo se seguiriam naturalmente das noções de Merge interno e de Merge externo.

³⁸ Na literatura em PB há possíveis traduções para *mergir*, *mergido*, etc. Optei por utilizar o estrangeirismo, por um lado, por ser tratar de uma forma que parece ser bastante bem aceita, e, por outro, para evitar que o uso de uma das possíveis traduções levasse ao comprometimento com uma análise específica.

com um verbo, poderia ser mergido novamente com um segundo verbo. A partir desse ponto, a derivação de cada termo coordenado aconteceria em paralelo até a formação da projeção de coordenação.

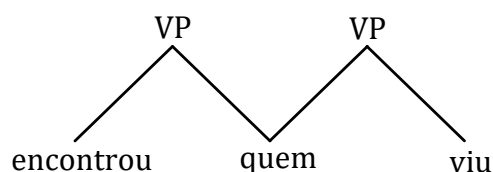
(59) Quem o Pedro encontrou _ e a Maria viu _

a.

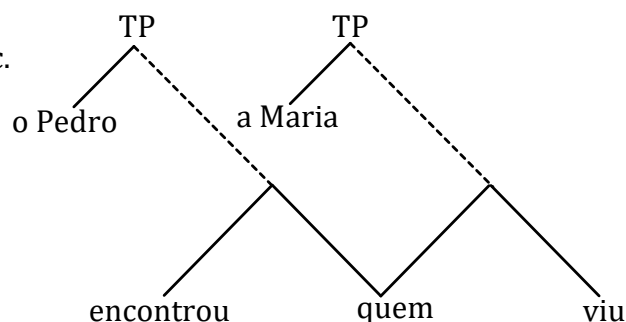


As representações (59) e (60) omitem alguns dos elementos da estrutura que não estão diretamente relacionados ao foco da exposição.

b.



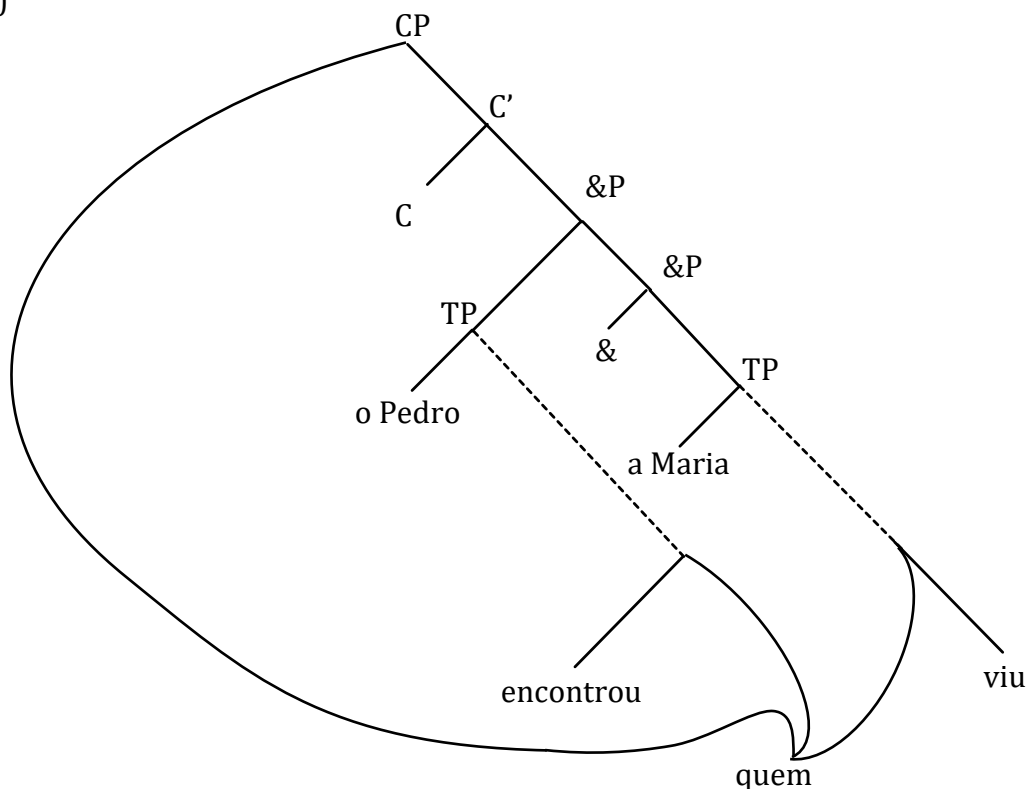
c.



Por envolver uma configuração tal que um mesmo constituinte tem mais de um nó mãe, um potencial problema para análises que envolvem compartilhamento de estruturas é o estabelecimento da ordem linear do elemento compartilhado. Para dar conta da linearização, Citko (2005) assume que é necessário que o WH seja mergido internamente para uma posição mais alta para permitir a linearização, o que resulta no padrão ATB observado em dados como (55c).³⁹

³⁹ Ocorre que o compartilhamento de constituintes resulta em informações conflitantes para a linearização. No modelo de Citko (2005), que é derivado a partir de Kayne (1994), é necessário que a relação de precedência entre um terminal e cada um dos demais terminais possa ser estabelecida de maneira não ambígua, de forma que o constituinte compartilhado precisaria ser mergido internamente para uma posição mais alta (como especificador do CP, por exemplo) para garantir a linearização. Há, no entanto, outros meios de se tratar a linearização de estruturas compartilhadas em coordenações, cf., e.g.,

(60)



Uma vez que o fronteamento (i.e. a operação de Merge interno para uma posição hierarquicamente mais alta do que o complexo de coordenação) está diretamente relacionado à linearização, uma previsão imediata desse tratamento é a inexistência de movimentos ATB encobertos, o que é um resultado compatível com a evidência empírica (cf. 4.3.1.2 no capítulo a seguir). Além disso, essa proposta também prevê, corretamente, a ausência de construções ATB com múltiplos WH fronteados em línguas de caracterizadas por exibir abertamente múltiplo fronteamento de WH, como o polonês:⁴⁰

(61) *Kogo_i kogo_j Jan lubi e_i a Maria kocha e_j? (Polonês)
quem quem Jan gosta.de e Maria ama?

(CITKO 2005, p. 492)

Uma propriedade associada às construções ATB diz respeito às leituras atribuídas ao sintagma movido. Nessas construções, em geral, as várias lacunas podem ser interpretadas como correspondendo a uma mesma entidade ou objeto, o que recebe

Gračanin-Yuksek (2013) para uma análise da linearização de estruturas compartilhadas em configurações ATB e outros fenômenos semelhantes.

⁴⁰ Conforme aponta De Vries (2015), a partir de Bošković e Franks (2000) e de Citko (2011), quando mais de um WH (distinto) está presente em cada termo coordenado, cada um deles pode ser fronteado individualmente. Trata-se, no entanto, de uma situação distinta de (61).

diferentes nomes na literatura, como *single-individual* (e.g. Citko (2005, p. 489), ou *leitura de identidade referencial* (e.g. De Vries (2015, p. 7)). Aqui, chamarei esse tipo de interpretação de **leitura-ATB**.

Há vários autores que defendem que essa seria a única leitura disponível em construções ATB (e.g. Zhang (2010), Salzmann (2012)), ainda que isso não seja consenso na literatura (cf. De Vries (2015)). Uma vez tendo uma leitura-ATB, o dado (55c) acima seria, grosso modo, interpretado como indicado em (62):

(62) Qual é a pessoa x, tal que o Pedro encontrou x e a Maria viu x?

Tratamentos em que a extração ocorre simetricamente, como o de Citko (2005), tornam trivial o estabelecimento desse tipo de leitura. Outra proposta em que a extração ocorre simetricamente (i.e., afeta todos os termos coordenados igualmente) é feita por Hornstein e Nunes (2002). Nessa análise, (que não utiliza estruturas compartilhadas, mas que tem grande similaridade com a de Citko (2005)), o elemento é movido por objetos sintáticos distintos, via movimento lateral.⁴¹ Desse modo, um mesmo sintagma WH é associado a cada um dos termos coordenados, levando às mesmas predições do tratamento de Citko em relação ao tipo de leitura atribuída às construções ATB. Na seção a seguir, apresentarei construções ATB que podem envolver leituras distintas daquela indicada em (62), o que pode desafiar esse tipo de proposta.

Antes, porém, gostaria de apontar que outra propriedade das construções ATB que é alvo de debate está relacionada a (as)simetrias de reconstrução entre os termos coordenados. Além de uma leitura-ATB, propostas em que um mesmo e único elemento WH está associado a cada um dos termos coordenados (como a de Citko (2005) ou a de Hornstein e Nunes (2002)) também preveem simetria entre os termos coordenados com relação aos efeitos de reconstrução dos sintagmas WH. Há dados apresentados na literatura que apontam nessa direção:

- (63) a. * Whose_i mother did we talk to and he_i never visit?
b. * Whose_i mother did he_i never visit and we talk to?

(CITKO 2005, p. 492)

⁴¹ Grosso modo, o elemento a ser movido lateralmente seria copiado de um objeto sintático para outro objeto distinto, e, somente em uma etapa posterior é que aconteceria o Merge desses dois objetos sintáticos distintos, que passariam a compor um único elemento.

Na seção a seguir, porém, além de dados com leituras distintas daquela em (62), também serão abordados dados que, diferentemente de (63), parecem envolver assimetrias de reconstrução. Cabe apontar, antes disso, que Citko reconhece a existência desse tipo de assimetria. A autora considera que diagnósticos de efeitos de reconstrução em construções ATB não compõem uma classe uniforme, dado que em algumas circunstâncias a reconstrução parece ocorrer simetricamente, como previsto por sua análise (e.g. (63)), enquanto em outros casos assimetrias parecem emergir, de modo que, se por um lado esse tipo de teste não necessariamente apoia sua proposta, por outro também não serviria para invalidá-la.

Em síntese, tendo em vista a questão relativa à ocorrência ou não de simetrias de reconstrução e de leitura entre os termos coordenados, a hipótese considerada na presente pesquisa divide a base empírica, adotando a proposta de Citko (2005) para uma parcela dos dados, a qual corresponde àquela em que há simetrias entre os termos coordenados em relação à leitura e a efeitos de reconstrução, como será discutido no próximo capítulo.

3.3.2 Extração assimétrica

Como mencionado no início desta seção, além da possibilidade de se assumir a extração de um mesmo elemento WH igualmente a partir de cada um dos termos coordenados, há ainda propostas em que a extração ocorre de modo assimétrico, de modo que TCE e TCI seriam vistos de modo distintos em relação aos procedimentos de extração. Nesse tipo de análise, o movimento que resulta no fracionamento do sintagma WH em construções ATB parte apenas do TCE, ao passo em que a lacuna não inicial é originada por uma operação de movimento interna ao TCI. Para isso, de modo geral se assume que a extração a partir do TCE é similar ao que ocorre em dados sem coordenação, sendo o segundo tipo de operação de movimento (e, conseqüentemente, a forma como a lacuna não inicial é obtida no TCI) o que distingue as análises de cunho assimétrico.

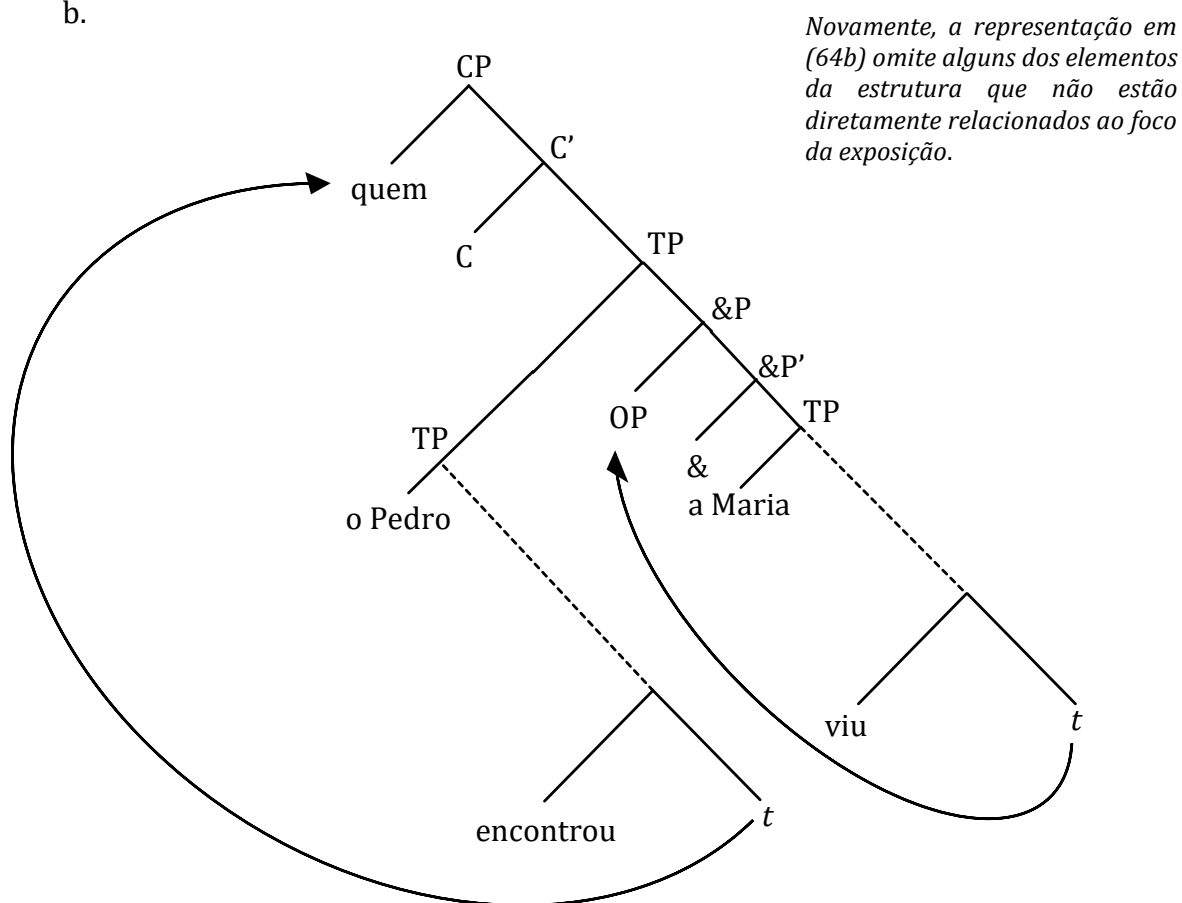
Um meio de se obter a lacuna não inicial é associando-a ao movimento de um operador nulo (OP), como proposto por Munn (1993). Como apontado no capítulo anterior, Munn descreve a coordenação por meio de uma estrutura regular de adjunção,

em que &P corresponderia à unidade formada pelo coordenador e o TCI, e seria ligado ao TCE via adjunção.

Uma questão que o autor tenta responder em sua análise de construções ATB é o que poderia surgir, então, como especificador em &P. Sua proposta é que em construções ATB, OP seria movido de sua posição argumental para Spec/&P. Esse movimento estaria em acordo com a CSC uma vez que não ultrapassaria o limite da coordenação. Dessa maneira, a análise de (55c), repetido aqui como (64a), resultaria em uma configuração como (64b):

(64) a. Quem o Pedro encontrou _ e a Maria viu _ ?

b.



Um mecanismo de composição de cadeia seria responsável por relacionar as lacunas de todos os termos coordenados. Esse tratamento para as construções ATB se apoia fortemente na análise proposta por Chomsky (1986) para o fenômeno de lacunas parasitas (PG). Na análise de Munn (1993), esses dois tipos de construção são descritos como partes de um mesmo fenômeno. Mais especificamente, as construções ATB são analisadas como um tipo de PG. É possível encontrar ressalvas na literatura em relação

à análise unificada para ambos os fenômenos,⁴² no entanto, uma análise unificada, como propõe Munn (1993), captura a grande semelhança entre ATB e PG (mencionada em 2.2.2), o que, de outro modo, poderia ser atribuído ao acaso:⁴³

- (65) a. Qual funcionário ela contratou _ e o Pedro entrevistou _
b. Qual funcionário ela contratou _ depois que o Pedro entrevistou _

O mecanismo de Munn (1993) possibilita (por meio da composição de cadeia mencionada acima) derivar a leitura-ATB indicada em (62), ainda que isso não seja obrigatório em seu modelo. Assim, leituras não-ATB também poderiam ser derivadas, o que parece empiricamente correto⁴⁴ dadas as possibilidades de leituras não-ATB encontradas nessas construções:

- (66) a. I wonder which song Peter composed _ today and Susan sang _ yesterday.
b. How many matches did Peter play _ and Susan win _?

(DE VRIES, 2015, p. 8)

- (67) a. Que prato o cozinheiro vai criar _ hoje e o Pedro experimentou _ ontem?
b. Quantos livros o Pedro emprestou _ e o João devolveu _?

Assimetrias de reconstrução também são esperadas em uma análise desse tipo. Na contramão de (63), e diferentemente do que preveem as análises simétricas, assimetrias nos efeitos de reconstrução são encontradas em construções ATB:

- (68) a. Which pictures of himself_i did John_i buy _ and Mary paint _
b. * Which pictures of herself_i did John buy _ and Mary_i paint _

(MUNN, 1993, p. 52)

⁴² Postal (1993), por exemplo, argumenta que as ocorrências de PG são mais restritas do que as de construções ATB. Exemplo disso seria a impossibilidade de elementos adverbiais corresponderem a lacunas dentro de adjuntos nas configurações de PG, o que não se aplica às construções ATB:

(i) * Quando_i o Pedro saiu __i porque a Maria voltou __i (PG)
(ii) Quando_i o Pedro saiu __i e a Maria voltou __i (ATB)


A despeito de distinções entre PG e ATB como essa apresentada acima colocarem desafios para uma análise unificada, continua sendo possível analisar ambos os fenômenos a partir dos mesmos mecanismos.

⁴³ Munn (1993) procura tratar construções ATB em termos de PG. Uma análise que faz o caminho inverso, tratando PG a partir de ATB, é proposta por Williams (1990).

⁴⁴ Além dos dados que exibem leituras não-ATB disponíveis na literatura, para esta pesquisa foi realizado um experimento piloto (apresentado em 4.2), cujos resultados apontam na mesma direção.

- (69) a. [Qual foto de si mesmo_k] o Paulo_k tirou _ e a Ana emoldurou _
 b. * [Qual foto de si mesma_k] o Paulo_k tirou _ e a Ana_j emoldurou _

Zhang (2010), apesar de propor um tratamento assimétrico para construções ATB, defende a obrigatoriedade e exclusividade de uma leitura-ATB nesse tipo de estrutura. Para isso, a autora deixa de lado dados que envolvem leituras não-ATB, afirmando que tais construções devem ser tratadas à parte. Em sua proposta, uma variável pronominal silenciosa originaria a lacuna não inicial, estando vinculada ao elemento fronteado, que por sua vez teria um morfema implícito com significado de *mesmo* (*same*):

- (70) a. Which picture of himself did Tom paint and Mary buy?
 b.  [[DP₂ which <same> picture of himself] did Tom paint t_{DP2} and *pro-Φ_i* did Mary buy t_i]?
 (ZHANG 2010, p. 223)

Apesar de dar conta de assimetrias de reconstrução como aquelas em (68-69), não apenas ficam de fora da análise dados do tipo (66-67) como, também, a leitura não-ATB que parece estar disponível para dados como (69a), similares a (70a). Outra proposta que considera apenas leituras-ATB a partir de uma análise assimétrica é feita por Salzmann (2012), que toma as construções ATB como produtos de elipse. Em sua proposta, a lacuna não inicial é originada a partir de movimento de um sintagma WH correlacionável ao do TCE. Cada um dos termos coordenados é construído independentemente até o ponto em que a coordenação é formada.

- (71) a. [_{TP} John did [_{VP} [which book]₁ like [which book]₁]]
 b. [_{TP} Mary did [_{VP} [which book]₂ dislike [which book]₂]]

(SALZMANN, 2012, p. 407)

Nessa proposta, se assume a coordenação em um nível mais baixo do que o CP, numa configuração que envolve a conjunção de TPs, de forma que a cadeia formada no TCI é parcial.

- (72) [_{&P} & [_{TP} Mary <did> [_{VP} <[which book]₂>dislike [which book]₂]]]

(SALZMANN, 2012, p. 408)

Como a coleção inicial de itens lexicais a partir da qual a sentença é construída (i.e.,

numeração) conteria um elemento WH para cada termo coordenado, a cadeia de movimento pode ser iniciada de modo autônomo em cada TP que será coordenado, como ilustrado em (71). Somente quando o TP correspondente ao TCI é mergido com o núcleo &, como ilustrado em (72), é que a derivação passa a tratar TCI e TCE de modo distinto. O núcleo & conteria um traço-[E]_{atb} especial para construções ATB, com propriedades seletivas e fonológicas específicas (SALZMANN, 2012, p. 410).

Simplificadamente, isso permitiria a elisão dos elementos relevantes no TCI, dando origem ao padrão ATB. A configuração em (73), por exemplo, ilustra a derivação de “Which book did John like and Mary dislike?”. (colchetes arqueados indicam apagamentos relacionados à derivação da construção ATB, enquanto os traços indicam os apagamentos que ocorreriam por razões independentes)

- (73) [_{CP}[Which book]₁ did₃ [_{&P} [_{TP} John ~~did~~₃ [_{VP} [~~which book~~]₄ like [~~which book~~]₄]]
& [_{TP} Mary <did> [_{VP} <[which book]₂> dislike [~~which book~~]₂]]]]?

(SALZMANN, 2012, p. 408)

Processos regulares⁴⁵ de apagamento de cópias intermediárias seriam aplicados, o que, segundo o autor, permitiria que o sintagma WH frontado ligasse os vestígios em cada um dos termos coordenados, o que, por sua vez, garantiria a leitura-ATB para os dados (que o autor considera ser a única disponível para as construções em questão). Já em relação às (as)simetrias de reconstrução, os efeitos notados em (63) podem ser derivados de modo relativamente trivial, dado que os elementos no TCI cujo conteúdo fonológico foi elidido no curso da derivação poderia corresponder a cópias completas, idênticas ao sintagma frontado. Assim, efeitos simétricos de reconstrução são adequadamente previstos.

Por outro lado, em sua proposta, Salzmann (2012) também inclui a análise de dados que exibem assimetrias de reconstrução. Para isso, o autor atribui esses casos de assimetria a efeitos de *vehicle change* (cf. Fiengo e May (1994)) relacionados aos processos de elisão no TCI, assumindo que nomes e elementos reflexivos⁴⁶ poderiam ter um correlato pronominal no domínio da elipse (SALZMANN, 2012, p. 433).⁴⁷

⁴⁵ i.e., processos de apagamento de cópia que são independentemente assumidos para outros tipos de construção dentro de um modelo de movimento via cópia, como assumido pelo autor.

⁴⁶ i.e., expressões referenciais e anáforas.

⁴⁷ Salzmann assume a noção de *vehicle change* não como uma operação, mas como um efeito causado pela existência da correlação entre diferentes nominais coindexados (cf. Salzmann (2013, p. 9)).

Essa análise fornecida pelo autor para as assimetrias de reconstrução em configurações ATB também é utilizada neste trabalho. Transportando a discussão do autor para dados como (69) acima, por exemplo, haveria a possibilidade de que no domínio da elipse, ao invés de uma cópia completa e idêntica do sintagma frontado contendo a anáfora, exista um elemento pronominal correspondente ao reflexivo do elemento frontado, algo como *qual foto de si mesmo_i João_i tirou e a Ana emoldurou ~~qual foto dele~~_i* (os elementos tracejados seriam elididos). O resultado dessa configuração seria a previsão de que efeitos de reconstrução estão presentes em ambos os termos coordenados, mas cada um deles responde a uma condição distinta: o TCE, por não fazer parte do domínio da elipse, exibiria efeitos de Princípio A, enquanto o TCI exibiria efeitos de Princípio B, o que causaria o contraste de aceitabilidade em (69).

3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, as construções ATB foram caracterizadas enquanto exceção à (segunda parte da) CSC. Também busquei demonstrar que essas construções são distintas daquelas em que a violação envolve extração a partir de apenas um dos termos coordenados em estruturas de pseudocoordenação. Em seguida, procurei elencar algumas das propriedades relevantes dos casos de interesse neste trabalho (i.e., aqueles que envolvem extração ATB de sintagmas WH), retomando algumas das propostas disponíveis na literatura.

A base empírica relativa às análises para as construções ATB impõe uma série de desafios, tratados em maior ou menor medida por cada uma das propostas aqui apresentadas. Entre as diversas questões colocadas para o tratamento dessas construções, gostaria de chamar atenção para os seguintes aspectos, para os quais não parece haver uma postura coesa na literatura: (i) a obrigatoriedade ou não de que construções ATB tenham uma leitura-ATB e (ii) a existência reconstrução (as)simétrica nessas construções.

Em relação ao primeiro ponto, há, por um lado, análises que defendem que construções ATB sempre têm leitura-ATB, como Citko (2005) e Salzmann (2012, 2013), por exemplo. Por outro, há autores que assumem a existência de construções com leitura não-ATB, como é o caso de De Vries (2015) e Munn (1993). Já em relação ao segundo

ponto a divergência entre os autores está relacionada à forma como (as)simetrias nos efeitos de reconstrução, como exemplifica o par (69), são consideradas.

Saindo das especificidades de cada uma dessas propostas e voltando o olhar para o quadro mais amplo, pode-se concluir que as evidências apontam para a existência de construções ATB tanto com leitura-ATB quanto com leitura não-ATB, ao mesmo tempo em que, como indicado por Citko (2005) e por Salzmann (2012), entre outros, tanto efeitos de reconstrução simétricos quanto assimétricos parecem emergir em construções ATB.

Isso está na base da discussão que será feita no próximo capítulo, uma vez que a hipótese deste estudo é a de que a base empírica do fenômeno se divide em dois tipos de construção. O primeiro deles corresponderia a ocorrências genuínas de construções ATB e é analisado nos termos de Citko (2005). O outro seria formado por construções que se assemelham ao ATB verdadeiro na superfície, mas que são derivados de maneira distinta. Desse modo, o comportamento heterogêneo reportado pela literatura em relação a (i) e (ii) seria causado exatamente por haver dois tipos de construção em jogo.

No capítulo a seguir, essa possibilidade é explorada em maior detalhe sem, no entanto, que se pretenda fornecer uma análise completa para o fenômeno. Ainda assim, acredito que a discussão a seguir, ainda que tentativa, poderá contribuir para a análise das construções ATB.

4 ESTENDENDO A DISCUSSÃO

Tendo em vista a discussão feita nos capítulos anteriores, assumo como hipótese que o conjunto de dados descritos como movimento ATB de sintagmas WH na verdade é constituído de uma sobreposição de resultados de superfície, que seriam obtidos por meios sintáticos distintos. Dito de outro modo, esses dados seriam resultantes de ambiguidade estrutural, o que teria como reflexo as diferentes propriedades interpretativas atribuídas ao fenômeno. Essa análise explora os diferentes níveis em que a coordenação oracional pode ocorrer, dadas as assunções dos capítulos anteriores.

Trata-se de uma hipótese tentativa, que busca dar conta de diferentes propriedades exibidas pelas construções ATB. Essas construções são analisadas como resultantes de duas configurações sintáticas distintas: coordenação de CPs com cadeias WH completas em cada termo coordenado (falso-ATB) e coordenações abaixo de CP, que teriam um único constituinte WH compartilhado em uma estrutura de multidominância (construções ATB verdadeiras). A seguir, é feita a apresentação da hipótese (4.1), seguida da descrição de um experimento piloto, realizado para identificar diferentes leituras para esses dados (4.2). Uma retomada das características de cada tipo de construção é feita em (4.4).

4.1 APRESENTAÇÃO DA HIPÓTESE

Dada a assunção de que quaisquer categorias podem figurar em coordenações (conforme discussão feita no capítulo 2), as possibilidades lógicas para a formação de coordenação oracional envolvem desde a coordenação de CPs até a coordenação de VPs.⁴⁸ Em muitos casos, porém, os resultados dessas coordenações seriam equivalentes em sua forma de superfície, dado que as coordenações constituem um ambiente notadamente caracterizado por permitir ocorrência de fenômenos de elipse (cf. Merchant (2001)).

⁴⁸ Para facilitar a discussão, faço um uso de *oracional* aqui que é afrouxado, permitindo incluir elementos verbais cuja coordenação, em si, não corresponde a uma oração propriamente. A questão relevante nesses dados é o fato de que, mesmo quando a coordenação em si não corresponde a uma oração, a projeção estendida dos elementos coordenados corresponde, o que torna uma coordenação de VPs bastante distinta de uma coordenação de DPs, por exemplo.

Uma vez que não parece haver motivação empírica ou teórica para impor às coordenações uma proibição voltada especificamente para uma ou outra categoria, isto é, tendo em vista que todas essas possibilidades de coordenação estão disponíveis de modo independente, assumo que as coordenações oracionais em que emergem interrogativas WH podem corresponder a todos esses níveis (i.e. desde CPs até VPs).

A partir da interação entre formação de interrogativas WH e coordenação haveria uma consequente distinção entre a coordenação de CPs e as demais. Isso porque, diferentemente do que ocorre nos demais casos de coordenação oracional, a coordenação de CPs em interrogativas WH exige a formação de uma cadeia de movimento WH distinta em cada termo coordenado, o que pode ser atestado a partir de dados de coordenação de CPs que não envolvem elipse:

(74) Quantos carros que a Ana vai consertar e quantos carros que o Pedro comprou?

Dessa forma, as interrogativas WH formadas nas coordenações de CP teriam propriedades distintas em relação às formadas nas coordenações abaixo de CP. Tendo isso em vista, a análise aqui apresentada visa explorar como essas diferentes possibilidades de coordenação poderiam responder pelo comportamento heterogêneo das construções ATB, assumindo a hipótese de que tal heterogeneidade tem origem na ambiguidade estrutural dessas construções.

Em suma, nesta tentativa de descrição do fenômeno em estudo, considero que os dados de construções ATB com frenteamento de sintagma WH devem ser separados em dois grupos:

GRUPO A: CONSTRUÇÕES ATB VERDADEIRAS

Seriam caracterizadas pelo paralelismo entre as lacunas e ocorreriam na coordenações que envolvem de TP até VPs.⁴⁹ e ⁵⁰ Às construções ATB verdadeiras

⁴⁹ Uma vez que o tratamento adotado para as construções ATB verdadeiras é a derivação via Merge paralelo, conforme proposto por Citko (2005), as coordenações de CPs são excluídas por questões independentes. Numa coordenação de CPs, a derivação via Merge paralelo falharia por violar a ciclicidade do movimento WH. Cabe observar que esse resultado também seria obtido caso outro mecanismo de movimento (e.g. movimento por cópia) fosse adotado.

⁵⁰ Não é mandatório para o funcionamento da análise que as construções ATB sejam licenciadas em outros tipos de coordenação que não aquela formadas por TP. No entanto, não havendo motivação a priori para impor essa limitação, e dado que o tratamento assumido para construções ATB verdadeiras é compatível com coordenação em níveis entre TP e VP, i.e. TP&TP, vP&vP, etc., considero desnecessária a imposição de

correspondem, então, a leitura-ATB obrigatória e a reconstrução simétrica. Como tratamento para esse grupo, adoto a proposta por Citko (2005), de forma que as instâncias de construções ATB verdadeiras estariam relacionadas às predições de uma derivação via Merge paralelo.

GRUPO B: CASOS DE FALSO-ATB

Corresponderiam àquela dentre as possibilidades lógicas de coordenação oracional que não é contemplada pelas construções ATB verdadeiras, i.e., coordenação de CPs, que permite uma derivação que envolva a formação de duas cadeias de movimento WH e elipse no TCI, cujos resultados de superfície podem ou não se sobrepor aos do Grupo A.

A previsão feita nesse caso é a de que instâncias de falso-ATB permitiriam uma leitura não-ATB, motivo pelo qual, antes de discutir as propriedades de cada um desses grupos, apresentarei os resultados de um experimento piloto que foi realizado para esta pesquisa com o objetivo de testar as possibilidades de leitura ATB e não-ATB.

4.2 LEITURAS ATB E NÃO-ATB: UM EXPERIMENTO PILOTO

Para além dos dados disponíveis na literatura e das intuições utilizadas para estabelecer a (in)aceitabilidade e (a)gramaticalidade dos dados em discussão, este estudo conta com os resultados de um experimento piloto que teve como objetivo verificar a emergência das leituras ATB não-ATB em um grupo de dados que, por hipótese, são considerados ambíguos entre construções ATB verdadeiras e casos de falso-ATB. O experimento contou com a participação de 12 informantes, divididos em um grupo principal (9 informantes) e um grupo de controle (3 informantes). Cada informante ouviu uma pequena narrativa, acompanhada de apoio visual, seguida de uma lista de perguntas, formada por dados-alvo e dados distratores. A narrativa foi criada de modo a permitir que os dados fossem compatíveis tanto com as leituras ATB quanto com leituras e não-ATB. Os resultados obtidos permitem afirmar que ambos os tipos de leitura estão disponíveis para os dados em questão.

mais alguma restrição em termos de categoria. No entanto, a maior parte dos exemplos aqui tratados parece envolver coordenação de TPs, especificamente.

4.2.1 Materiais e procedimento de aplicação

O experimento divide-se em duas partes. A primeira delas, voltada à contextualização e à apresentação da narrativa, é idêntica para os dois grupos de participantes e constitui o cenário utilizado para o experimento. Já a segunda parte continha a exposição das perguntas do experimento. O cenário envolveu a leitura de uma orientação inicial ao participante, seguida de uma pequena narrativa. A orientação tinha como objetivo informar o participante a respeito das etapas do experimento, além de diminuir possíveis preocupações do informante sobre os objetivos do experimento. Além disso, a narrativa lida foi elaborada buscando simular uma fala espontânea, o que orientou escolhas estilísticas em direção a adoção de elementos coloquiais, de modo a reduzir preocupações normativas dos informantes ao longo do texto. O cenário utilizado no experimento é apresentado a seguir:

PARTE I – CENÁRIO

Orientação

A seguir, você vai escutar uma pequena história. Ao final da narrativa, serão feitas 8 perguntas. Tais perguntas não têm como objetivo avaliar o seu uso linguístico, memória ou raciocínio, mas sim verificar se a forma de apresentação da história está adequada aos propósitos da narrativa.

Narrativa

Durante o ano passado, teve um campeonatinho de pingue-pongue. Os competidores disputaram várias partidas a cada rodada e aqueles que ganharam mais vezes foram seguindo para as fases seguintes da competição. Na última etapa, sobraram três participantes, a Marcela, o Carlos e a Flávia. Até aquele ponto, o Carlos e a Marcela estavam empatados na segunda posição, enquanto a Flávia estava na liderança com a vantagem de 1 vitória. Eles jogaram entre si para definir a classificação final, que foi feita contando o número de vitórias ao longo da competição. Depois da última rodada, a Marcela

fechou o campeonato na terceira posição, com um total de 6 vitórias e 4 derrotas, mas a classificação final não ficou completamente definida, porque o Carlos e a Flávia empataram na primeira colocação. Cada um tinha um total de 8 vitórias e 2 derrotas. Por causa do empate, o Carlos e a Flávia jogaram um contra o outro pela 4.a vez, já que os dois tinham disputado outras 3 partidas entre si ao longo da competição. Assim, contando a rodada extra, ambos disputaram um total de 11 partidas nesse campeonato. A partida do desempate deu a vitória para o Carlos, que no final das contas venceu 3 das 4 partidas disputadas contra a Flávia e terminou a competição com 9 vitórias e 2 derrotas. Já a Flávia finalizou o campeonato em segundo lugar, com 8 vitórias e 3 derrotas.

A narrativa foi construída de modo a permitir que as perguntas que seriam feitas na sequência pudessem ser respondidas com base em uma leitura ATB ou com base em uma leitura não-ATB. As informações relevantes são sintetizadas a seguir:

TABELA 1 – TOTAL DE PARTIDAS DE CADA FINALISTA (considera toda a competição)

Finalistas	Total de partidas
Carlos	11
Flávia	11
Marcela	10

FONTE: A autora (2020)

TABELA 2 – TOTAL DE VITÓRIAS DE CADA FINALISTA (considera toda a competição)

Finalistas	Total de vitórias
Carlos	9
Flávia	8
Marcela	6

FONTE: A autora (2020)

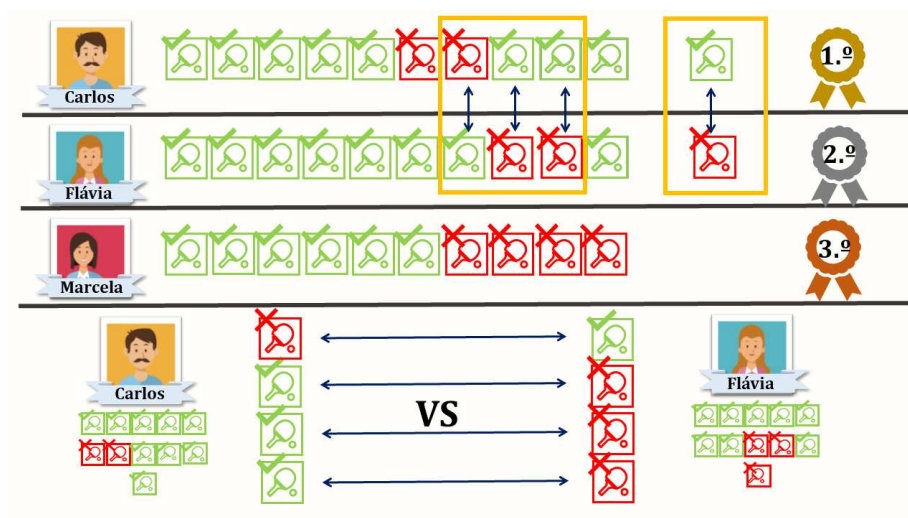
TABELA 3 – TOTAIS DAS PARTIDAS ENTRE CARLOS E FLÁVIA

Carlos x Flávia	Quantidade
Vitórias de Carlos	3
Vitórias de Flávia	1
Partidas disputadas	4

FONTE: A autora (2020)

Como a narrativa apresentava uma série de informações quantitativas, havia a preocupação de garantir que os informantes tivessem algum meio de retomar os dados durante a realização das perguntas do experimento. Em razão disso, enquanto a narrativa era lida, os participantes assistiram a uma projeção de imagens, na qual as informações quantitativas eram indicadas por meio de símbolos incrementalmente (à medida que novas informações surgiam no texto lido). Esses símbolos serviram para associar os jogadores (i.e., *Carlos*, *Flávia* e *Marcela*) às partidas por eles vencidas e perdidas. O uso de símbolos em lugar de números teve como objetivo evitar que a apresentação dos totais de cada jogador causasse algum tipo de enviesamento de leitura. A sequência de imagens apresentada está disponível neste link: <<https://www.youtube.com/watch?v=4jA6y9ei4ds>>. Durante a segunda parte do experimento, os participantes tinham pleno acesso à última imagem (disponível em melhor resolução neste link: <<https://bit.ly/2ODD3me>>), que apresentava (simbolicamente) todas as informações quantitativas necessárias para responder às questões do teste, que são apresentadas a seguir.

FIGURA 1 – TELA FINAL DO EXPERIMENTO



FONTE: A autora (2019)

PARTE II – QUESTÕES DO TESTE

Após a leitura da narrativa, o experimento seguia para sua segunda etapa, na qual as questões eram apresentadas. Diferentemente da estratégia adotada para a primeira parte do experimento, os dados não foram lidos para os participantes durante o teste. Ao invés disso, leituras pré-gravadas (links indicados nas tabelas 6 e 7 a seguir) foram apresentadas para os informantes. Isso teve como objetivo, por um lado, evitar que diferenças na leitura entre uma aplicação do teste e outra influenciassem os resultados e, por outro, tornar essa parte do teste mais impessoal para diminuir uma potencial sensação de intimidação ou pressão relacionada a “acertar” as respostas.

Nessa parte do teste, o experimento foi dividido em dois segmentos, um que compõe o teste principal, com 9 participantes, e outro que constitui um teste alternativo, com 3 participantes. Este último corresponde ao grupo de controle do teste. O que diferencia cada um deles é a ordem dos termos coordenados nos dados-alvo, como fica evidenciado a partir da lista de questões apresentadas a cada grupo de participantes.

Questões – teste principal (dados-alvo)

- (75) a. Quantas partidas o Carlos venceu e a Flávia jogou?
 b. Quantas partidas que o Carlos venceu e a Flávia jogou?
 c. Quantas partidas que o Carlos venceu e que a Flávia jogou?⁵¹

Questões – teste alternativo (dados-alvo)

- (76) a. Quantas partidas a Flávia jogou e o Carlos venceu?
 b. Quantas partidas que a Flávia jogou e o Carlos venceu?
 c. Quantas partidas que a Flávia jogou e que o Carlos venceu?

Questões – ambos os testes (dados distratores)

- (77) a. Qual a soma das vitórias do campeão e do terceiro colocado?
 b. Quantas partidas a Flávia perdeu para o Carlos?

⁵¹ Cabe observar que há, para todos os dados desse tipo, uma quarta possibilidade lógica que não foi incluída no experimento. Trata-se da inclusão do complementizador *que* somente no TCI, e.g., ** quantas partidas a Flávia jogou e que o Carlos venceu?*. Ocorre que, dada a inaceitabilidade e a agramaticalidade desse tipo de construção (por quaisquer motivos que poderão ser investigados nas próximas etapas desta pesquisa), sua testagem não era relevante (nem possível), uma vez que o experimento não visava verificar a (in)aceitabilidade dos dados, e sim o tipo de leitura a eles atribuída.

- c. Quantas partidas o terceiro colocado disputou?
- d. Qual a soma das partidas entre o Carlos e a Flávia na rodada final e na rodada extra?
- e. Quantas partidas a Flávia e o Carlos disputaram a mais do que a Marcela?

A família de dados-alvo no teste principal parte da forma (75a) que, por hipótese, seria ambígua. Da mesma forma, a família de dados-alvo do teste alternativo parte da forma (76a). A diferença entre os dados é a (não) inclusão do complementizador *que* nos termos coordenados, que teve como objetivo verificar se a presença de um núcleo C não elidido no TCE (conforme (75b) e (76b)) ou tanto no TCE quanto no TCI (conforme (75c) e (76c)) causaria diferenças nas leituras atribuídas a esses dados.⁵² O ponto essencial do teste, porém, era verificar se haveria a emergência de uma leitura não-ATB nos dados (75a-b) e (76a-b), considerados aqui como ambíguos entre construções ATB verdadeiras e casos de falso-ATB.

Os dados do teste alternativo se diferenciam daqueles do teste principal apenas em relação à ordem dos termos coordenados. A inversão foi feita com a finalidade de verificar se mudanças no contexto imediato (i.e., no próprio dado em teste) teriam impacto nas leituras preferidas/possíveis por questões discursivas. Isso porque poderia ser o caso que a ordem das informações demandadas enviassem os informantes para uma ou outra leitura, considerando-se as seguintes possibilidades:

(78) *Quantas partidas o Carlos venceu e a Flávia jogou?* (=75a)

- a. Quantas partidas o Carlos venceu dentre as quais a Flávia jogou (contra ele)?
- b. Quantas partidas o Carlos venceu, no total? E quantas partidas a Flávia jogou, no total?

(79) *Quantas partidas a Flávia jogou e o Carlos venceu?* (=76a)

- a. Quantas partidas a Flávia jogou dentre as quais o Carlos venceu?
- b. Quantas partidas a Flávia jogou, no total? E quantas partidas o Carlos venceu, no total?

Os dados (78a) e (79a) indicam possibilidades de enviesamento para uma leitura ATB, enquanto (78b) e (79b) indicam possibilidades de enviesamento para uma leitura não-ATB. É importante observar que a leitura atribuída pelos participantes aos dados-alvo foi obtida de maneira indireta: são os tipos de respostas dadas às questões-alvo que

⁵² A outra possibilidade lógica, que seria incluir o complementizador apenas no TCI não foi incluída pelo fato de não ser aceitável, e.g.* *Quantas partidas o Carlos venceu e que a Flávia jogou?* Lembrando que a aceitabilidade dos dados não estava sendo testada, e sim suas leituras possíveis.

permitem definir qual a interpretação que essas questões receberam. A combinação de informações necessária para responder ambos os conjuntos (75) e (76) tanto a partir de uma interpretação ATB quanto a partir de uma interpretação não-ATB podia ser localizada por meio da narrativa, conforme é esquematizado na tabela a seguir:

TABELA 4 – RESPOSTAS ESPERADAS DE ACORDO COM A LEITURA (ambos os testes)

Questão	Leitura ATB	Leitura não-ATB
(75a)	3 partidas	Carlos venceu 9, Flávia jogou 11
(75b)	3 partidas	Carlos venceu 9, Flávia jogou 11
(75c)	3 partidas	Carlos venceu 9, Flávia jogou 11
(76a)	3 partidas	Flávia jogou 11, Carlos venceu 9
(76b)	3 partidas	Flávia jogou 11, Carlos venceu 9
(76c)	3 partidas	Flávia jogou 11, Carlos venceu 9

FONTE: A autora (2020)

Já as respostas esperadas para as questões distratoras são apresentadas na tabela a seguir:

TABELA 5 – RESPOSTAS ESPERADAS PARA AS QUESTÕES DISTRATORAS (ambos os testes)

Questão	Resposta esperada
(77a)	15 vitórias (9 do primeiro + 6 do terceiro)
(77b)	Flávia perdeu 3 partidas contra Carlos
(77c)	Marcela disputou 10 partidas
(77d)	2 partidas
(77e)	Eles disputaram 1 partida a mais

FONTE: A autora (2020)

Uma vez que o número de informantes é pequeno (por se tratar de um teste piloto), caso haja nos dados em análise algum fator discursivo que leve à preferência de uma ou outra leitura com base na ordem de informações demandada, poderia acontecer de uma leitura possível deixar de ser atestada indevidamente (falso negativo). Por esse motivo, os dados-alvo em (76), que invertem a ordem em que as informações são demandadas,

foram incluídos no experimento, tendo sido apresentados aos participantes do grupo de controle no teste alternativo.

Também em função do número de informantes os dados foram apresentados na mesma ordem em todas as aplicações do experimento, dado que a randomização da apresentação exigira um número muito maior de aplicações para ser relevante. As tabelas a seguir indicam a ordem em que as questões (alvo e distratoras) foram apresentadas.

TABELA 6 – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS QUESTÕES (teste principal)

Questão	Tipo	Link para a gravação
(75a)	Alvo	< https://bit.ly/2tEPSpd >
(77a)	Distratora	< https://bit.ly/37dsTzg >
(77b)	Distratora	< https://bit.ly/2vl887t >
(75b)	Alvo	< https://bit.ly/2UMkC31 >
(77c)	Distratora	< https://bit.ly/2uuIMUM >
(77d)	Distratora	< https://bit.ly/2SdPMi5 >
(75c)	Alvo	< https://bit.ly/2H8Ko9k >
(77e)	Distratora	< https://bit.ly/2uuIT2E >

FONTE: A autora (2020)

TABELA 7 – ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS QUESTÕES (teste alternativo)

Questão	Tipo	Link para a gravação
(76a)	Alvo	< https://bit.ly/2UAfd3 >
(77a)	Distratora	< https://bit.ly/37dsTzg >
(77b)	Distratora	< https://bit.ly/2vl887t >
(76b)	Alvo	< https://bit.ly/37bFLpN >
(77c)	Distratora	< https://bit.ly/2uuIMUM >
(77d)	Distratora	< https://bit.ly/2SdPMi5 >
(76c)	Alvo	< https://bit.ly/31NI0Qh >
(77e)	Distratora	< https://bit.ly/2uuIT2E >

FONTE: A autora (2020)

Os resultados do experimento são apresentados na seção a seguir.

4.2.2 Resultados e discussão

Ambas as leituras ATB e não-ATB emergiram ao longo do experimento, o que condiz com as intuições para dados utilizados neste trabalho e, também, com descrições da literatura (e.g. Munn (1993), De Vries (2015)), conforme apontado no capítulo anterior. Aqui, as diferentes leituras estão sendo analisadas como resultantes de ambiguidade estrutural em construções ATB: leituras não-ATB são consideradas como resultantes de configurações de falso-ATB, ao passo em que leituras ATB poderiam ser derivadas pelas duas configurações (i.e., falso-ATB e construções ATB verdadeiras,), uma vez que a existência de duas cadeias WH distintas não obriga que suas leituras sejam, necessariamente, distintas (cf. 4.3.2.1 a seguir).

A seguir, são descritos os resultados do experimento aplicado.

TABELA 8 – RESULTADOS GERAIS DO EXPERIMENTO (teste principal)

Participante	Alvo			Distratores				
	(75a)	(75b)	(75c)	(77a)	(77b)	(77c)	(77d)	(77e)
Participante_1	3	3	3	[15]	3	10	2	1
Participante_2	9,11	[3]	9, 11	[15]	3	10	1	2
Participante_3	10,11	9,11	9,11	15	3	10	[2]	1
Participante_4	6	6	6	18	6	10	15	5
Participante_5	9,11	9,11	3	15	3	10	[2]	1
Participante_6	9,11	9,11	9,11	15	3	10	2	1
Participante_7	9,11	9,11	[3]	14	3	10	[2]	1
Participante_8	11,14	5	5	17	5	10	7	4
Participante_9	9,11	9,11	3	15	3	10	2	1

FONTE: A autora (2020)

A narrativa apresentava uma série de informações numéricas que precisavam ser manipuladas pelos informantes para responder as questões do experimento. Em razão disso, como apontado em 4.2.1 acima, a leitura foi acompanhada de apoio visual e, durante a apresentação das questões, os participantes tinham acesso a uma imagem contendo, simbolicamente, todas as informações necessárias para que respondessem o

que seria solicitado. Ainda conforme apontado em 4.2.1, o apoio visual não apresentava os dados em formato numérico, o que exigia que os participantes não apenas estivessem atentos à narrativa, mas também que contabilizassem os símbolos na imagem e fizessem algumas operações aritméticas simples a partir dessa contagem.

Dessa forma, problemas relacionados à contagem dos símbolos deram origem a alguns ruídos nas respostas obtidas. Por um lado, houve participantes que se equivocaram na contagem e, em percebendo o erro, fizeram uma retificação na resposta dada, **imediatamente**. Esses casos estão sinalizados na tabela através do uso de colchetes “[]” e a resposta aqui considerada e indicada é a versão corrigida.

Além disso, há dois participantes que realizaram a contagem de maneira sistematicamente diferente do previsto, por isso esses casos serão comentados antes da análise dos resultados propriamente dita. Isso porque, dada a sistematicidade da forma como os valores foram contabilizados, e uma vez que o teste não tinha como objetivo avaliar questões de aritmética, não há razão para se descartar as respostas em questão. Trata-se do caso do participante_4 e do participante_8. A imagem (novamente, disponível neste link: <<https://bit.ly/2ODD3me>>) apresentava, na parte superior, as partidas disputadas por cada participante ao longo da competição, e, na parte inferior, um destaque para as partidas entre Carlos e Flávia. As partidas disputadas por Marcela estavam listadas apenas uma vez.

O que o participante_4 fez foi contabilizar as partidas entre Carlos e Flávia em duplicidade, dado que os símbolos que representavam essas partidas apareciam em dois lugares da imagem projetada, cabendo ao informante observar que se tratava da mesma informação. Desse modo, suas respostas para os dados-alvo foram dadas conforme uma leitura ATB, mas partindo de uma contagem feita em duplicidade. As respostas dadas para os distratores reforçam o fato de que houve sistematicidade na forma de contagem desse participante. Para (77a), cuja resposta esperada era 15 (9 partidas vencidas por Carlos + 6 partidas vencidas por Marcela), o participante contabilizou as 9 partidas vencidas por Carlos (conforme informação na parte superior da imagem), mais 3 vitórias de Carlos contra Flávia (conforme destaque na parte inferior da imagem), mais 6 partidas vencidas por Marcela, totalizando 18. A resposta esperada para (77b) era equivalente à leitura ATB de (75a-c). Já a resposta esperada para (77c) exigia a contabilização das partidas disputadas por Marcela, informação que aparecia apenas uma vez na imagem, de forma que não houve divergência na contagem dos participantes.

A distratora (77d) era propositalmente mais complexa do que as demais, com o objetivo de diminuir a atenção dos participantes em relação à similaridade das questões-alvo. Ela exigia que o participante distinguísse as partidas da rodada final, da rodada extra, e do restante da competição e, em seguida, isolasse aquelas disputadas por Carlos e Flávia. O que o participante_4 fez, nesse caso, foi somar o destaque das 4 partidas entre Carlos e Flávia ao total de partidas de ambos ao longo da competição, assumindo que o destaque na imagem correspondia à rodada extra e que a listagem na parte superior correspondia à rodada final. Para a distratora (77e), o participante_4 somou o destaque das 4 partidas entre Carlos e Flávia ao destaque da rodada extra, da qual Marcela não participou, o que resultou na diferença entre a resposta esperada e aquela dada pelo informante (“5”).

O participante_8, por sua vez, além de realizar a contagem em duplicidade, também assumiu que todas as partidas listadas para Carlos e Flávia eram partidas entre Carlos e Flávia, e ignorou o destaque para a rodada extra. Dessa forma, como resposta para (75a) esse informante contabilizou, por um lado, as 8 vitórias de Carlos na competição, excluindo a rodada extra, mais as 3 vitórias de Carlos contra Flávia que estavam no destaque da parte inferior da imagem e, por outro, as 10 partidas disputadas por Flávia ao longo da competição, excluindo a rodada extra, mais as 4 partidas de Carlos contra Flávia que estavam listadas no destaque da parte inferior da imagem. Para (75b-c) e (77b) o informante contabilizou as 3 vitórias de Carlos contra Flávia que estavam no destaque inferior e somou-as às duas vitórias de Carlos contra Flávia listadas na parte superior da imagem, excluindo novamente a rodada extra. Dentro da forma de contagem desse participante, (77a) foi coerentemente respondida como a soma das 6 vitórias de Marcela com as 11 vitórias de Carlos contabilizadas pelo informante para (75a).

A resposta para a distratora (77d) dada pelo participante_8, novamente, excluiu da contagem o destaque da rodada extra, de modo que o informante considerou a soma das partidas entre Carlos e Flávia apresentadas no destaque inferior com as 3 partidas entre Carlos e Flávia indicadas na parte superior da imagem. Por fim, para responder (77e) o participante_8 contabilizou o destaque das partidas entre Carlos e Flávia da parte inferior da imagem.

A partir do exposto, é possível perceber que fatores extralinguísticos se interpuseram no modo como esses dois participantes realizaram a contagem. Isso, no entanto, não impede que os resultados dessas duas aplicações possam ser utilizados

aqui: houve coerência na forma como cada um deles procedeu o cômputo das partidas, e as respostas dadas para os dados-alvo podem ser interpretadas como originadas de leituras ATB e/ou não-ATB. As demais divergências em relação às respostas esperadas (caso do participante_3 e do participante_7) se devem a pequenos equívocos de contagem que podem ser desconsiderados (e.g. contar uma partida a mais ou a menos por engano) e foram apontadas pelos próprios informantes. Optei por manter a forma original da resposta nesses dois casos em razão de a correção feita pelos informantes não ter sido imediata.

Na tabela a seguir, reapresento os resultados do experimento, desta vez incluindo apenas as informações relativas aos dados-alvo e apontando o tipo de leitura que está na base da resposta dada em lugar da resposta em si (onde ATB = leitura ATB e N-ATB = leitura não-ATB).

TABELA 9 – RESULTADOS DO EXPERIMENTO (teste principal)

Participante	Alvo		
	(75a)	(75b)	(75c)
Participante_1	ATB	ATB	ATB
Participante_2	N-ATB	ATB	N-ATB
Participante_3	N-ATB	N-ATB	N-ATB
Participante_4	ATB	ATB	ATB
Participante_5	N-ATB	N-ATB	ATB
Participante_6	N-ATB	N-ATB	N-ATB
Participante_7	N-ATB	N-ATB	ATB
Participante_8	N-ATB	ATB	ATB
Participante_9	N-ATB	N-ATB	ATB

FONTE: A autora (2020)

Como é possível observar na tabela acima, alguns participantes deram respostas alternadas para os dados-alvo, o que não é inesperado, uma vez que se está considerando a existência de ambiguidade nas construções analisadas. Todos esses informantes (nomeadamente, participante_5, participante_7, participante_8 e participante_9) explicitaram que estavam dando respostas alternadas propositalmente, com o objetivo

de serem mais informativos em relação à sua compreensão da narrativa, em razão de terem sentido semelhança entre as questões apresentadas durante o experimento.

Além disso, parte dos participantes indicou considerar mais de uma resposta como possível. Em alguns desses casos (nomeadamente, participante_1, participante_5 e participante_9), o participante apresentou, espontaneamente, uma segunda resposta, complementar à primeira (i.e., uma resposta ATB se a primeira foi N-ATB e vice-versa), afirmando considerá-la igualmente possível. A resposta incluída nas tabelas acima corresponde à primeira que foi dada por esses participantes.

Os resultados listados na tabela 9 demonstram a emergência de ambas as leituras (ATB e não-ATB) em cada um dos dados-alvo analisados no teste principal. Isso indica a disponibilidade desses tipos de leitura em construções ATB, especialmente quando se leva em conta o fato de que houve casos de participantes que deram respostas alternativas e/ou explicitaram que consideram mais de uma resposta possível para os dados-alvo. Esse mesmo tipo de resultado foi obtido a partir do teste alternativo, como apontam os dados a seguir:

TABELA 10 – RESULTADOS GERAIS DO EXPERIMENTO (teste alternativo)

Participante	Alvo			Distratores				
	(76a)	(76b)	(76c)	(77a)	(77a)	(77a)	(77a)	(77a)
Participante_10	3	3	3	15	3	10	2	1
Participante_11	11,9	11,9	11,9	15	3	10	2	1
Participante_12	3	11,9	11,9	15	3	10	2	1

FONTE: A autora (2020)

Diferentemente do teste principal, o experimento alternativo feito com o grupo de controle não apresentou ruídos ou resultados divergentes das respostas esperadas. Todos os participantes do grupo de controle fizeram, espontaneamente, alguma indicação de que consideram uma resposta alternativa como igualmente possível. Assim como na descrição anterior, incluí na tabela somente a primeira resposta dada por cada informante. Tendo percebido semelhanças entre as questões apresentadas, o participante_12 também explicitou que estava dando respostas alternadas propositalmente. A tabela a seguir sintetiza os resultados.

TABELA 11 – RESULTADOS DO EXPERIMENTO (teste alternativo)

Participante	Alvo		
	(76a)	(76b)	(76c)
Participante_10	ATB	ATB	ATB
Participante_11	N-ATB	N-ATB	N-ATB
Participante_12	ATB	N-ATB	N-ATB

FONTE: A autora (2020)

Em suma, os resultados do experimento permitiram confirmar que construções ATB exibem tanto leituras ATB quanto leituras não-ATB, o que neste trabalho é descrito como decorrente da existência de diferentes estruturas subjacentes para essas construções. Na seção 4.3 a seguir serão discutidas propriedades das construções ATB verdadeiras e dos casos de falso-ATB. Antes, porém, tratarei brevemente de alguns aspectos da organização do experimento que podem ser refinados ou mesmo redefinidos a partir da experiência de aplicação dessa versão piloto.

OBSERVAÇÕES SOBRE A APLICAÇÃO DA VERSÃO PILOTO DO EXPERIMENTO

A primeira observação diz respeito ao número de participantes. Como indicado anteriormente, para a realização do piloto foram incluídos 12 participantes no total, sendo 9 no grupo principal e 3 no grupo de controle. Trata-se de um número reduzido de informantes, algo necessário por se tratar aplicação da primeira versão do experimento, mas que não permitiu, por exemplo, a randomização das questões do teste. A alternância das questões testadas entre um número maior de informantes é um dos fatores que poderia contribuir para a consolidação dos resultados, além de ajudar a diminuir potenciais ruídos. Portanto, para a aplicação de uma versão revisada do experimento deverá ser feita a inclusão de um número maior de participantes, tanto no grupo principal quanto no grupo de controle.

O número e tipo de dados testados também deverá ser ampliado, para que se obtenha uma base empírica mais robusta a respeito das leituras atribuídas a essas construções. Da mesma forma, com um maior número de informantes, faz-se necessário testar a questão da pista do CP (presença do complementizador *que*) à parte.

Além disso, tendo em vista os ruídos que emergiram nos resultados do experimento, faz-se necessária uma revisão da exposição da narrativa, que poderia

contar com uma introdução mais pormenorizada acompanhada de uma sequência de imagens adaptada para evitar equívocos na contagem, no caso de as questões alvo envolverem quantificação, como no experimento piloto. A transição entre as diferentes imagens também pode ser feita em intervalos de tempo mais longos, com o mesmo objetivo de facilitar a compreensão pelos informantes e evitar ruídos.

4.3 ASPECTOS DA PROPOSTA E DISCUSSÃO DE EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS

Nesta seção apresentarei sucintamente alguns aspectos da hipótese de trabalho delineada em 4.1, bem como dados relacionados às suas previsões empíricas. Em 4.3.1 são abordadas as construções ATB verdadeiras (Grupo A), enquanto 4.3.2 se ocupa das configurações de falso-ATB (Grupo B).

4.3.1 Grupo A: Construções ATB verdadeiras

4.3.1.1 *Características e previsões*

Conforme adiantado na seção 4.1, as construções ATB verdadeiras são caracterizadas pelo paralelismo entre as lacunas – o que é capturado pela derivação via Merge paralelo proposta por Citko (2005) e assumida aqui, e estão relacionadas à coordenação de constituintes entre TP e VP. Em todos esses casos, um único constituinte WH seria compartilhado entre as posições argumentais pertencentes à coordenação, relativamente às quais é interpretado, em uma estrutura de multidominância – o constituinte WH teria mais de um nó nulo mãe. Uma questão que poderia ser levantada em relação a essa análise é como seria estabelecida a atribuição de papéis temáticos. Dado que, ainda que tacitamente, a proposta de Citko (2005), adotada aqui, considera que a um mesmo elemento podem corresponder dois ou mais papéis temáticos, assumo que mais de um papel temático é descarregado em um mesmo DP.⁵³

Como a estrutura conta com apenas um constituinte WH, a previsão que se faz é que construções ATB verdadeiras apresentariam somente leitura ATB. Além disso, para que a linearização possa acontecer devidamente, seria preciso que o constituinte WH fosse Mergido com um elemento mais alto do que a coordenação, conforme a derivação

⁵³ A possibilidade de um único DP receber mais de um papel temático parece ser independentemente motivada, cf. Hornstein (1999).

descrita em (59-60). O resultado dessa nova operação de Merge seria uma nova relação de dominância imediata do constituinte WH, dessa vez estabelecida com um elemento fora do domínio da coordenação. Desse modo, a previsão que se faz é que construções ATB verdadeiras sempre apresentam o constituinte WH fronteado. Essa observação pode não parecer muito reveladora à primeira vista se levarmos em conta apenas os dados apresentados até este ponto. No entanto, uma vez que o sistema de Citko não é voltado especificamente para uma língua, espera-se que as ocorrências de ATB verdadeiro em línguas de WH *in situ* exibam fronteamento do sintagma WH.

Em síntese, essa parte da análise prevê que construções ATB verdadeiras exibam, **simultaneamente**:

- ✓ fronteamento do sintagma WH;
- ✓ leitura-ATB obrigatória;
- ✓ simetria nos efeitos de reconstrução nos dados envolvendo elementos sujeitos aos princípios da Teoria da Ligação.

Dessa forma, uma parcela dos dados discutidos no capítulo anterior (em especial na seção 3.3.1) passa a ser considerada como um grupo coeso, cujas propriedades de simetria interpretativa entre os termos coordenados não se dão ao acaso.

Uma vez que configurações de falso-ATB também podem dar origem a efeitos simétricos de reconstrução em alguns contextos, uma eventual **obrigatoriedade** da leitura-ATB nas construções ATB verdadeiras pode ser considerada como uma propriedade mais relevante para se testar essa parte da hipótese de trabalho aqui discutida.

4.3.1.2 Leituras ATB e não-ATB

Como consequência da proposta, tem-se a previsão de que em línguas em que, de modo geral, os sintagmas WH são realizados *in situ*, como chinês, coreano ou japonês, por exemplo, não haja sobreposição de resultados entre construções ATB verdadeiras e falso-ATB, levando à necessidade de se adotar estruturas distintas para esses dados. Nesse sentido, línguas com essas propriedades podem fornecer evidências empíricas importantes para a distinção de construções ATB verdadeiras e casos de falso-ATB. Isso

porque apenas construções ATB verdadeiras poderiam exibir uma combinação de fronteamto do elemento WH com obrigatoriedade de leitura-ATB. Essa previsão parece ser confirmada a partir de dados como (80-84):

- (80) a. *Shenme ren Zhangsan xihuan Lisi taoyan?* (Chinês)
 que pessoa Zhangsan gosta.de Lisi odeia
 '(De) Que pessoa Zhangsan gosta e Lisi odeia?'
- (81) b. *Enu salam-ul John-i cohaka-ko Mary-ka miweha-ni?* (Coreano)
 que pessoa-ACC John-NOM gosta.de-e Mary-NOM odeia-Q
 '(De) Que pessoa John gosta e Mary odeia?'
- (82) c. *Dono hito-o John-ga aisitei-te Mary-ga nikundeiru-no?* (Japonês)
 que pessoa-ACC John-NOM ama-e Mary-NOM odeia-Q
 'Que pessoa John ama e Mary odeia?'
- (CITKO, 2005, p. 489-490)

Conforme indicado por Citko (2005), dados como (80-82) permitem apenas a leitura-ATB. O dado a seguir aponta na mesma direção:

- (83) *Na-wei zuojia [_{&P} [_{IP1} Zhangsan xihuan e] [_{IP2} Lisi bu xihuan e]] ?* (Chinês)
 qual-CL escritor Zhangsan gosta.de Lisi neg. gosta.de
 'De qual escritor Zhangsan gosta mas Lisi não gosta?'
- (PAN, 2015, p. 3)

Segundo Pan (2015), a construção em (83) recebe obrigatoriamente uma leitura-ATB. O autor afirma que mesmo dados construídos com o objetivo de "induzir" uma leitura não-ATB não conseguem apresentar esse tipo de interpretação. Exemplo disso é (84), em que um classificador plural (*xie*) é utilizado para tentar forçar uma interpretação respectiva não-ATB, o que não é possível:

- (84) *Na-xie zuojia, Zhangsan xihuan, Lisi bu xihuan?* (Chinês)
 qual-CL.PL escritor Zhangsan gosta.de Lisi neg. gosta.de
 'De quais escritores Zhangsan gosta mas Lisi não gosta?'
- (int. 'Quais são os escritores, tais que Zhangsan gosta mas Lisi não gosta')
- (PAN, 2015, p. 3)

Ainda de acordo com Pan, o uso do classificador em (84) torna necessário que a resposta para a interrogativa corresponda a um conjunto de indivíduos. No entanto, não é possível que conjuntos distintos sejam associados respectivamente a cada lacuna. Nesse sentido, o conjunto referente à resposta para (84) tem, obrigatoriamente, uma leitura-ATB.

Em síntese, a formação de construções ATB verdadeiras com sintagmas fronteados em línguas que têm por padrão WH *in situ* está em acordo com a previsão feita a partir do mecanismo de derivação adotado, e a obrigatoriedade de uma leitura-ATB para esses dados indica que o agrupamento de propriedades referentes às construções ATB verdadeiras pode estar na direção correta, de modo que os dados (80-84) constituem evidência favorável à hipótese de trabalho adotada.

4.3.1.3 (As)simetrias nos efeitos de reconstrução

Além da leitura ATB obrigatória, a análise aqui adotada prevê que efeitos de reconstrução nos termos coordenados seriam simétricos, isto é, exibidos igualmente por todos os termos coordenados. Como já apontado por Citko (2005), efeitos relacionados a *Strong Crossover* são observados simetricamente, como esperado (85=(63)):

- (85) a. * Whose_i mother did we talk to and he_i never visit?
b. * Whose_i mother did he_i never visit and we talk to?

(CITKO 2005, p. 492)

No entanto, dados como (86-89) evidenciam que efeitos de reconstrução podem emergir assimetricamente nas construções em análise:

- (86) a. Which pictures of himself_i did John_i buy and Mary paint?
b. * Which pictures of herself_j did John_i buy and Mary_j paint?

(MUNN, 1993, p. 52)

- (87) a. Qual foto de si mesmo_i o João_i revelou e a Ana emoldurou?
b. * Qual foto de si mesma_j o João_i revelou e a Ana_j emoldurou?

- (88) a. * Which picture of John_i did he_i like and Mary dislike?
b. Which picture of John_i did Mary like and he_i dislike?

(CITKO, 2005, p. 494)

- (89) a. *Qual foto do João_i ele_i revelou e a Ana emoldurou?
 b. Qual foto do João_i a Ana_j revelou e ele_i emoldurou?

A partir da análise de Merge paralelo adotada para as construções ATB verdadeiras, a agramaticalidade dos dados (86b), (87b), (88a) e (89a) é prevista corretamente. Como um mesmo constituinte WH é compartilhado na estrutura de coordenação, efeitos de reconstrução não farão distinção entre TCE e TCI. Dessa forma, nos dois primeiros casos (i.e., (86b) e (87b)), haveria violação do Princípio A: ainda que haja, no TCI, um elemento capaz de ligar anáfora, a ausência de um elemento correferente no TCE faz com que a anáfora não seja ligada dentro de cada um dos domínios aplicáveis, causando a agramaticalidade das construções.

A agramaticalidade dos dados (88a) e (89a) também é prevista adequadamente a partir da análise de Merge paralelo: a indistinção entre os termos coordenados em relação a efeitos de reconstrução (dado que um único constituinte WH é compartilhado pelas posições relevantes) resulta na violação do Princípio C: a expressão referencial presente no constituinte WH seria ligada por elemento no TCE, tanto em (88a) quanto em (89a), de modo que a agramaticalidade desses dados é esperada.

O problema surge em relação aos dados positivos (86a), (87a), (88b) e (89b). Uma vez que não há distinção entre o constituinte WH em cada um dos termos coordenados (afinal de contas, trata-se do mesmo constituinte WH), os mesmos efeitos observados para seus pares agramaticais deveriam estar presentes nesses dados, isto é, nenhuma assimetria emerge nos pares acima.

Tendo isso em vista, assumo que, de fato, o mecanismo de Merge paralelo que torna possível derivar as construções ATB verdadeiras não permite a derivação dos dados (85-89). Dessa forma, os dados positivos (86a), (87a), (88b) e (89b) não poderiam ser associados a construções ATB verdadeiras. O que faz com que o segundo termo coordenado possa manifestar propriedades distintas do primeiro em relação a efeitos de reconstrução, dentro da análise aqui proposta, é exatamente a ambiguidade estrutural relacionada a dados como esses: (86a), (87a), (88b) e (89b) seriam casos de falso-ATB.

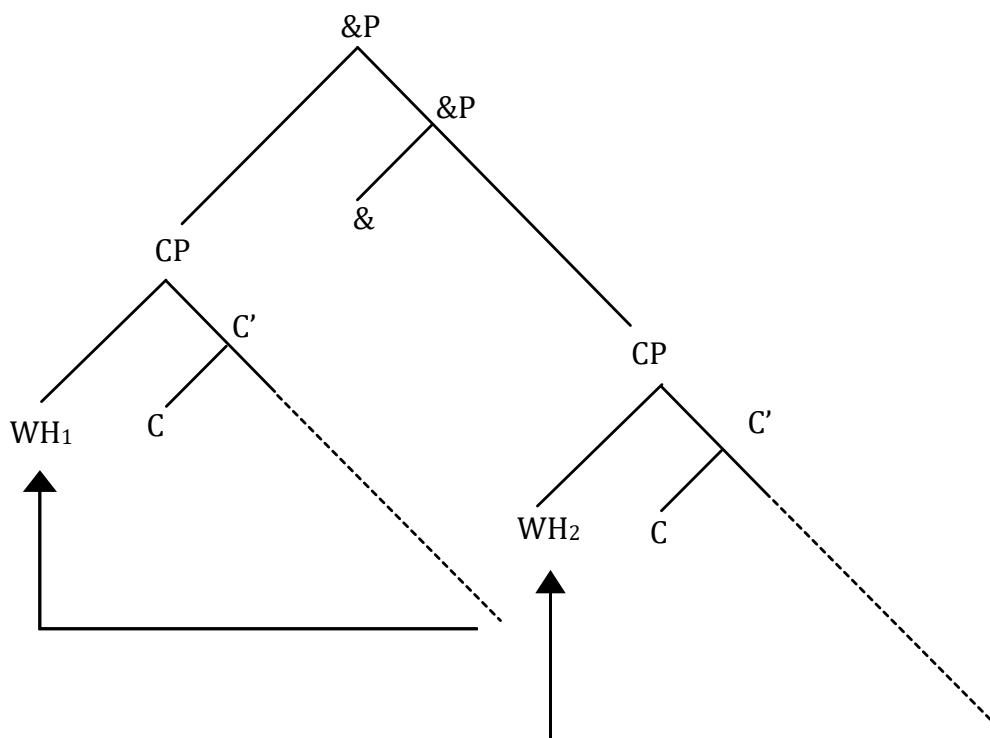
4.3.2 Grupo B: casos de falso-ATB

4.3.2.1 Características e previsões

Como adiantado no início deste capítulo, a configuração de falso-ATB está relacionada à coordenação de CPs. Proponho que esse tipo de construção é caracterizado por possibilitar uma leitura não-ATB (o que não se confunde com uma *obligatoriedade* de leitura não-ATB) e por permitir efeitos de reconstrução assimétricos. Nesse tipo de construção, cada termo coordenado teria sua cadeia de movimento WH (similarmente ao proposto por Salzmann (2012), porém com a formação de cadeias completas em todos os termos coordenados).

O sintagma WH da cadeia formada no TCI poderia ser elidido, desde que fossem garantidas condições de recuperabilidade, impostas às elipses nesse e em outros contextos (cf. Merchant (2001)). Isso tem por objetivo evitar que o conteúdo elidido seja interpretado arbitrariamente, permitindo sua relação com os elementos no TCE. A configuração em (90) sistematiza esse tratamento :

(90)



Desse modo, a leitura não-ATB teria como origem a existência de uma cadeia WH distinta para cada termo coordenado. Diferentemente do que é previsto para as construções ATB verdadeiras, nos casos de falso-ATB não há apenas uma leitura possível, pois o mecanismo permite uma leitura não-ATB sem impedir uma leitura ATB. Grosso modo, isso ocorre porque sempre é possível que, dadas duas variáveis, x e y , seja o caso que $x=2$ e $y=2$. Por outro lado, dadas duas variáveis x , **não** pode ser o caso que $x=2$ e $x=3$ simultaneamente. Assim, duas cadeias WH como no falso-ATB poderiam levar, eventualmente, a uma leitura-ATB, mas uma construção ATB verdadeira, da forma como se assume neste trabalho, não poderia levar a uma leitura não-ATB, daí a obrigatoriedade de uma leitura-ATB neste último caso em oposição à não obrigatoriedade da leitura não-ATB nas ocorrências de falso-ATB.⁵⁴

A derivação de estruturas ATB a partir de coordenação de CPs e elipse já foi proposta anteriormente na literatura. Wilder (1994) defende que apenas CPs (ou, no máximo, CPs e DPs) poderiam ser coordenados, o que o leva a propor que construções ATB em sentido estrito não existem – elas seriam sempre o resultado de duas cadeias de movimento, uma em cada termo coordenado, em interação com operações de elipse aplicadas internamente ao TCI.

Essa proposta é bastante similar à análise que discuto para configurações de falso-ATB, com uma diferença crucial: Wilder (1994) não assume a possibilidade de outras estruturas de coordenação oracional (e.g. TP&TP) nem de outras formas de derivação das construções ATB, o que faz com que as propriedades de simetria correspondentes ao ATB verdadeiro não sejam adequadamente capturadas por sua análise. Aqui, no entanto, proponho que a coordenação de CPs é apenas um dos diferentes tipos de coordenação oracional, o que permite que as propriedades empíricas previstas por uma análise como a de Wilder (1994) sejam derivadas sem o ônus de limitar a análise dada aos casos em que simetrias estão presentes, como assumo para os dados do Grupo A (construções ATB verdadeiras).

Quando se considera a coordenação de CPs à parte do fenômeno em análise neste trabalho, não há nada que obrigue que o TCI contenha uma lacuna associada ao elemento

⁵⁴ Uma formalização desse tipo de raciocínio aplicada aos dados envolvendo construções ATB pode ser encontrada em Pan (2015), ainda que tal formalização tenha outros objetivos de análise.

fronteado, nem mesmo existe qualquer exigência de que os elementos WH internos a cada termo coordenado sejam do mesmo tipo, o que está em acordo com os fatos:

(91) *Quem* a Maria encontrou _ na festa e *como* o Pedro saiu de lá _?

Apenas quando há elisão do conteúdo do CP do TCI é que surge a necessidade de que a lacuna no TCI corresponda ao elemento fronteado. Isso permite, por exemplo, obter a leitura não-ATB relacionada aos dados-alvo do experimento descrito na seção 4.2. Os dados (75), por exemplo, seriam parte da ‘família’ de (92a), um dado análogo sem elipse total do WH no TCI (tracejados indicam possibilidade de elisão):

- (92) a. Quantas partidas que o Carlos venceu e quantas partidas que a Flávia jogou?
 b. Quantas partidas que o Carlos venceu e ~~quantas partidas que~~ a Flávia jogou?
 c. Quantas partidas que o Carlos venceu e ~~quantas partidas~~ que a Flávia jogou?
 d. Quantas partidas que o Carlos venceu e quantas ~~partidas que~~ a Flávia jogou?
 e. Quantas partidas que o Carlos venceu e quantas partidas ~~que~~ a Flávia jogou?

Das configurações acima, (92b) seria equivalente, em sua forma de superfície, a uma construção ATB verdadeira. A possibilidade de uma leitura não-ATB atestada no experimento teria origem, então, na possibilidade de essa construção corresponder a um caso de falso-ATB. Da mesma maneira, o dado (93=(67a)), por exemplo, seria formado a partir da coordenação de dois CPs:

- (93) a. Que prato o cozinheiro vai criar _ hoje e o Pedro experimentou _ ontem?
 b. [_{&P}[_{CP}[Que prato] o cozinheiro vai criar _ hoje] e [_{CP}[Que prato] o Pedro experimentou _ ontem?]]

Uma outra questão que pode ser levantada em relação aos dados de falso-ATB formados por meio de coordenação de CPs (que também surge, em maior ou menor grau, para construções ATB verdadeiras) é como se garante que cada um dos termos coordenados contenha uma lacuna associada a um elemento fronteado. Assumo que, do mesmo modo que nos demais casos de coordenação, CPs precisam compartilhar certas propriedades entre si para que a coordenação seja formada adequadamente.

No caso de uma coordenação de CPs, é preciso que as propriedades relacionadas à formação da proposição sejam compatíveis, o que impede um CP associado a uma interrogativa WH de ser coordenado com um CP afirmativo ou com um CP associado a uma interrogativa polar, por exemplo. Uma vez que os termos coordenados, no caso em questão, seriam formados a partir de CPs de interrogativas WH, cada um dos termos

coordenados precisaria conter uma cadeia de movimento.⁵⁵ Isso estaria relacionado à agramaticalidade de dados como:

- (94) a. * Qual livro o Pedro comprou _ e a Maria leu São Bernardo?
 b. * Qual livro o Pedro leu São Bernardo e a Maria comprou _ ?

A ausência de uma lacuna no TCI em (94a), bem como a ausência de lacuna no TCE em (94b) seriam responsáveis pela agramaticalidade de ambos os dados. Isso porque haveria um conflito na formação da proposição associada a cada um desses dados. Em (94a) o TCE seria um CP correspondente a interrogativa WH, ao passo em que o TCI ou seria um CP de natureza afirmativa ou correspondente a interrogativa polar. Em qualquer um dos casos a coordenação falharia. Já em (94b) o TCE seria um CP ou afirmativo ou correspondente a uma interrogativa polar, enquanto o TCI seria correlato a uma interrogativa WH. Neste último dado haveria ainda um segundo fator de agramaticalidade, que seria a existência de um WH fronteado no CP TCE correspondente a uma lacuna no TCI.

Em resumo, consideradas as características das construções de falso-ATB, a previsão feita é de que suas ocorrências:

- ✓ não apresentem fronteamento do WH em línguas de WH *in situ* quando a interpretação pretendida é de leitura não-ATB (o que, nessas línguas, deve obrigar a presença de dois elementos WH visíveis e *in situ*) ;
- ✓ disponibilidade (mas não obrigatoriedade) da leitura não-ATB;
- ✓ possibilidade de assimetria nos efeitos de reconstrução nos dados envolvendo elementos sujeitos aos princípios da Teoria da Ligação.

4.3.2.2 Mais algumas questões empíricas

Dados relacionados ao experimento descrito em 4.2 e discutidos a partir do paradigma (92) evidenciam a emergência de leituras ATB e não-ATB nas configurações em análise. Em relação a esses dados, a possibilidade de leitura não-ATB foi associada,

⁵⁵ Antes de cada CP ser incluído na estrutura de coordenação, a formação dos termos coordenados aconteceria em paralelo (i.e., no momento da formação da coordenação, os termos coordenados estariam no mesmo estágio de formação), no sentido de Salzmann (2012), o que impediria que o elemento WH de cada termo coordenado surgisse em posições distintas de sua cadeia.

neste estudo, a uma configuração de falso-ATB que, como apontado acima, seria formada a partir coordenação de CPs. Esse tratamento poderia responder pelo comportamento de outros dados associados a leituras não-ATB.

Como indicado anteriormente, dados com leituras não-ATB são elencados na literatura, como por exemplo os dados do Tcheco, a seguir:

- (95) a. Jakou knížku Jana dokončila a Jirka recenzoval? (Tcheco)
 Que livro-ACC Jana-NOM terminou e Jirka-NOM revisou?
 ‘Que livro Jana terminou e Jirka revisou?’
- b. Jakou knížku Jana dokončila a Jirka z-recenzoval?
 Que livro-ACC Jana-NOM terminou e Jirka-NOM PREF-revisou?
 ‘Que livro Jana terminou e Jirka revisou?’

(BISKUP, 2019, p. 22)

Conforme descrição de Biskup (2019, p. 22), o dado (95a) pode receber igualmente tanto uma leitura ATB quanto não-ATB. A leitura ATB se tornaria a mais saliente com a modificação em (95b), em que o verbo sem prefixo *recenzoval* é substituído pela forma com prefixo *z-recenzoval*. Em outro trabalho, Biskup apresenta um dado em que a leitura não-ATB teria maior saliência em comparação com a leitura ATB:

- (96) Co Jirka spálil a Marie koupila?⁵⁶ (Tcheco)
 O que Jirka queimou e Marie comprou
 ‘O que Jirka queimou e Marie comprou?’

(BISKUP, 2017, p. 5)

Outro exemplo que se soma aos já apresentados é (97):

- (97) a. Which city did Mary vacation in and Bill decide to live?
 b. Mary vacationed in Paris and Bill decided to live in Toronto.

(MUNN, 1998, p. 2)

Munn aponta que (97b) constitui uma resposta adequada para (97a), indicando uma interpretação não-ATB para o dado. Da mesma forma, (98b) parece ser uma resposta adequada para (98a), bem como (99b) parece ser uma resposta apropriada para (99a):

⁵⁶ O autor não incluiu informações sobre morfologia de caso na glosa original, a partir da qual a glosa aqui utilizada foi feita.

- Esses dados se juntam àqueles relacionados ao experimento piloto realizado para esta pesquisa como evidência de leitura não-ATB. Trata-se, porém, de evidência inicial, que poderá ser alvo de experimentos mais abrangentes em trabalhos futuros para que se possa definir os contextos de emergência de leituras não-ATB de modo mais refinado. Para os propósitos deste trabalho, porém, assumo que, ao menos para uma parte dos dados, esse tipo de leitura está disponível e, por isso, demanda uma estrutura a partir da qual possa ser derivada.

(100) Zhangsān xīhuān shēnmé rén Lisi tāoyān shēnmé rén? (Chinês)
Zhangsan gosta.de que pessoa Lisi odeia que pessoa
'De que pessoa Zhangsan gosta e que pessoa Lisi odeia?'

(CITKO, 2005, p. 489)

(101)ká bwà àtì/*àyín Àmòak dà àtì/*àyín Àtìm dε? (Bùlì)
Q o.que C Amoak comprou C Atim comeu
‘O que Amoak comprou e Atim comeu?’
(GEORGI, 2019, p. 7)

Em Bùlì, o núcleo C apresenta realizações distintas para CPs finais (i.e., aqueles que hospedam o WH movido em sua posição final) e CPs intermediários. De acordo com Georgi (2019, p. 6-7), forma “àyín” aparece em declarativas e CPs intermediários, ao passo que a forma “àtì” seria a realização do núcleo C somente em CPs finais, o que indica que o dado em (101) é formado por meio da coordenação de CPs, com duas cadeias WH distintas e constitui evidência favorável à análise de falso-ATB.

Levando em conta a configuração das coordenações de CPs é possível considerar que essas construções também podem exibir efeitos de reconstrução assimétricos, o que é explorado a seguir.

4.3.2.3 (As)simetrias nos efeitos de reconstrução

Para discussão das (as)simetrias nos efeitos de reconstrução nos dados em análise, serão retomados os dados (85-89), aqui reordenados e reapresentados como (102-106):

- (102) a. Which pictures of himself_i did John_i buy and Mary paint?
 b. * Which pictures of herself_j did John_i buy and Mary_j paint?

(MUNN, 1993, p. 52)

- (103) a. Qual foto de si mesmo_i o João_i revelou e a Ana emoldurou?
 b. * Qual foto de si mesma_j o João_i revelou e a Ana_j emoldurou?

- (104) a. * Which picture of John_i did he_i like and Mary dislike?
 b. Which picture of John_i did Mary like and he_i dislike?

(CITKO, 2005, p. 494)

- (105) a. *Qual foto do João_i ele_i revelou e a Ana emoldurou?
 b. Qual foto do João_i a Ana_j revelou e ele_i emoldurou?

De acordo com a hipótese aqui adotada, esse tipo de dado potencialmente corresponderia a mais de uma sentença, podendo ser interpretado como construção ATB verdadeira ou como falso-ATB. No entanto, uma análise de (102a), (103a), (104b) e (105b) a partir de uma estrutura de ATB verdadeiro já foi descartada, dado que resultaria em **não sentenças**, seja por violação do Princípio A (102a), (103a), ou por violação do Princípio C (104b), (105b). Isso porque, como visto em 4.3.1.3, a análise via Merge paralelo, necessária para a constituição de construções ATB verdadeiras dentro

desta proposta, não faz distinção entre os termos coordenados no que se refere a efeitos de reconstrução.

Com isso em vista, assume-se aqui que a única análise disponível para (102a), (103a), (104b) e (105b) seria como falso-ATB. Seguindo o tratamento para efeitos de *vehicle change* elaborado por Salzmann (2012, 2013), a partir do trabalho anterior de Fiengo e May (1994) (cf. cap. 3), considero que anáforas e expressões referenciais podem estar associadas, em ambientes de elipse, a formas correspondentes a elementos pronominais. Para isso, esses correlatos pronominais estariam presentes desde o início da derivação, e precisariam ser coindexados com o elemento ao qual correspondem fora do ambiente de elipse.

Isso teria a seguinte consequência: nos domínios de elipse relevantes, efeitos de reconstrução relativos ao Princípio A e ao Princípio C corresponderiam, na prática a efeitos relativos ao Princípio B. Nesse sentido, espera-se que os pares (102-105) acima exibam efeitos de assimetria de reconstrução entre TCE e TCI, dado que apenas o TCI constitui um ambiente de elipse. Para (102-103), isso significa que o TCI teria um elemento pronominal correlato à anáfora, ao passo em que a anáfora no TCE precisaria estar ligada dentro do domínio relevante. Como em (102b) e (103b) o TCE não tem um elemento que possa ligar a anáfora, o Princípio C é violado nesses dados, que, dessa forma, são agramaticais. Já os dados (102a) e (103a), que não poderiam ser derivados por meio de Merge paralelo, seriam autorizados em razão de o TCE conter um antecedente para a anáfora. O TCI teria um estatuto distinto do TCE exatamente por se tratar de um ambiente de elipse, no qual efeitos de *vehicle change* seriam obtidos.

No caso de (104-105), a situação se inverte, uma vez que estão em jogo efeitos relacionados ao Princípio C, que, ao contrário do Princípio A, proíbe a ligação. Assim, um elemento capaz de ligar a expressão referencial no TCE inviabiliza a estrutura, como ocorre em (104a) e (105a). Já as estruturas (104b) e (105b) seriam licenciadas, uma vez que os únicos elementos que potencialmente ligariam a expressão referencial em cada um dos dados estão incluídos no ambiente de elipse (TCI).

Em síntese, ainda que os dados (102-105) sejam barrados por uma derivação via Merge paralelo e, portanto, não possam corresponder a construções ATB verdadeiras, (102a), (103a), (104b) e (105b) podem ser obtidos a partir da análise de falso-ATB, o que seria responsável pelo contraste exibido por cada um dos pares (102-105) acima. Por serem estruturas de falso-ATB, espera-se que leituras-ATB para esses dados possam

emergir em contextos apropriados, o que parece ser o caso, uma vez que (103a) pode receber uma resposta do tipo “o João revelou a foto de si mesmo na praia e a Ana emoldurou a foto dele no trabalho”, enquanto (105b) poderia receber uma resposta do tipo “a Ana revelou a foto do João na praia e ele emoldurou a foto dele no trabalho”.

Resta, porém, um caso que difere dos demais por não exibir assimetria de reconstrução:

- (106) a. * Whose_i mother did we talk to and he_i never visit?
 b. * Whose_i mother did he_i never visit and we talk to?

(CITKO 2005, p. 492)

Da análise via Merge paralelo, se segue naturalmente a agramaticalidade do par (106). No entanto, é preciso determinar o que impede que (106) seja analisado de modo similar a (104-105) acima, uma vez que efeitos de *Strong Crossover* como observados em (106) são correlatos àqueles observados em relação ao Princípio C⁵⁷, e que a partir de outros casos de elipse em coordenação é possível admitir que variáveis possam corresponder a elementos pronominais em domínios de elipse, via *vehicle change*⁵⁸.

Há algo em (106), porém, que diferencia o par dos demais exemplos. Para que (106a) pudesse ser analisada nos mesmos termos de (104b) e (105b), o elemento pronominal no domínio da elipse que garantiria o efeito de *vehicle change* precisaria corresponder ao próprio operador WH do TCE. O resultado disso seria a não formação de uma cadeia WH no TCI, de modo análogo a (94a), o que seria barrado, uma vez que a hipótese assumida neste estudo considera que configurações de falso-ATB exigem a formação de uma cadeia WH em cada termo coordenado.

4.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, procurei apresentar e discutir a hipótese assumida neste trabalho em relação às construções ATB. Foi defendido que é possível atribuir diferenças nas

⁵⁷ O que é capturado pela assunção de que variáveis de operadores compartilham características com expressões referenciais, cf. Chomsky (1981).

⁵⁸ Como em casos de *sluicing*, e.g.:

(ia) Which suspect did Abby call, and when?

(ib) [_{CP} which suspect₂ did [_{IP} Abby call *t*₂]] and [_{CP} when [_{IP} Abby call him₂]]

(MERCHANT, 2001, p. 206)

construções ATB observadas no capítulo anterior às diferentes possibilidades de coordenação oracional, dado que a existência delas é independentemente atestada. Por um lado, haveria coordenações de CPs com cadeias WH separadas em cada termo coordenado (falso-ATB). Por outro, coordenações abaixo de CP teriam a formação de configurações de compartilhamento de estrutura: um mesmo constituinte WH seria compartilhado por meio de uma derivação via Merge paralelo (CITKO 2005).

Tendo isso em vista, antes de objetivar a apresentação de um tratamento formal para os dados em estudo, a hipótese discutida neste capítulo visava explorar a interação entre a formação de interrogativas WH e coordenação de CPs e abaixo de CP, para verificar se essas possibilidades de interação permitiam derivar propriedades de construções ATB. Assim, diferentes mecanismos coexistiriam, levando a resultados de superfície que muitas vezes se sobrepõem, mas seriam instanciações de ambiguidades estruturais (que, como tentei demonstrar, nem sempre são encontradas translinguisticamente).

Para verificar as leituras atribuídas a dados analisados como ambíguos, foi realizado um pequeno experimento piloto, cujos resultados foram apresentados e discutidos neste capítulo. Tais resultados confirmam a existência de leituras ATB e não-ATB, em acordo com a análise aqui proposta. Além disso, os efeitos de assimetria de reconstrução parecem poder ser derivados adequadamente, o que favorece a análise proposta ao longo do capítulo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo abordar as extrações ATB de sintagmas WH em interrogativas. Tomando como ponto de partida alguns argumentos para a adoção de uma estrutura sintaticamente assimétrica para a coordenação, em que o TCE c-comande assimetricamente o TCI, foi adotada para os sintagmas coordenativos uma configuração que coloca o TCE como adjunto da coordenação. A partir da assunção da distinção entre categoria e segmento de categoria foi possível definir que tal estrutura dá ao TCE um estatuto dual, de pertencer ao domínio da coordenação e ao domínio externo à coordenação simultaneamente, o que parece estar em acordo com a evidência empírica.

Com base nas discussões do segundo capítulo, assumi que o núcleo dos sintagmas coordenativos é o coordenador. Além disso, assumi que elementos de quaisquer categorias podem, em princípio, ser coordenados, e que a coordenação toma como TCE e TCI projeções máximas, ainda que isso não constitua um ponto central da análise. Já em relação à descrição das extrações ATB, procurei retomar algumas das análises propostas na literatura, traçando uma divisão entre propostas de extração *simétrica* e propostas de extração *assimétrica*. As primeiras correspondem àquelas em que o procedimento de extração não distingue TCEs e TCIs enquanto as últimas propõem que a obtenção de lacunas iniciais e não iniciais depende de mecanismos ao menos em parte distintos.

As previsões feitas por cada um dos tratamentos vistos parece cobrir em maior ou menor grau as propriedades das construções em estudo, havendo dois pontos em especial para os quais não parece haver consenso (em termos de observação e de predição) entre as diferentes propostas. O primeiro diz respeito à obrigatoriedade ou não de que construções ATB tenham uma leitura-ATB, enquanto o segundo diz respeito à previsão de que possa ou não haver assimetrias nos efeitos de reconstrução.

Como hipótese de investigação, assumi que essas propriedades caracterizam dois grupos distintos de dados, que são gerados por mecanismos igualmente distintos. Por um lado, haveria os dados que exibem simetria nos efeitos de reconstrução e obrigatoriedade da leitura-ATB. Por outro, dados que permitem uma leitura não-ATB e assimetrias nos efeitos de reconstrução. Aos primeiros chamei de construções ATB

verdadeiras, por genuinamente envolverem extrações ATB, e aos últimos de falsos ATB, por serem resultantes de cadeias de movimento WH distintas.

Para o primeiro grupo, adotei a proposta de Citko (2005), em que um único sintagma WH é associado tanto ao TCE quanto ao TCI. Nessa análise, o fracionamento do WH é sempre obrigatório para permitir que a estrutura seja linearizada. Como um único elemento WH está presente na estrutura, essa análise também prevê a obrigatoriedade da leitura-ATB. Como tentei demonstrar, parece ser o caso que mesmo em línguas de WH *in situ* não apenas as construções ATB verdadeiras exigem o fracionamento como também a obrigatoriedade da leitura-ATB, o que está em acordo com o previsto.

Buscando evidências da emergência das leituras ATB e não-ATB nos dados em análise, foi realizado um experimento piloto, cujos resultados apontam para a possibilidade de os dois tipos de leituras serem atribuídos a certos dados. Tendo isso em vista, apesar de a análise de Citko (2005) prever corretamente uma parcela dos dados, correspondente às construções ATB verdadeiras, ela não dá conta adequadamente dos dados em que há assimetrias de reconstrução e em que uma leitura não-ATB é possível (falso-ATB). Como a análise de estrutura compartilhada de Citko não se aplica a coordenações de CPs, procurei demonstrar que é possível que este último tipo de dado apresente propriedades conflitantes em relação ao primeiro exatamente por ser derivado de maneira distinta, por meio de coordenação de CPs. O resultado de superfície de uma interrogativa WH formada por meio de uma coordenação de CPs poderia se sobrepor a construções ATB verdadeiras quando há movimento realizado abertamente combinado com elipse do elemento WH no TCI.

Essa possibilidade se segue da assunção de que sintagmas de qualquer categoria poderiam figurar em coordenações, uma vez que nada parece impedir que CPs correspondentes a interrogativas WH sejam coordenados (e.g. *Qual livro você comprou e qual livro ele vendeu?*). Nesse sentido, estaríamos lidando com um caso de ambiguidade estrutural. Isso parece ficar ainda mais claro a partir de evidência translinguística. O fato de que em línguas como chinês uma leitura não-ATB exige uma construção distinta, com dois elementos WH realizados *in situ*, reforça a hipótese de que há dois tipos diferentes de estrutura por trás dos dados em análise. Trata-se de uma análise tentativa, que poderá demandar um maior refinamento em trabalhos futuros, mas que tem como vantagem tomar como ponto de partida noções que já seriam assumidas de modo independente.

Além disso, restringir, de saída e por completo, a coordenação de um tipo de categoria demandaria mecanismos adicionais, que, do mesmo modo, seriam necessários para impedir a ocorrência de interrogativas WH associadas a coordenações oracionais de uma ou outra categoria. Sendo assim, parece ser mais econômico permitir que as ‘diferentes alturas’ para a coordenação oracional sejam relacionadas a interrogativas WH para que possíveis restrições, se houver, sejam desenvolvidas a partir de futura evidência empírica contra um ou outro tipo de formação de interrogativa WH em estruturas coordenadas.

REFERÊNCIAS

AOUN, J.; BENMAMOUN, E.; SPORTICHE, D. Agreement, word order, and conjunction in some varieties of Arabic. **Linguistic inquiry**, v. 25 n.2 p. 195-220. 1994

BISKUP, P. **Prepositions, case and verbal prefixes**: The case of Slavic. John Benjamins Publishing Company, 2019.

_____. **Case Syncretism in Russian, Polish and Czech ATB Constructions**. 2017 (Manuscrito disponível em: < <https://ling.auf.net/lingbuzz/003554>>)

BOECKX, C. **Syntactic Islands**. Nova York: Cambridge University Press, 2012.

BOŠKOVIĆ, Ž. **On the Coordinate Structure Constraint, Across-the-Board-Movement, Phases, and Labeling**. 2018 (Manuscrito disponível em: <<https://ling.auf.net/lingbuzz/003894>>)

BOŠKOVIĆ, Ž.; FRANKS, S. Across-the-board movement and LF. **Syntax**, v. 3, n. 2, p. 107-128. 2000

BRUENING, B.; AL KHALAF, E. **Reconstruction and Linear Order in ATB Movement and Parasitic Gap Constructions**. 2017 (Manuscrito disponível em: <<https://udel.edu/~bruening/Downloads/ATBMvmtLinear4.4.pdf>>)

CARREIRA, M. B. **Predicação e ambiguidade de projeção**: uma teoria unificada. 2015. 193 f. Tese (Doutorado) - Doutorado em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CHOMSKY, Noam. **Current issues in linguistic theory**. The Hague: Mouton. 1964.

_____. **Lectures on Government and Binding**: The Pisa Lectures. Dordrecht: Foris Publications. 1981

_____. **Barriers**. Cambridge: MIT Press. 1986.

_____. On formalization and formal linguistics. **Natural language & Linguistic theory**, v. 8, p. 143-147. 1990

_____. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press. 1995.

_____. Beyond explanatory adequacy. **MIT Occasional Papers in Linguistics (MITWPL)**, n. 20, p. 1-28. 2001.

CITKO, B. On the nature of Merge: External Merge, Internal and Parallel Merge. **Linguistic Inquiry**, v. 36, p. 475-497. 2005.

_____. **Symmetry in Syntax: Merge, Move, and Labels**. Nova York: Cambridge University Press. 2011

COLAÇO, M.; GONÇALVES, A. <V-and-V> constructions in Portuguese: The case of <ir and V>. In.: KATO, Mary A.; ORDOÑEZ, Francisco (Ed.). **The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America**. Oxford University Press. 2016. p. 135-156

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: João Sá da Costa. 1984

DAOUD, S. E. R. **Aspectos da negação sintática com o operador NEM em português brasileiro**. 2017. 65 f. Monografia (Graduação) — Curso de Letras, UFPR, Curitiba, 2017

DE VOS, M. A. **The syntax of pseudo-coordination in English and Afrikaans**. 2005. 251 f. Tese (Doutorado) – LOT: Netherlands graduate school of linguistics, 2005.

DE VOS, M. A. An argument for VP coordination: scene-setting coordination and weak islands. **Southern African Linguistics and Applied Language Studies**, v. 27, n. 1, p. 1-23. 2009

FERNÁNDEZ-SALGUEIRO, G. **Aspects of the Syntax of (TP-)Coordination, Across-The-Board Extraction, and Parasitic Gaps**. 2008. 132 f. Tese (Doutorado), University of Michigan, 2008.

FIENGO, R.; MAY, R. **Indices and identity**. Cambridge: MIT Press. 1994.

GAVIOLI-PRESTES, C. M. **A descrição estrutural de orações relativas fortemente livres e construções correlatas**. 2016. 244 f. Tese (Doutorado) - Doutorado em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

GEORGI, D. **On the nature of ATB-movement: insights from reflexes of movement**. 2019 (Manuscrito disponível em: <<https://ling.auf.net/lingbuzz/004570>>)

GOLDSMITH, J. A. A principled exception to the Coordinate Structure Constraint. In: **CLS 21: Papers from the General Session**, p. 133–143. Chicago Linguistic Society, University of Chicago. 1985.

GOODALL, G. **Parallel Structures in Syntax: Coordination, Causatives and Restructuring**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

GRAČANIN-YUKSEK, M. Linearizing multidominance structures. In. BIBERAUER, T.; ROBERTS, I. (Eds.) **Challenges to Linearization**. De Gruyter: Mouton. 2013. p. 114 – 269.

HARTMANN, K. **Right node raising and gapping: Interface conditions on prosodic deletion**. John Benjamins Publishing. 2000

HASPELMATH, M. Coordinating constructions: an overview. In: HASPELMATH, M. ed. **Coordinating constructions**. Amsterdã: John Benjamins. 2004. p. 3-41

HEIN, J.; MURPHY, A. **Case matching and syncretism in ATB-dependencies** (Manuscrito disponível em: < <https://ling.auf.net/lingbuzz/002912> >)

HORNSTEIN, N. Movement and Control. **Linguistic Inquiry**, v. 30, p. 69-96. 1999.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J. On asymmetries between parasitic gap and Across-The-Board constructions. **Syntax**, v. 5, p. 26-54. 2002.

JOHANNESSEN, J. **Coordination**. Oxford: Oxford University Press. (1998)

_____. The syntax of correlative adverbs. **Lingua**, v. 115, p. 419-443. 2005.

KAYNE, R. **Connectedness and Binary Branching**. Foris: Dordrecht. 1984.

_____. **The antisymmetry of syntax**. Cambridge: MIT Press. 1994

KNÖPFLE, A. **Resultativas em línguas ocidentais germânicas**: generalizações descritivas, descobertas empíricas e questões analíticas. 2014. 236 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014

LAKOFF, G. Frame semantics control of the coordinate structure constraint. In: **CLS 22: Papers from the parsession on pragmatics and grammatical theory**, p. 152-167, Chicago Linguistic Society, University of Chicago. 1986.

In: **CLS 21: Papers from the General Session**, p. 133-143. Chicago Linguistic Society, University of Chicago. 1985.

MAY, R. **Logical Form: Its Structure and Derivation**. Cambridge: MIT Press. 1985

MERCHANT, J. **The syntax of silence**: Sluicing, Islands, and the Theory of Ellipsis. New York: Oxford University Press. 2001

MUNN, A. B. **Topics in the Syntax and Semantics of Coordinate Structures**. 1993. 216 f. Tese (Doutorado), University of Maryland, Maryland. 1993.

_____. ATB movement without identity. In: AUSTIN, J.; LAWSON, A. (Eds.) **Proceedings of ESCOL 97**. Cornell University. 1998. p. 23-33

_____. Three types of coordination asymmetries. In: SCHWABE, K; ZHANG, N. (Eds.), **Ellipsis in Conjunction**. Tübingen: Niemeyer. 2000. p. 1-22

MOHAMMAD, M. A. **The sentential structure of Arabic**. 1989. 290 f. Tese (Doutorado) University of Southern California, 1989.

MORITA, H. Comparison of Japanese and Korean Nominal Coordination Structures. **Bulletin of the Graduate School of International Cultural Studies (Aichi Prefectural University)** n. 19. 2018. p. 21-55.

NUNES, J. Bare X'-Theory and Structures Formed by Movement. **Linguistic Inquiry**, v. 29, n. 1, p. 160-168. 1998.

ODA, H. Two types of the Coordinate Structure Constraint and rescue by PF deletion. In: LAMONT, A.; TETZLOFF, K. eds. **Proceedings of NELS 47**, p. 343-356. Amherst: GLSA. 2017

OSHIMA, S.; KOTANI, K. A Minimalist Analysis of Coordination: Deconstructing the Coordinate Structure Constraint. **English Linguistics**, v. 25, n. 2, p. 402-438. 2008.

PAN, V. **ATB-topicalization in Mandarin Chinese: an Intersective Operator Analysis**. 2015 (Manuscrito disponível em: <<https://ling.auf.net/lingbuzz/002391>>)

POSTAL, P. Parasitic gaps and the across-the-board phenomenon. **Linguistic Inquiry**, v. 24, p. 735-754. 1993.

PROGOVAC, L. Structure for coordination. Part I and II. **Glott International**, v. 3, n. 7, p. 3-6 e v. 3, n. 8, p. 3-9. 1998.

_____. Coordination, c-command and 'logophoric' n-words. In: HORN, L. R.; KATO, Y. eds. **Negation and polarity: Syntactic and semantic perspectives**. Nova York: Oxford University Press. 2000. p. 88-114.

ROSS, J. R. **Constraints on Variables in Syntax**. 1967. 523 f. Tese (Doutorado), Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1967.

ROTHSTEIN, S. Heads, projections and category determination. In: LEFFEL, K.; BOUCHARD, D. eds. **Views on phrase structure**. Dordrecht: Kluwer. 1991. p. 97-112.

SAG, I. A.; GAZDAR, G.; WASOW, T.; WEISLER, S. Coordination and how to distinguish categories. **Natural Language & Linguistic Theory**. v. 3, n. 2, p. 117-171. 1985

SALZMANN, M. A derivational ellipsis approach to ATB-movement. **The Linguistic Review**, v. 29, p. 397-438. 2012.

SALZMANN, M. Deriving reconstruction asymmetries in ATB by means of ellipsis. In. FAINLEIB, Y.; LACARA, N.; PARK, Y. (Eds.): **Proceedings of the 41st Annual Meeting of the North East Linguistic Society**. v.1, p. 179-192. Amherst, GLSA. 2013

TE VELDE, J. R. **Deriving Coordinate Symmetries**. John Benjamins Publishing Company. 2005

VICENTE, L. ATB extraction without coordination. **Proceedings of NELS. GLSA**, Amherst. 2016.

de VRIES, M. **Parataxis as a Different Type of Asymmetric Merge**. 2004. (Manuscrito disponível em < <https://ling.auf.net/lingbuzz/000038>>)

_____. Coordination and Syntactic Hierarchy. **Studia Linguistica**, v. 59, p. 83-105. 2005.

_____. **Across-the-Board Phenomena**. 2015. (Manuscrito disponível em < <https://ling.auf.net/lingbuzz/002435>>)

WEISSER, P. In Between Subordination and Coordination: A Minimalist Analysis of the Le Subordinating and-Construction. **Rule Interaction in Grammar**. 2013

_____. **Derived Coordination: A Minimalist Perspective on Clause Chains, Converbs and Asymmetric Coordination**. 2015. 319 f. Tese (Doutorado), Universität Leipzig, Leipzig, 2015.

WILDER, C. Coordination, ATB, and ellipsis. **Groninger Arbeiten zur germanistischen Linguistik**, v. 37, p. 291-331. 1994

WILLER GOLD, J, et al. When linearity prevails over hierarchy in syntax. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America** v. 115, n. 3. 2018. p., 495-500.

WILLIAMS, E. Across-the-board rule application. **Linguistic Inquiry**, v. 9, p. 31-43. 1978.

_____. The ATB theory of parasitic gaps. **The Linguistic Review**, v. 6, p. 265-279. 1990.

ZHANG, N. N. **Coordination in Syntax**. Nova York: Cambridge University Press. 2010